



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FRANCINE NESELLO

**VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES
DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE LONDRINA:
CARACTERIZAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS**

LONDRINA
2014

FRANCINE NESELLO

**VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES
DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE LONDRINA:
CARACTERIZAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Selma Maffei de Andrade

LONDRINA
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

N459v Nesello, Francine.

Violência escolar contra professores da rede estadual de ensino de Londrina :
caracterização e fatores associados / Francine Nesello. – Londrina, 2014.
156 f. : il.

Orientador: Selma Maffei de Andrade.

Mestrado (Dissertação em Saúde Coletiva) – Universidade
Estadual de Londrina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-
Graduação em Saúde Coletiva, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Violência escolar – Professores – Teses. 2. Professores – Saúde e
trabalho – Teses. 3. Professores e alunos – Teses. 4. Estudos transversais
– Teses. I. Andrade, Selma Maffei de II. Universidade Estadual de Londrina.
Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Saúde
Coletiva. III. Título.

CDU

FRANCINE NESELLO

**VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES
DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE LONDRINA:
CARACTERIZAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Selma Maffei de Andrade

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edinilsa Ramos de Souza
Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde
Jorge Careli (CLAVES)
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

Profa. Dra. Wladithe Organ de Carvalho
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Selma Maffei de Andrade
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 30 de abril de 2014.

Aos meus pais,

que sempre estiveram ao meu lado, compartilhando e incentivando meus sonhos. A eles dedico a minha conquista, com profunda admiração e respeito.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela bênção da vida e por seu imenso amor. Por me permitir sonhar e lutar pelos meus sonhos. Por me mostrar que tudo tem seu tempo, e que confiar minha vida em suas mãos é sempre a melhor decisão.

Aos meus pais, Florindo e Laurita, e ao meu irmão, Tales, pela construção de uma família alicerçada na fé e no amor, onde sempre encontro incentivo e coragem para seguir em frente. Eu amo muito vocês.

Ao meu noivo e melhor amigo, Danilo, que incondicionalmente permanece ao meu lado, me apoiando e torcendo por cada conquista. A nós, desejo uma vida inteira lado a lado.

À minha querida orientadora Professora Selma, por seus ensinamentos e exigências; por proporcionar inúmeros momentos de reflexão e construção de um caminho acadêmico e me mostrar quão bonito pode ser um processo de orientação. Sempre serei sua admiradora.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, que durante esses dois anos, tornaram o processo de aprendizado possível. Nas disciplinas, nas reuniões ou nos corredores, sempre houve muita dedicação e carinho.

Aos professores Arthur e Alberto, que muito contribuíram (e contribuem) com esta pesquisa, desde sua concepção.

Aos bons amigos que fiz nesse período. Vocês tornaram esse processo mais leve e divertido.

À amiga Hellen, pelas contribuições na construção deste trabalho e pelo auxílio nas análises estatísticas.

Aos colegas do Projeto Pró-Mestre, especialmente, Marcela, Renne, Ana, Natália e Alessandra. A coleta de dados foi dura, mas os momentos bons sempre ficarão na minha memória.

Aos Professores da rede estadual de ensino de Londrina, pelo tempo e atenção despendidos. A contribuição de cada um de vocês foi essencial para a realização desta pesquisa.

Ao Núcleo Regional de Educação da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, por autorizar a realização desse projeto.

Às Professoras Edinílsa Ramos de Souza e Wladithe Organ de Carvalho, pelas contribuições que fizeram na qualificação desta pesquisa.

Às funcionárias da Seção de Pós-Graduação do Centro de Ciências da Saúde, Sandra e Camila, pela atenção e ajuda em diversos momentos do mestrado.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudo, que possibilitou minha dedicação exclusiva ao mestrado.

A todos que, de alguma maneira, contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

NESELLO, Francine. **Violência escolar contra professores da Rede Estadual de Ensino de Londrina: caracterização e fatores associados**. 2014. 156f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2014.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi caracterizar manifestações de violência escolar contra professores e verificar fatores associados a esses eventos. Trata-se de um estudo epidemiológico do tipo transversal. A população de estudo foi composta por 789 professores das 20 maiores escolas da Rede Estadual de Ensino do município de Londrina, que atuavam no ensino fundamental ou médio por pelo menos um ano. Foram obtidas informações por entrevistas e por um questionário autorrespondido, no período de agosto de 2012 a junho de 2013. Os dados foram duplamente digitados em banco criado no programa Epi Info versão 3.5.4 e tabulados usando o programa *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 19.0. A análise descritiva foi realizada por meio de frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central e de dispersão. Realizou-se regressão de Poisson pelo método *forward*, com cálculos de razão de prevalência e intervalo de confiança de 95% para cada um dos grupos de violência relatada (psicológica, física e sexual), tendo como variáveis independentes características sociodemográficas e do trabalho. Dos professores entrevistados, 71,1% relataram ter sofrido algum tipo de violência na escola nos 12 meses anteriores à pesquisa. A forma de violência mais relatada foram insultos e gozações de alunos (55,4%), seguidos de ameaças (21,4%) e exposição a situações humilhantes ou constrangedoras por colegas ou superiores (17,5%). As formas menos mencionadas foram agressões (ocorridas ou tentativas) físicas (7,9%), com armas brancas (0,8%) ou de fogo (0,5%). Entre os grupos de violência, a psicológica foi a mais frequentemente reportada (64,1%) e associou-se, após ajustes, à total ou parcial falta de realização profissional e ao relacionamento ruim ou regular com superiores e alunos. O grupo de violência física (8,4%) apresentou associação com as variáveis: lecionar para o nível fundamental, ter contrato do tipo não estatutário com o Estado e já ter sofrido violência fora da escola. Por fim, a violência sexual (14,1%) associou-se às características ser do sexo masculino, mais jovem (< 35 anos), não ter companheiro e ter carga horária elevada com alunos (≥ 32 horas). Os fatores associados à violência psicológica e física estão mais relacionados às características do trabalho, enquanto que aqueles associados à violência sexual, mais às características sociodemográficas. Essas características podem ser expressão das condições concretas de trabalho e de vida dos professores estudados e revelam um perfil de docentes mais vulneráveis à violência, que muitas vezes extrapola o ambiente escolar.

Palavras-chave: Violência, Escola, Docentes, Estudos transversais.

ABSTRACT

NESELLO, Francine. **School violence against teachers of state public schools in the city of Londrina: characterization and associated factors.** 2014. 156f. Dissertation (Master's Degree in Collective Health) – State University of Londrina, 2014.

ABSTRACT

This cross-sectional epidemiological study aimed to characterize incidents of school violence against teachers and to verify factors associated to these events. The study population was made up of 789 teachers of the 20 largest state public schools of the city of Londrina who had been working with elementary or high school for at least a year. The information was obtained from interviews and a self-reported questionnaire between August, 2012 and June, 2013. The data were input in duplicate in a database created in the software Epi Info version 3.5.4 and tabbed using the software Statistical Package for the Social Sciences version 19.0. The descriptive analysis was carried out through absolute and relative frequencies, measurements of central tendency and dispersion. Poisson regression was performed using the forward method with calculations of the prevalence ratio and 95% confidence interval for each of the groups of violence reported (psychological, physical, and sexual) using sociodemographic and work characteristics as independent variables. Of the teachers interviewed, 71.1% reported having suffered some sort of violence in the school in the 12 months prior to the research. The most commonly reported form of violence was insults and mockery from students (55.4%) followed from threats (21.4%) and exposition to humiliating or embarrassing situations by colleagues or superiors (17.5%). The least mentioned forms of violence were assaults (actual or attempted) using physical force (7.9%), blade weapons (0.8%), or firearms (0.5%). Among the violence groups, the psychological one was the most commonly reported (64.1%) and was associated, after adjustments, to a total or partial lack of professional satisfaction and to a poor or regular relationship with superiors and pupils. The physical violence group (8.4%) was associated with the following variables: Teaching in elementary school, having a non-statutory contract with the state government, and having suffered violence out of the school. Finally, sexual violence (14.1%) was associated to being male, younger (< 35 years old), single, and having a high workload with the students (≥ 32 hours). The factors associated with psychological and physical violence are more closely related to work characteristics, while those associated to sexual violence are more closely related to sociodemographic characteristics. These characteristics may express the actual work and life conditions of the teachers studied and reveal a profile of teachers more vulnerable to violence, which often extrapolates the school environment.

Keywords: Violence, School, Teachers, Cross-sectional studies.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Modelo ecológico para compreensão da violência.....	26
Figura 2. Localização das escolas selecionadas para a pesquisa no município de Londrina (PR), 2012-2013.	40
Figura 3. Fluxograma da população pesquisada, Londrina (PR), 2012-2013.	56
Figura 4. Frequência de professores que relataram ter sofrido ao menos um tipo de violência, em toda a carreira e nos 12 meses anteriores à pesquisa.	61
Figura 5. Frequência de relatos de violência escolar contra professores nos 12 meses anteriores à pesquisa, segundo grupos de natureza da violência, Londrina (PR), 2012-2013.	62
Figura 6. Quadro síntese dos fatores associados aos grupos de natureza de violência, Londrina (PR), 2012-2013.	75

LISTA DE TABELAS

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Descrição das características sociodemográficas dos professores da rede estadual de ensino, Londrina (PR), 2012-2013.....	57
Tabela 2. Descrição das características relacionadas ao trabalho dos professores da rede estadual de ensino, Londrina (PR), 2012-2013.	58
Tabela 3. Descrição das características de realização profissional e relacionamentos dos professores da rede estadual de ensino, Londrina (PR), 2012-2013.....	59
Tabela 4. Frequência de relatos das manifestações de violência escolar contra professores da rede estadual de ensino segundo o tipo de violência e o tempo de sua ocorrência, Londrina (PR), 2012-2013.....	61
Tabela 5. Análise bivariada da associação das características sociodemográficas dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência psicológica na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.	63
Tabela 6. Análise bivariada da associação das características relacionadas ao trabalho dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência psicológica na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.....	64
Tabela 7. Análise bivariada da associação das características de realização profissional, relacionamentos e violência fora da escola dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência psicológica na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.	65
Tabela 8. Regressão de Poisson dos fatores associados ao relato de violência psicológica na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.	66
Tabela 9. Análise bivariada da associação das características sociodemográficas dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência física na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.....	67
Tabela 10. Análise bivariada da associação das características relacionadas ao trabalho dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência física na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.	68

- Tabela 11. Análise bivariada da associação das características de realização profissional, relacionamentos e violência fora da escola dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência física na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.....69
- Tabela 12. Regressão de Poisson dos fatores associados ao relato de violência física na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.....70
- Tabela 13. Análise bivariada das características sociodemográficas dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência sexual na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.....71
- Tabela 14. Análise bivariada das características relacionadas ao trabalho dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência sexual na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.....72
- Tabela 15. Análise bivariada das características de realização profissional, relacionamentos e violência fora da escola dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência sexual na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.73
- Tabela 16. Regressão de Poisson dos fatores associados ao relato de violência sexual na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.....74

LISTA DE ABREVIATURAS

LISTA DE ABREVIATURAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Intervalo de confiança
LDB	Lei de Diretrizes e Bases Educacionais
NRE	Núcleo Regional de Ensino
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PDE	Programa de Desenvolvimento Educacional
PPGSC	Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
RP	Razão de Prevalência
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	VIOLÊNCIA.....	23
1.2	VIOLÊNCIA ESCOLAR	27
1.3	VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA O PROFESSOR	29
1.4	JUSTIFICATIVA DO ESTUDO.....	33
2	OBJETIVOS	35
2.1	OBJETIVO GERAL	36
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	36
3	METODOLOGIA	37
3.1	DELINEAMENTO DE ESTUDO	38
3.2	LOCAL DO ESTUDO	38
3.3	POPULAÇÃO DO ESTUDO.....	40
3.3.1	Critérios de Inclusão.....	41
3.3.2	Critérios de Exclusão.....	41
3.3.3	Perdas	41
3.4	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E ESTUDO PILOTO	42
3.5	TREINAMENTO DA EQUIPE	42
3.6	COLETA DE DADOS	43
3.7	PROCESSAMENTO DOS DADOS	44
3.8	VARIÁVEIS E CATEGORIAS	44
3.8.1	Variáveis Sociodemográficas	45
3.8.2	Variáveis Relacionadas ao Trabalho.....	47
3.8.3	Sofrer Violência Fora da Escola	49
3.8.4	Variáveis Relacionadas a Violência Escolar.....	50
3.9	ANÁLISE DOS DADOS	52
3.10	ASPECTOS ÉTICOS.....	53
4	RESULTADOS	54
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO.....	55
4.2	VIOLÊNCIA ESCOLAR SOFRIDA PELO PROFESSOR	60

4.3	FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES	62
4.3.1	FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA ESCOLAR PSICOLÓGICA	62
4.3.2	FATORES ASSOCIADOS A VIOLÊNCIA FÍSICA	66
4.3.3	FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA SEXUAL	70
5	DISCUSSÃO	76
5.1	ASPECTOS GERAIS	77
5.2	VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES.....	80
5.3	FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES	84
6	CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
	APÊNDICES	105
	APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	106
	APÊNDICE B - MANUAL DO ENTREVISTADOR	127
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	150
	ANEXOS	152
	ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	153
	ANEXO B - AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO	155
	ANEXO C - AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	156

1 INTRODUÇÃO

1.1 VIOLÊNCIA

A violência é um fenômeno sócio-histórico que acompanha toda a experiência da humanidade. Além de fatores sociais e históricos, a complexidade e a multicausalidade da violência envolvem também fatores contextuais, estruturais, culturais, conjunturais, interpessoais, mentais e biológicos, atingindo uma gama variada de pessoas, grupos, instituições e povos (ASSIS; MARRIEL, 2010; MINAYO, 2003)

A violência não se apresenta de forma única e estática, mas se manifesta de modo peculiar em espaços sociais distintos, pois é influenciada pela cultura e ressignificada segundo valores e normas sociais (MACEDO; BOMFIM, 2009; OPAS, 2002). É um fenômeno resultante das relações, da comunicação e dos conflitos de poder, e tem seu bojo conceitual determinado tradição sociocultural e a experiência de vida de cada indivíduo (ASSIS; MARRIEL, 2010; MINAYO, 2006).

Krug e colaboradores (2002), no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), definem a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, perturbação do desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002, p.5).

Dahlberg e Krug (2006) destacam três pontos principais dessa definição. Em primeiro lugar, a intencionalidade associada à prática do ato violento, independente do resultado produzido. Em segundo, a inclusão da palavra “poder” amplia a natureza de um ato violento e expande o entendimento convencional de violência, de modo a incluir atos que resultam de uma relação de poder, como ameaças e intimidações. Por fim, a ampliação do conceito de violência para além de consequências físicas, incluindo também as psicológicas, a deficiência de desenvolvimento e a privação.

Ainda de acordo com a OMS, a violência pode ser classificada quanto à tipologia e natureza. Com relação à primeira, violências do tipo autoinfligida incluem comportamentos suicidas e de autoabuso. Do tipo interpessoal, atos violentos que ocorrem entre familiares e parceiros íntimos, ou entre pessoas sem laços de

parentesco, mas em locais frequentados em comum, como escolas, locais de trabalho e vias públicas. A do tipo coletiva é representada pela violência social, política e econômica (KRUG et al., 2002).

A natureza dos atos violentos pode ser classificada em quatro modalidades de expressão, com formas e intencionalidades diferentes: violência física, psicológica, sexual e negligência. A violência de natureza física é considerada como o uso da força ou poder com o objetivo de ferir, causar dor ou incapacidade. É a forma de violência mais facilmente identificada em decorrência da gravidade das lesões e suas consequências, podendo levar, em circunstâncias mais graves, à morte (MARTINS; JORGE, 2009; MINAYO, 2006; PALAZZO et al., 2008). No Brasil, foram registrados 50.108 crimes violentos letais intencionais no ano de 2012, correspondente à taxa de 25,8 para cada 100.000 habitantes. Entre esses crimes, estão os homicídios dolosos, latrocínios e lesões corporais seguidas de morte (BRASIL, 2013).

Todavia, existem outras formas de violência mais sutis e difíceis de serem percebidas, como por exemplo, os abusos psicológicos, cuja detecção depende, muitas vezes, de esforços multiprofissionais (GUIMARÃES; VILLELA, 2011). O abuso psicológico é perpetrado com o intuito de aterrorizar ou humilhar a vítima, principalmente por meio de agressões verbais e ameaças. As ameaças caracterizam-se por promover insegurança no outro ao ponto de fazer com que o mesmo se submeta aos desígnios de quem a comete. Podem ser de maior ou menor gravidade e dependem da forma como são feitas e do conteúdo (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009).

O assédio moral também é uma forma de violência psicológica. Caracterizado por condutas abusivas por meio de palavras, atos ou comportamentos, ocorre entre pessoas com relações de trabalho estabelecidas. Além disso, a prática do assédio moral envolve uso intencional de poder e, em geral, ocorre de forma repetitiva por período de tempo prolongado (CAHÚ et al., 2011; CAMPOS et al., 2012). Outra forma de violência, o *bullying*, tem sido atribuído por alguns autores à agressão psicológica ou física que ocorre especificamente entre escolares, crianças e adolescentes (LOPES NETO, 2005; RISTUM, 2010).

O abuso sexual constitui outra natureza de violência. É definido como tentativa ou ato sexual, investidas ou comentários indesejáveis contra a sexualidade

de uma pessoa, em relações hetero ou homossexuais. Essa forma de violência é imposta por meio de coerção, aliciamento, ameaças, e até mesmo violência física (KRUG et al., 2002; MINAYO, 2006) No Brasil, a taxa de estupros no ano de 2012 foi de 26,1 para cada 100.000 habitantes, revelando aumento de 18%, comparado ao ano de 2011 (BRASIL, 2013).

A negligência ou abandono inclui a ausência, recusa ou deserção de cuidados para alguém que deles necessite. Em crianças, expressa-se na falta de alimentos, roupas, cuidados escolares, médicos e outros essenciais ao desenvolvimento infantil. Geralmente se apresenta em situações limítrofes entre pobreza e maus-tratos, em que é difícil diferenciar práticas abusivas da impossibilidade de prover esses requisitos em baixas condições econômicas. Em idosos, a negligência pode ou não envolver uma tentativa consciente ou intencional de infligir sofrimento físico ou emocional ao idoso. Quadros de dependência total ou parcial, ausência de companheiro e ter os filhos como cuidadores, os quais muitas vezes acumulam essa função com outro trabalho, são fatores potencialmente associados à negligência doméstica, uma das formas de violência mais presentes no país com essa população (KRUG et al., 2002; MINAYO, 2006; QUEIROZ; LEMOS; RAMOS, 2010).

A classificação da violência em tipologias e naturezas diversas auxilia no processo de compreensão do fenômeno da violência, pois capta a natureza dos atos violentos, as prováveis motivações da violência, e considera o cenário e a relação entre perpetrador e vítima, formando uma complexa interação de fatores individuais, de relacionamentos, comunitários e sociais (KRUG et al., 2002).

O modelo ecológico explicativo da violência, proposto pela OMS (KRUG et al., 2002) explora a relação entre esses fatores e considera a violência como produto dos múltiplos níveis de influência sobre o comportamento. Esse modelo está apresentado na Figura 1.

No primeiro nível do modelo estão compreendidas características individuais que aumentam a possibilidade de uma pessoa ser vítima ou um perpetrador da violência. Além de fatores biológicos e demográficos, como sexo, idade e raça/cor, fatores relacionados à personalidade, uso de substâncias tóxicas, histórico de agressão e abuso são considerados neste nível (KRUG et al., 2002).

Figura 1. Modelo ecológico para compreensão da violência.

Fonte: Krug et al. (2002)

O segundo nível refere-se às características de relações sociais próximas, como relacionamento com companheiros, membros da família, e entre atores escolares, por exemplo. O terceiro nível analisa o contexto comunitário onde essas relações são estabelecidas, como a escola, locais de trabalho e bairros. São características do cenário associados à violência. Por fim, o último nível do modelo diz respeito às normas sociais e culturais que contribuem para a ocorrência da violência, como aquelas que a apóiam como uma forma aceitável para solucionar conflitos, que reafirmam o domínio masculino sobre mulheres e crianças, que validam o uso abusivo da força pela polícia e até mesmo políticas de saúde, educacionais, econômicas e sociais que mantêm altos os níveis de desigualdade social entre os grupos da sociedade (KRUG et al., 2002).

Entender melhor o papel desses fatores na determinação de vítimas e perpetradores da violência é um dos passos essenciais para a compreensão do fenômeno violência e planejamento de ações de prevenção (ASSIS; MARRIEL, 2010; DAHLBERG; KRUG, 2006).

Alguns autores apresentam outras formas de classificação da violência. Minayo (1994) apresenta uma classificação em que são definidas três formas de violência: estrutural, de resistência e de delinquência. A violência estrutural se refere aos “processos sociais, políticos e econômicos que reproduzem e cronificam a fome, a miséria e as desigualdades sociais, de gênero, e de etnia” (MINAYO, 2006, p. 81). É uma forma de violência naturalizada e silenciosa, responsável por privilégios e

formas de dominação, que permeia a maioria dos outros tipos de violência. A violência de resistência são as diferentes formas de resposta dos grupos, classes, nações e indivíduos oprimidos à violência estrutural. É expressa, por exemplo, na luta pelo direito à cidadania, pela igualdade de direitos de gêneros. Por fim, a violência de delinquência é a forma mais conhecida e reconhecida como violência. Constitui ações fora da lei socialmente reconhecida, como roubos, furtos, assassinatos, entre outros (MINAYO, 1994; MINAYO, 2006; SOUZA, 1993).

Embora se reconheça a importância dessa classificação, neste trabalho, optou-se pela classificação da violência proposta pela OMS, pela facilidade de operacionalização da análise e interpretação dos dados.

1.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência na escola não é um fenômeno recente. Ainda nas décadas de 1950 e 1960 foram registrados alguns episódios de violência no espaço escolar (CHARLOT, 2002).

Na década de 1980, no Brasil, a sociedade percebia a violência na escola principalmente como invasões do espaço escolar e como depredações do patrimônio público. No início da década seguinte, este fenômeno começa a ser observado nas interações dos grupos de alunos e, no fim dela, surgem pesquisas sobre agressões entre alunos e contra professores (SPOSITO, 2001).

Segundo o Mapa da Violência 2013, a taxa de homicídios da população total brasileira passou de 24,8 por 100 mil habitantes em 1996 para 27,1 em 2011 (WAISELFISZ, 2013). O aumento da violência na sociedade, que envolve questões socioeconômicas, demográficas, culturais e políticas, como o narcotráfico e a desigualdade social (MACEDO et al., 2001; STACCIARINI, 2014), tem reflexos na violência na escola. Além disso, alguns autores apontam que os processos de abertura de escolas e de democratização do acesso à educação no Brasil, nas últimas décadas, trouxeram implicações importantes à compreensão da violência no contexto escolar. Esse movimento, ao mesmo tempo em que vislumbrou possibilidades de melhores condições de vida para um maior número de indivíduos, colaborou para o aumento da heterogeneidade de comportamentos e de valores,

assim como para evidenciar desigualdades no ambiente escolar e para o aumento de conflitos violentos (ABRAMOVAY, 2005; GALVÃO et al., 2010). As escolas deixaram de ser espaços seguros e protegidos para os alunos, perderam parte dos seus vínculos com a comunidade (ABRAMOVAY; RUA, 2003) e foram incorporadas como mais um espaço onde a violência tornou-se possível.

Mais recentemente, houve incremento da contribuição científica sobre o tema no Brasil e o que ganha destaque são as novas formas que a violência escolar assume (CHARLOT, 2002). Depredações, invasões de espaços escolares e brigas entre grupos foram acrescidas de agressões de alunos contra professores, uso de arma branca e de fogo, consumo de drogas, preconceito e *bullying* (CASTRO; CUNHA; SOUZA, 2011). A maior parte dos estudos sobre a violência no ambiente escolar aponta para sua ocorrência entre alunos. No entanto, sabe-se que ela acontece em todas as direções, como a violência de funcionários (STELKO-PEREIRA; SANTINI; WILLIAMS, 2011) e professores (FERRAZ; RISTUM, 2012) contra alunos.

Existe dificuldade na adoção de uma única definição ou um consenso sobre o significado de violência escolar. Isso porque ela pode se expressar de múltiplas formas e ser compreendida de diversas maneiras. Exemplo disso é a variação que o conceito de violência escolar sofre em diferentes países. Na Inglaterra, essa denominação é empregada em casos de violência entre professores e estudantes ou em atividades que causem suspensão, atos disciplinares ou prisão. Já nos Estados Unidos, os estudos sobre o tema destacam episódios de violência no exterior da escola, sendo comum o uso do termo delinquência juvenil (ABRAMOVAY; RUA, 2003). Além disso, o fenômeno é influenciado por peculiaridades características de quem é estudado, como sexo, idade e status social (professores, diretores ou alunos) (ABRAMOVAY; RUA, 2003; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2010).

A violência escolar deve ser percebida sob a perspectiva da globalização e da exclusão social. Constituí-se como um fenômeno complexo, que não está restrito à realidade interna da escola, mas que põe em destaque questões institucionais e problemas sociais mais abrangentes, associando-os, inclusive, à criminalidade urbana (ABRAMOVAY; RUA, 2003; RUOTTI, 2010). Um conceito simplificado da violência escolar não alcança esse contexto, que exige um sistema de definição integrado que analise os múltiplos níveis do problema e suas causas, oferecendo uma resposta política abrangente (HENRY, 2000).

Diante disso, Charlot (2002) apresenta distinções conceituais a respeito da violência escolar em três categorias: violência na escola, à escola e da escola. A violência na escola se produz dentro do espaço escolar, mas não está ligada à natureza e às atividades da instituição, como brigas de gangues. A violência à escola diz respeito às manifestações que visam diretamente à escola e aqueles que a representam, como depredações do patrimônio e violência contra professores. A violência da escola refere-se à violência institucional ou simbólica, que remete à reprodução dissimulada das desigualdades nas instituições. Propostas curriculares, estratégias pedagógicas e as relações hierárquicas presentes no cotidiano escolar podem evidenciar a violência simbólica em diversos níveis (RISTUM, 2010).

Stelko-Pereira e Williams (2010) ressaltam a delimitação geográfica como um dos elementos chave para a definição de violência escolar. Para essas autoras, essa modalidade de violência é a que ocorre dentro do espaço físico da escola, durante o trajeto casa-escola, em locais onde ocorram passeios e/ou festas escolares programadas e em bairros e residências de alunos cujos assuntos escolares mal resolvidos repercutam em violência. Todas as pessoas ligadas à escola podem estar envolvidas com a violência nesses ambientes, como alunos, professores, funcionários e pais de alunos, e desempenhar diferentes papéis, como autores, vítimas ou testemunhas.

As manifestações de violência ocorridas no ambiente escolar colocam em destaque esse cenário, que é um dos espaços de maior convívio social das crianças/adolescentes e professores, e acarretam sérias implicações aos alunos, professores e à própria instituição. Fica prejudicado não somente o processo de integração de crianças e adolescentes à sociedade, mas os objetivos mais amplos da escola, como educar, ensinar e aprender (ABRAMOVAY, 2005).

1.3 VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA O PROFESSOR

O importante papel social do professor é histórico e incontestável. O professor é o agente encarregado pela sociedade de realizar parcela significativa da atividade social de educar. Seu trabalho envolve a promoção da educação através de interações culturais, sociais e de saberes (ABBUD, 2010). No entanto, o processo de globalização e a rápida transformação do contexto social vivenciados atualmente

impuseram aumento do ritmo de trabalho, das responsabilidades e de exigências aos educadores, criando novas demandas ao exercício de ensinar.

Na educação básica, as responsabilidades e exigências tornam o trabalho do professor ainda mais exaustivo. Observou-se transferência, por parte da comunidade e da família, de atividades sociais e protetoras que antes vinham sendo desempenhadas por esses agentes, e que passam a ser exigidas da escola (BRUM et al., 2012; ESTEVE, 1999) Atualmente, o desgastante processo de trabalho docente é também marcado por uma expressiva carga horária em sala de aula, excesso de tarefas burocráticas, falta de autonomia e de infraestrutura adequada no ambiente escolar, tornando evidente o quadro crônico de depreciação e desqualificação social dos professores (ROCHA; FERNANDES, 2008). Essa conjuntura tem “efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência”, denominado como mal-estar docente. Esse é um conceito amplo e de definição ambígua, pois não se refere exclusivamente a determinadas doenças ou sintomas, mas pode se expressar em consequências como a insatisfação, desmotivação, tensão no trabalho e estresse, entre outros (ESTEVE, 1999, p.25).

Acrescenta-se, a esse contexto, a violência no ambiente escolar, que traz prejuízos às relações entre as pessoas envolvidas. Estudos nacionais realizados com professores mostram que eles percebem a existência de violência na escola, com o envolvimento de alunos, pais de alunos, funcionários, professores e até mesmo pessoas externas à escola (ALMEIDA; CARDOSO; COSTAC, 2009; FERREIRA; LATORRE; GIANNINI, 2011; JARDIM; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2007; LEVANDOSKI; OGG; CARDOSO, 2011). Porém, a experiência do corpo docente com situações de violência na escola excede a observação, sendo este também, muitas vezes, vítima.

Uma revisão da literatura dos estudos publicados até maio de 2013 nas bases de dados Scielo, Lilacs e PubMed mostrou que são poucas as pesquisas de abordagem quantitativa sobre violência escolar no Brasil. Foram encontrados somente 25 artigos sobre o tema e, destes, apenas seis elegeram professores como população de estudo. Todos eram de corte transversal e foram publicados a partir do ano de 2006. Com relação ao local de estudo, três foram realizados em Minas

Gerai (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; JARDIM; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2007; MEDEIROS; ASSUNÇÃO; BARRETO, 2012), um no Paraná (LEVANDOSKI; OGG; CARDOSO, 2011) e dois no estado de São Paulo (ALMEIDA; CARDOSO; COSTAC, 2009; FERREIRA; LATORRE; GIANNINI, 2011).

Os estudos realizados no estado de Minas Gerais tiveram populações de 751 (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006), 1.980 (MEDEIROS; ASSUNÇÃO; BARRETO, 2012) e 2.133 (JARDIM; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2007) professores. Nesses trabalhos, os autores não especificaram as formas de violência vivenciadas, mas detalharam os agressores e identificaram prevalências de agressões praticadas por alunos (70,8% a 74,0%), pais de alunos (52,6% a 57,1%), funcionários/professores (14,8% a 16,0%) e pessoas externas à escola (48,4% a 54,9%). Levandoski et al. (2011) pesquisaram a violência contra 102 professores de educação física de 14 cidades do Paraná e verificaram as seguintes prevalências: insultos verbais (76,5%), extorsão (6,9%), furto ou danificação de pertences (27,5%) e assédio sexual (30,4%). Observou-se também que 60,4% dos professores temiam por sua integridade física e 12,7% sentiam-se inseguros.

Almeida, Cardoso e Costac (2009) pesquisaram 30 professores do ensino fundamental (anos iniciais) de uma escola particular no município de São Paulo, e Ferreira, Latorre e Giannini (2011), 422 do ensino fundamental e médio de escolas municipais, também de São Paulo. Ambos pesquisaram a frequência de professores que haviam testemunhado situações de violência e observaram relatos de episódios de discriminação (93,3%) (ALMEIDA; CARDOSO; COSTAC, 2009), brigas (34,4%), agressões (30,1%), indisciplina na sala de aula (43,3%), insultos (31,3%), roubo de material escolar (30,8%), depredação (29,6%) e pichação (35,5%) (FERREIRA; LATORRE; GIANNINI, 2011).

O problema da violência escolar não ocorre somente no Brasil. Estudos internacionais mostram violência contra professores, principalmente psicológica, cometida por alunos. Um estudo realizado no Canadá (WILSON; DOUGLAS; LYON, 2011) com 731 professores revelou que 80% deles já haviam sofrido algum tipo de violência na escola durante a carreira. Entre as manifestações de violência mais frequentes, estavam receber insultos (60,7%), gestos obscenos com a intenção de ofender ou humilhar (48,8%) e comentários que pudessem denegrir sua reputação (41,2%). Outros estudos também observaram frequências de violências de natureza

psicológica. Um estudo realizado na Eslováquia apontou que, dos 364 professores estudados, 35,4% reportaram comportamentos verbais prejudiciais de seus alunos nos 30 dias anteriores à pesquisa (DZUKA; DALBERT, 2007). Além de insultos, a ameaça sem uso de armas (4,1%) foi verificada por Bauer et al. (2007) na Alemanha, em pesquisa realizada sobre condições de trabalho, eventos adversos e problemas de saúde mental com 949 professores.

O assédio moral também é uma realidade de violência nas relações de trabalho da escola. Para Caran et al. (2010), os professores lidam sozinhos com pressões internas da categoria profissional, recebem ordens de terceiros, interagem com supervisores, tendo de responder a expectativas pré-concebidas. Esses autores, em investigação realizada em uma instituição pública de ensino superior no Brasil, com 54 professores, revelaram que 59,3% testemunharam uma situação de assédio moral no trabalho, 40,7% foram vítimas e 70,4% afirmaram ser um problema comum na universidade (CARAN et al., 2010). Na Croácia, em um estudo transversal com 764 professores, o nível de perturbação emocional devido ao assédio no trabalho foi apontado por 34,5% deles como moderado, alto ou muito alto (RUSSO et al., 2008).

Além da violência psicológica, como insultos, discriminação e assédio, a violência de natureza física também é comumente estudada nessa população. Alguns estudos revelaram prevalências de agressões físicas de 6% e 7,8%, como por exemplo Ervasti et al. (2012), em estudo realizado na Finlândia, e Tiesman et al. (2013), nos Estados Unidos. Embora as agressões com armas brancas ou de fogo apresentem prevalências mais baixas que as psicológicas e físicas (WILSON; DOUGLAS; LYON, 2011), destaca-se que elas representam a ameaça de situações que podem ter consequências mais graves, como o óbito.

Os alunos são os principais perpetradores da violência contra o professor (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; JARDIM; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2007; MEDEIROS; ASSUNÇÃO; BARRETO, 2012). Entretanto, o envolvimento dos pais dos alunos na vitimização do professor também é frequente. Na Alemanha, Bauer et al. (2007) analisaram a violência contra professores praticada por alunos e por familiares dos alunos e observaram que 43,1% dos professores relataram que pais de alunos reclamaram deles, 21,1% os acusaram e 4,7% os insultaram.

Estudos sobre fatores associados evidenciaram que a violência tem impacto sobre as condições de saúde física e mental dos professores. Problemas relacionados à voz (FERREIRA; LATORRE; GIANNINI, 2011; JARDIM; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2007; MEDEIROS; ASSUNÇÃO; BARRETO, 2012) e transtornos mentais (BAUER et al., 2007; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006) foram fatores que estiveram associados a sofrer violência na escola.

Para Esteve (1999), a violência, dificuldades de recursos materiais, acúmulo de exigências e esgotamento docente, constituem fatores de incidência direta na ação do professor, com tensões associadas a sentimentos e emoções negativos que configuram o denominado mal-estar docente. Quanto maior a experiência com a violência, menor a satisfação com a vida, maior a sensação de medo e insegurança, e desengajamento e descontentamento profissional (DZUKA; DALBERT, 2007; GALAND; LECOCQ; PHILIPPOT, 2007; WILSON; DOUGLAS; LYON, 2011).

1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

As manifestações de violência no ambiente escolar, objeto de investigações científicas, ainda estão em fase de reconhecimento e aprofundamento no Brasil. A literatura brasileira sobre esse tema tem forte influência das investigações francesas, que costumam estudar o fenômeno com abordagens qualitativas (STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2010).

São raros os estudos que se propõem a analisar os números da violência que acometem os professores e os fatores associados a ela. A maioria das pesquisas tem enfoque no impacto da violência entre estudantes, enquanto que a violência contra professores tem sido negligenciada, a despeito de sérias consequências e implicações na vida do professor e, conseqüentemente, na qualidade do ensino e na formação dos alunos (GALAND; LECOCQ; PHILIPPOT, 2007; WILSON; DOUGLAS; LYON, 2011).

Tendo em vista o impacto que essas situações de violência têm, faz-se importante, para melhor compreensão do fenômeno, conhecer com que frequência os professores sofrem violência e quais características são mais frequentes entre as vítimas.

A relevância social deste trabalho se dá na possibilidade que os resultados terão em subsidiar novas estratégias políticas de prevenção da violência na escola, contribuindo com a melhoria das condições de trabalho, saúde e bem-estar da categoria.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Caracterizar a violência escolar contra professores e investigar fatores associados a esse evento.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 2.2.1 Descrever o perfil sociodemográfico e das condições de trabalho dos professores;
- 2.2.2 Caracterizar as manifestações de violência escolar contra professores, segundo tempo de ocorrência e natureza da violência;
- 2.2.3 Identificar características sociodemográficas e do trabalho associadas à violência psicológica, física e sexual contra professores nos 12 meses anteriores à pesquisa.

3.1 DELINEAMENTO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo epidemiológico observacional do tipo transversal. Este trabalho é parte do projeto PRÓ-MESTRE – “Saúde, Estilo de Vida e Trabalho de Professores da Rede Pública do Paraná”, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

3.2 LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado em escolas da Rede Estadual de Ensino do município de Londrina, situado no norte do Paraná, cuja população foi projetada em 2012 em 515.707 habitantes (IBGE, 2013).

A Rede Estadual de Ensino de Londrina é composta por 73 escolas (63 sediadas na zona urbana, sete na zona rural e três em aldeias indígenas), 3.049 professores e 51.093 alunos matriculados (PARANÁ, 2013a). É responsável por parte da Educação Básica, além da educação profissional técnica, de jovens e adultos, e a educação especial.

Segundo a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996) que dispõe sobre os níveis e modalidades de Educação e Ensino, a Educação Básica é composta por três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. O ensino fundamental tem duração de nove anos e é dividido em séries iniciais e finais. As séries iniciais correspondem aos primeiros cinco anos e as finais, do sexto ao nono ano do ensino fundamental. O ensino médio é considerado a etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos (BRASIL, 1996). A educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental (primeiro ao quinto ano) estão ligados às gestões municipais no Estado do Paraná, enquanto a rede estadual atende prioritariamente os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio (GUSSO et al., 2010).

A Lei n. 9.394/96 também apresenta disposições a respeito da educação profissional técnica e de jovens e adultos. A educação profissional técnica pode ser desenvolvida de forma articulada com o ensino médio, integrada, oferecida a quem

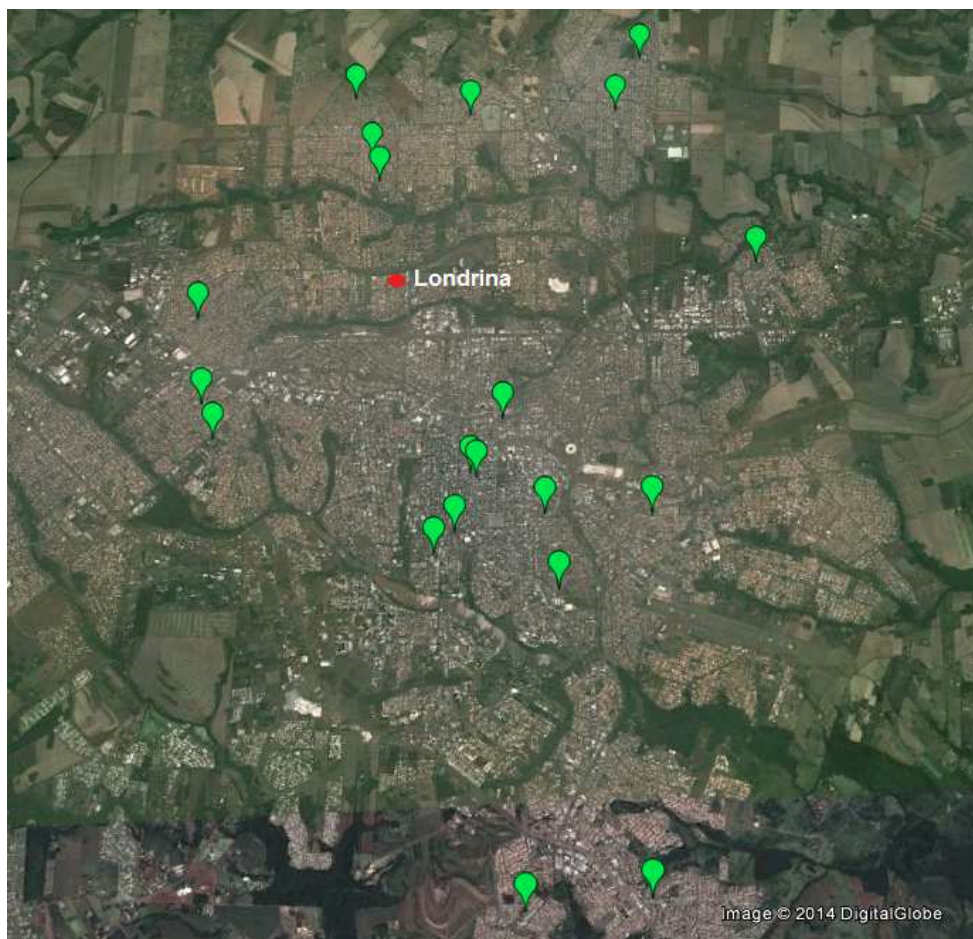
já cursou o ensino fundamental, ou de forma subsequente, em cursos para quem já tenha concluído o ensino médio. A educação de jovens e adultos (EJA) é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade apropriada.

A educação especial é entendida como outra modalidade de educação escolar, que não a básica, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1996).

O ingresso do professor na Rede Estadual de Ensino se dá através de contratação temporária ou por aprovação em concurso público. A formação superior é, desde a implantação da LDB em 1996 (BRASIL, 1996), a mínima exigida aos professores da educação básica (anos finais do ensino fundamental e ensino médio).

Para a realização desta pesquisa, foram selecionadas as 20 escolas da zona urbana do município com maior número de professores. A distribuição espacial das escolas selecionadas está apresentada na Figura 2.

Figura 2. Localização das escolas selecionadas para a pesquisa no município de Londrina (PR), 2012-2013.



Fonte: *Google Earth* (acesso em 07 jun. 2013).

Com relação à localização, sete pertenciam à região central, seis à região norte, três à região oeste, duas à região leste e duas à região sul. Todas as regiões da cidade foram contempladas.

3.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO

A população de estudo foi composta por professores que atuavam no ensino fundamental ou médio das escolas selecionadas. Não foi realizada amostragem. Todos os professores que atenderam aos critérios de inclusão foram convidados a participar.

3.3.1 Critério de inclusão: Ser professor da Rede Estadual de Ensino que atuava do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, regular ou integrado;

3.3.2 Critérios de exclusão: Para a realização do projeto Pró-Mestre, foram excluídos os professores que atuavam exclusivamente nos anos iniciais do ensino fundamental (1° ao 5° ano), ensino técnico subsequente, EJA e educação especial. Para este estudo, considerando o tempo de exposição à violência, foram excluídos também os professores com tempo de profissão menor do que um ano, que estiveram de licença ou afastados por motivo de saúde por mais de 30 dias nos 12 meses anteriores à pesquisa, bem como aqueles professores que no momento da pesquisa encontravam-se readaptados ou afastados de função.

Por motivo de saúde, o professor pode ser afastado temporariamente de função. Isso ocorre quando o médico que o atendeu recomenda afastamento de algumas atividades relacionadas com a função desempenhada, porém com permanência do servidor no trabalho executando outras atividades. A readaptação tem caráter definitivo desse afastamento, cuja concessão fica a critério médico após avaliação pericial (PARANÁ, 2013b). Professores afastados de função ou readaptados são realocados em diversas outras atividades, tais como: atendimento de alunos na biblioteca, apoio pedagógico e administrativo da escola e no setor de fotocópias.

3.3.3 Perdas: Foram consideradas perdas os professores que não aceitaram participar da pesquisa, aqueles cujo contato não foi possível após a quinta tentativa, bem como os que se encontravam afastados por motivo de licença e que não retornaram ao trabalho em até 51 dias após o início da coleta de dados, em cada escola.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E ESTUDO PILOTO

O instrumento para a coleta de dados foi elaborado inicialmente com base na literatura (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; LEVANDOSKI; OGG; CARDOSO, 2011; WILSON; DOUGLAS; LYON, 2011). Com o objetivo de testá-lo, foi realizado um estudo piloto com 82 professores de três escolas estaduais do município de Cambé (PR), em junho de 2012.

Além disso, o estudo piloto avaliou a receptividade dos professores, a viabilidade da execução da pesquisa durante a hora-atividade e o tempo da entrevista. A hora-atividade é o tempo reservado ao professor em exercício de docência para estudos, avaliação e planejamento, realizado preferencialmente de forma coletiva, regulamentada pela Lei 103/2004, que trata do Plano de Carreira do Professor e da Rede Estadual da Educação Básica (PARANÁ, 2004). Os resultados foram apresentados para as escolas participantes.

O instrumento foi ajustado de acordo com falhas identificadas no estudo piloto, e reduzido em função do tempo da entrevista. A versão definitiva foi constituída por duas partes: um formulário para entrevista, com questões referentes à violência escolar e outras variáveis, e um questionário composto por variáveis sociais, demográficas e outras, respondido pelo próprio professor após a entrevista. As informações utilizadas para esta pesquisa sobre violência escolar fazem parte de um instrumento mais amplo, pertencente ao projeto maior, Pró-Mestre (APÊNDICE A).

3.5 TREINAMENTO DA EQUIPE

A equipe de coleta de dados foi constituída por dez alunos de mestrado e doutorado do PPGSC da UEL, 14 alunos de graduação de enfermagem e medicina desta universidade e dois alunos de enfermagem de uma outra instituição particular de ensino superior.

Todos foram treinados para abordagem dos professores a serem pesquisados e sobre maneiras de se comportar durante o período de coleta de dados. Em

momento específico, o instrumento de coleta foi apresentado e as dúvidas relacionadas às questões foram sanadas. Cada aluno recebeu um manual do entrevistador (APÊNDICE B), contendo informações orientadoras para a coleta de dados.

3.6 COLETA DE DADOS

A equipe de coleta de dados foi dividida em duas subequipes. Cada subequipe era composta por: um agendador (aluno de pós-graduação), dois coordenadores (alunos de pós-graduação) e oito entrevistadores (alunos de graduação e de pós-graduação). O agendador e os coordenadores de cada subequipe eram responsáveis pelo primeiro contato com a direção geral ou auxiliar da escola, antes do início da coleta. Nesse contato, eram explicados os objetivos e a metodologia do projeto. Em seguida, de acordo com a disponibilidade da escola, eram realizados momentos de sensibilização com os professores para incentivar a participação deles na pesquisa. A distribuição de panfletos e a exposição de um pôster na sala dos professores apoiaram a divulgação.

O agendador também era responsável pelo primeiro contato com os professores e por convidá-los a participar da pesquisa. Assim que consentida, a entrevista era agendada em horário designado pelo professor, preferencialmente na escola, durante a hora-atividade, e realizada em local reservado. Cada coordenador também tinha como atribuição coordenar uma equipe de quatro entrevistadores e informá-los sobre as entrevistas agendadas. Os entrevistadores realizavam as entrevistas e repassavam os formulários preenchidos, questionários e termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) a seus coordenadores, que os conferiam e os codificavam.

Devido à disponibilidade reduzida de tempo de alguns alunos da graduação, agendadores e coordenadores também realizavam entrevistas.

O período de coleta de dados teve início em agosto de 2012 e término em junho de 2013. Para cada escola, o período estabelecido para que todos os professores fossem agendados foi de 21 dias, contados a partir do primeiro dia de coleta. Para aqueles que estavam de licença, outras tentativas foram feitas com 15 e

30 dias após o término do agendamento. Assim, o prazo máximo de tentativa de entrevista em cada escola foi de 51 dias, contados a partir do início da coleta de dados.

As entrevistas tiveram duração aproximada de 45 minutos. Ao final da coleta em cada escola, o material, após conferência e codificação pelos coordenadores, foi encaminhado para digitação e arquivo.

3.7 PROCESSAMENTO DOS DADOS

Os dados foram duplamente digitados em banco criado no programa Epi Info, versão 3.5.4 e tabulados usando o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 19.0.

3.8 VARIÁVEIS E CATEGORIAS

As variáveis consideradas neste estudo foram as características sociodemográficas do professor – sexo, idade, situação conjugal, raça/cor autorreferida, grau de instrução e renda familiar –, aquelas relacionadas ao trabalho – tempo de profissão, número de locais em que trabalha, carga horária que passa com alunos, período do dia em que trabalha, nível de ensino em que leciona, tipo de contrato de trabalho, realização profissional e relacionamento com superiores, professores, alunos e pais de alunos –, violência sofrida fora da escola, e as relacionadas à violência escolar contra professores na escola – insultos de alunos, ameaças recebidas, exposição a situações humilhantes ou constrangedoras por colegas ou superiores, agressão física (ocorrida ou tentativa), agressão com arma branca (ocorrida ou tentativa) e agressão com arma de fogo (ocorrida ou tentativa), assédio sexual e outras.

3.8.1 Variáveis sociodemográficas do professor

Sexo

A variável sexo foi categorizada em masculino e feminino.

Idade

A variável idade foi obtida por meio da diferença entre a data da entrevista e a data de nascimento. Para a caracterização da população, esta variável foi categorizada em: menos de 35 anos, 35 a 44 anos, 45 a 54 anos e 55 anos ou mais, e em: menos de 35 anos, 35 a 44 anos e 45 anos ou mais para análises bi e multivariada.

Situação conjugal

A situação conjugal foi obtida do questionário respondido pelo professor, com as seguintes opções de preenchimento: solteiro, união estável, casado, separado/divorciado, viúvo. Em um segundo momento, foi realizado agrupamento dessas categorias em: com companheiro (união estável e casado) e sem companheiro (solteiro, separado/ divorciado e viúvo).

Raça/cor autorreferida

Obtida do questionário respondido pelo professor, com as seguintes opções: amarela, branca, indígena, parda ou preta, e em seguida, categorizada em branca e não-branca (amarela, indígena, parda e preta).

Grau de instrução

Informação obtida do questionário respondido pelo professor, com as opções: magistério, bacharelado ou licenciatura, especialização, mestrado, doutorado e outros. Após exploração da variável, as categorias magistério e

bacharelado ou licenciatura foram agrupadas, e esta categoria foi nominada magistério/graduação.

O Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) é um programa de capacitação continuada que tem como objetivo oferecer formação continuada para o professor da rede pública de ensino do Paraná, visando melhoria do processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas estaduais. Instituído pela Lei Complementar nº 103/2004, de 15 de março de 2004 (PARANÁ, 2004), e regulamentado pela Lei nº 130/2010, de 14 de julho de 2010 (PARANÁ, 2010), o PDE é desenvolvido por meio de parcerias entre as Secretarias de Estado da Educação, da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e Instituições de Ensino Superior. O professor que ingressa no programa é afastado da jornada de trabalho (100% da carga horária no primeiro ano e 25% no segundo ano) para dedicar-se às atividades previstas, e recebe progressão na carreira após a conclusão. Ao ser autopreenchido, o curso PDE foi considerado por grande parte dos professores como nível de especialização. Por esse motivo, atribuiu-se também a categoria de especialização aqueles que responderam PDE na categoria “outros”.

As categorias especialização, mestrado e doutorado foram agrupadas em uma única categoria nominada pós-graduação.

Renda familiar

Obtida do questionário respondido pelo professor, com as opções: de R\$ 600,00 a R\$ 1.500,00, de R\$ 1.501,00 a R\$ 2.000,00, de R\$ 2.001,00 a R\$ 3.000,00, de R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00, de R\$ 5.001,00 a R\$ 7.000,00 e acima de R\$ 7.000,00. Para a caracterização, esta variável foi categorizada em até R\$ 3.000,00, de R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00, de R\$ 5.001,00 a R\$ 7.000,00 e acima de R\$ 7.000,00. E para as análises bi e multivariada, em: até R\$ 3.000,00, de R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00 e acima de R\$ 5.000,00. Em 2012 o salário mínimo regional do Paraná variou entre R\$ 783,20 e R\$ 904,20 (PARANÁ, 2012), e em 2013 entre R\$ 882,59 e R\$ 1.018,94 (PARANÁ, 2013c). O salário mínimo nacional variou de R\$ 622,00 (BRASIL, 2011) a R\$ 678,00 (BRASIL, 2012a).

3.8.2 Variáveis relacionadas ao trabalho

Tempo de profissão

Obtida por meio do questionamento de quantos anos da vida o entrevistado trabalhou como professor até a data da entrevista, categorizada em: menos de 5 anos, 5 a 9 anos, 10 a 19 anos, 20 anos ou mais. Para as análises bi e multivariada esta variável foi recategorizada em: menos de 7 anos, 7 a 14 anos, 15 anos ou mais.

Número de locais em que trabalha

Dividida em: um local, dois, três, quatro ou mais. Para as análises bi e multivariada esta variável foi recategorizada em: um local, dois, três ou mais.

Carga horária que passa com alunos

Obtida da pergunta: “quantas horas tem atividades com alunos em uma semana habitual?”. Categorizada em: menos de 20 horas, 20 a 29 horas, 30 a 39 horas e 40 horas ou mais. Para as análises bi e multivariada esta variável foi recategorizada em: menos de 25 horas, 25 a 31 horas, 32 horas ou mais.

Período do dia em que trabalha

Com relação ao período do dia em que trabalha, o professor poderia responder se trabalhava de manhã, de tarde, de noite, em dois ou em todos os períodos. Essa informação foi obtida por entrevista para apenas os dois primeiros locais de trabalho informados.

Para a descrição, foram considerados esses dois primeiros locais de trabalho, e esta variável foi categorizada da seguinte maneira: professores que trabalham apenas de manhã, apenas de tarde, apenas de noite, manhã e tarde, manhã e noite, tarde e noite ou nos três períodos. Nas análises bi e multivariada essas categorias foram reagrupadas. Inicialmente foram realizadas análises de prevalências das violências, conforme os turnos de trabalho. Em seguida os turnos

foram dicotomizados em: turno de maior prevalência *versus* os demais. Dessa forma, para as análises bi e multivariada dos grupos de violência psicológica e física, essa variável foi recategorizada em: trabalhar no período da tarde *versus* trabalhar em outros períodos e, para o grupo de violência sexual, em trabalhar no período da noite *versus* trabalhar em outros períodos.

Nível de ensino em que leciona

O nível de ensino (fundamental, médio ou outros) foi respondido pelo professor para os dois primeiros locais de trabalho informados. Era possível responder mais de um nível para cada local. Para a caracterização, essa variável foi categorizada em: lecionar apenas para o ensino fundamental, apenas para o ensino médio, ou para ensino fundamental e médio. O campo “outros” no primeiro vínculo foi considerado como ensino médio, por representar em sua totalidade o ensino integrado. O mesmo campo no segundo vínculo foi desconsiderado. Para as análises bi e multivariada, essa variável foi recategorizada em: lecionar apenas para o ensino fundamental *versus* lecionar para outros níveis de ensino.

Tipo de contrato de trabalho

Considerando os dois primeiros locais de trabalho informados, foi dividido em estatutário (vínculo estabelecido por concurso público em pelo menos um dos locais) e não estatutário (contratos temporários em ambos os locais).

Realização profissional

A informação sobre realização profissional foi obtida na entrevista, por meio da pergunta: “atualmente, se sente realizado como professor?”. Dividido em sim, parcialmente ou não. Essas duas últimas respostas foram agrupadas em uma única categoria denominada “parcialmente/não” para análises bi e multivariada.

Relacionamento com superiores

Variável obtida durante a entrevista pelo relato de como o entrevistado avalia seu relacionamento com superiores (diretores ou supervisores). As opções de resposta eram: excelente, bom, regular e ruim. Para as análises bi e multivariada a variável foi recategorizada em bom/excelente, ruim/regular.

Relacionamento com professores

Obtida do relato de como o entrevistado avalia seu relacionamento com colegas (outros professores). As opções de resposta eram: excelente, bom, regular e ruim. Para as análises bi e multivariada a variável foi recategorizada em bom/excelente, ruim/regular.

Relacionamento com alunos

Obtida do relato de como o entrevistado avalia seu relacionamento com os alunos. As opções de resposta eram: excelente, bom, regular e ruim. Para as análises bi e multivariada a variável foi recategorizada em bom/excelente, ruim/regular.

Relacionamento com pais de alunos

Obtida do relato de como o entrevistado avalia seu relacionamento com pais de alunos. As opções de resposta eram: excelente, bom, regular, ruim, e nenhum relacionamento, para os casos em que o entrevistado considerasse não haver nenhuma forma de relacionamento com os pais. Para as análises bi e multivariada a variável foi recategorizada em bom/excelente, ruim/regular e nenhum relacionamento.

3.8.3 Violência sofrida fora da escola

Essa informação foi obtida durante a entrevista questionando o professor se havia recebido ameaça ou sido assaltado com arma branca ou de fogo

(sim e não) ou outro tipo de violência (pergunta aberta). Considerou-se que o professor tinha sofrido violência fora da escola quando qualquer uma das três questões teve resposta positiva. Foram consideradas relatos de violência ocorrida nos últimos 12 meses.

3.8.4 Variáveis relacionadas à violência escolar contra professores

Todas as variáveis descritas nesta seção foram respondidas com relação à atividade profissional do entrevistado como professor, independente da escola em que a violência tenha ocorrido. As opções de resposta: sim ou não e, em caso de resposta afirmativa, se a violência havia ocorrido há menos de 12 meses ou há 12 meses ou mais. Em seguida, as respostas afirmativas foram recategorizadas em: há menos de 12 meses e na carreira. Esta última categoria foi obtida com a soma das respostas “há menos de 12 meses” e “há 12 meses ou mais”. Foram coletadas informações a respeito de algumas manifestações de violência, descritas a seguir:

Insultos de alunos

Considerada afirmativa se relatou já ter recebido insultos, gozações, xingamentos e desrespeito dos alunos.

Ameaças recebidas

Questionamento com relação a já ter sido ameaçado durante o trabalho como professor, sendo consideradas ameaças à sua integridade física, a familiares, entre outras.

Exposição a situações humilhantes ou constrangedoras por colegas ou superiores

Obtida da seguinte pergunta: “já se sentiu exposto a situações humilhantes ou constrangedoras, como insultos ou gozações de outros professores, funcionários ou diretores?”.

Agressão ou tentativa de agressão física

Questionamento com relação a já ter sofrido agressão, ou tentativa de agressão física, corporal ou com objetos ou mobílias.

Agressão ou tentativa de agressão com arma branca

Questionamento com relação a já ter sofrido agressão, ou tentativa de agressão com faca ou outro objeto cortante, como canivete ou tesoura.

Agressão ou tentativa de agressão com arma de fogo

Questionamento com relação a já ter sofrido agressão, ou tentativa de agressão com arma de fogo.

Assédio sexual

Obtida da seguinte pergunta: “já se sentiu assediado sexualmente na sua atividade profissional?”.

Outras

Foi oportunizado ao professor relatar outras manifestações de violência sofrida na escola e que não havia sido contemplada no formulário da entrevista. Essa pergunta foi feita de forma aberta, sendo anotados o tipo de violência e o tempo decorrido, e posteriormente categorizada.

São muitas as formas de violência sofrida por professores que foram pesquisadas neste estudo. Optou-se por dar ênfase nas manifestações de violência

do tipo interpessoal. Entretanto, outros tipos de violência como simbólica e institucional puderam ser citadas no item “outras”.

Diante da diversidade da violência, as informações coletadas sobre as manifestações de violência já descritas foram agrupadas de acordo com sua natureza. Foram criados três grupos: violência psicológica, física e sexual. As variáveis que compõem cada grupo de natureza da violência estão apresentadas no Quadro 1. Foi considerada apenas a violência escolar sofrida pelos professores nos últimos 12 meses.

Quadro 1. Descrição das variáveis que compõem os grupos de violência, segundo a natureza, Londrina (PR), 2012-2013.

Grupo de violência	Variáveis
Violência psicológica	<ul style="list-style-type: none"> • Insultos de alunos; • Ameaças recebidas; • Exposição a situações humilhantes ou constrangedoras por colegas ou superiores;
Violência física	<ul style="list-style-type: none"> • Agressão física (ocorrida ou tentativa); • Agressão com arma branca (ocorrida ou tentativa); • Agressão com arma de fogo (ocorrida ou tentativa);
Violência sexual	<ul style="list-style-type: none"> • Assédio sexual

3.9 ANÁLISE DOS DADOS

A análise descritiva foi realizada por meio de frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central e de dispersão. Para as análises bivariadas e multivariadas utilizou-se a razão de prevalência (RP) como medida de associação, e foi adotado nível de significância de 5% (Teste Qui-Quadrado de Wald) com

apresentação do p-valor e do intervalo de confiança (IC) de 95%. Realizou-se regressão de Poisson pelo método *forward* para cada um dos desfechos. Para inclusão no modelo de regressão, foram selecionadas variáveis com valor de $p < 0,20$ na análise bivariada ou que apresentavam importância epidemiológica para a ocorrência dos desfechos pesquisados. Para todas as variáveis, foi estabelecida uma categoria de referência (RP igual a 1), considerada a de menor risco para ocorrência do desfecho. Todas as análises foram realizadas no programa SPSS versão 19.0.

3.10 ASPECTOS ÉTICOS

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEL (ANEXO A) com parecer registrado na Plataforma Brasil de Projetos de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CAAE nº. 01817412.9.0000.5231).

Os professores entrevistados foram orientados quanto aos objetivos do estudo e seus direitos, sendo apresentado e explicado o TCLE (APÊNDICE C). Apenas aqueles que de maneira autônoma aceitaram participar da pesquisa e assinaram o TCLE foram entrevistados.

O projeto foi apresentado à coordenação do Núcleo Regional de Ensino (NRE) de Londrina, que concordou com a realização da pesquisa (ANEXO B). Por solicitação do CEP-UEL, a direção da Secretaria Municipal de Educação também foi informada (ANEXO C) e não apresentou quaisquer objeções.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

A pesquisa foi realizada nas 20 escolas selecionadas. Não houve recusas dos diretores para a execução do projeto nas escolas.

Dos 1.505 professores que possuíam vínculo profissional com essas escolas, 379 foram excluídos por integrarem apenas o quadro docente do ensino técnico ou do ensino complementar (n=254), ou por estarem afastados ou readaptados de função (n=125), restando 1.126 professores elegíveis para a pesquisa. Destes, 65 (5,7%) estavam de licença e não retornaram após 51 dias do início da coleta de dados em sua escola, 63 (5,6%) recusaram e 20 (1,8%) não foram encontrados após a quinta tentativa, totalizando 148 perdas (13,1%). Considerando o período de exposição à violência, foram excluídos ainda 189 professores, por terem tempo de profissão menor que 12 meses (n=9), permanecerem de licença (n=124) ou afastados por motivos de saúde por mais de 30 dias nos últimos 12 meses (n=56). A população final constituiu-se de 789 professores (Figura 3).

Na população estudada, houve predominância de indivíduos do sexo feminino, casados, da raça/cor branca e com grau de instrução especialização (Tabela 1).

A média da idade foi de 40,7 anos, com desvio-padrão de 9,9. A mediana foi de 41 anos, com idade mínima de 23 e máxima de 68 anos.

O tempo de profissão apresentou média de 12,8 anos, com desvio-padrão de 8,8. A mediana foi de 10 anos, com tempo mínimo de um ano e máximo de 45 anos. A carga horária especificamente com alunos apresentou média de 28 horas e desvio-padrão de 9,2. A mediana foi de 30 horas, com carga horária mínima de quatro e máxima de 60 horas.

Figura 3. Fluxograma da população pesquisada, Londrina (PR), 2012-2013.

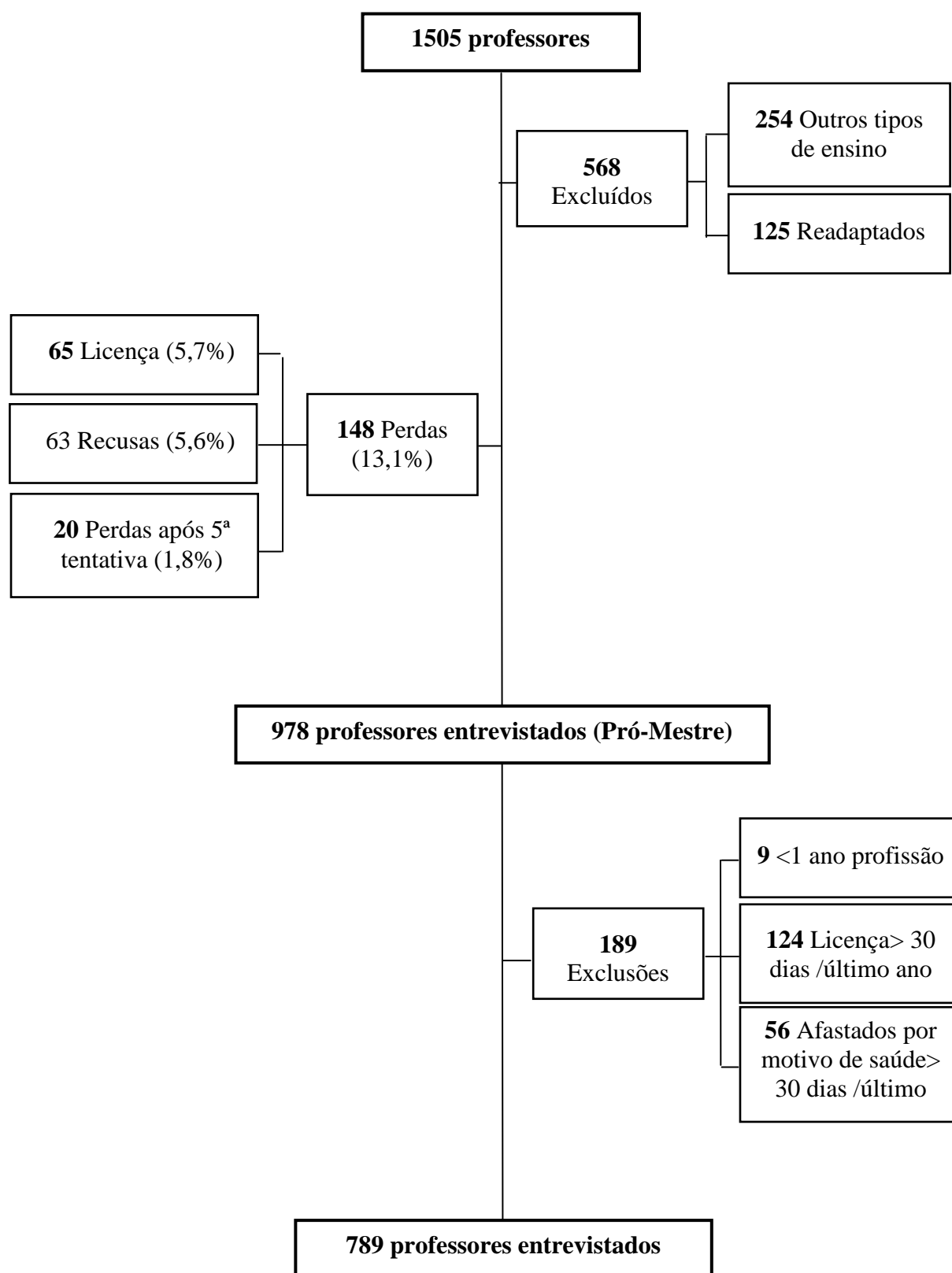


Tabela 1. Descrição das características sociodemográficas dos professores da rede estadual de ensino, Londrina (PR), 2012-2013.

Variáveis sociodemográficas	n	%
Sexo		
Masculino	265	33,6
Feminino	524	66,4
Idade		
< 35 anos	265	33,6
35 a 44 anos	237	30,0
45 a 54 anos	216	27,4
≥ 55 anos	71	9,0
Situação conjugal		
Solteiro	229	29,0
União estável	76	9,6
Casado	370	46,9
Separado/Divorciado	97	12,3
Viúvo	11	1,4
Não respondeu	6	0,8
Raça/cor		
Amarela	33	4,2
Branca	584	74,0
Indígena	4	0,5
Parda	121	15,3
Preta	40	5,1
Não respondeu	7	0,9
Grau de instrução		
Magistério	1	0,1
Bacharel ou Licenciatura	110	13,9
Especialização	567	71,9
Mestrado	98	12,4
Doutorado	9	1,1
Não respondeu	4	0,5
Renda Familiar		
≤ R\$ 3.000,00	211	26,7
R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00	278	35,2
R\$ 5.001,00 a R\$ 7.000,00	183	23,2
> R\$ 7.000,00	112	14,2
Não respondeu	5	0,6

A maior parte dos professores trabalhava em mais de um local e possuía vínculo estatutário com o Estado. Com relação aos períodos do dia, 16,7% dos professores trabalhavam de manhã, tarde e noite (Tabela 2).

Tabela 2. Descrição das características relacionadas ao trabalho dos professores da rede estadual de ensino, Londrina (PR), 2012-2013.

Características do trabalho	n	%
Tempo de profissão		
< 5 anos	158	20,0
5 a 9 anos	203	25,7
10 a 19 anos	223	28,3
≥ 20 anos	205	26,0
Número de locais em que trabalha		
Um	190	24,1
Dois	348	44,1
Três	150	19,0
≥ Quatro	101	12,8
Carga horária com alunos		
< 20 horas	164	20,8
20 a 29 horas	197	25,0
30 a 39 horas	348	44,1
≥ 40 horas	77	9,8
Não respondeu	3	0,4
Período do dia em que trabalha		
Manhã	79	10,0
Tarde	56	7,1
Noite	22	2,8
Manhã e tarde	309	39,2
Manhã e noite	142	18,0
Tarde e noite	49	6,2
Manhã, tarde e noite	132	16,7
Nível de ensino em que leciona		
Apenas ensino Fundamental	206	26,1
Apenas ensino Médio	209	26,5
Ensino Fundamental e Médio	374	47,4
Tipo de contrato		
Não Estatutário	286	36,2
Estatutário	503	63,8

A maior parte dos professores classificou seu relacionamento com superiores, professores, alunos e pais de alunos como bom ou excelente. Destaca-se que 34,3% dos professores relataram não ter nenhum tipo de relacionamento com pais de alunos (Tabela 3).

Tabela 3. Descrição das características de realização profissional e relacionamentos dos professores da rede estadual de ensino, Londrina (PR), 2012-2013.

Características do trabalho	N	%
Realização profissional		
Sim	347	44,0
Parcialmente	282	35,7
Não	160	20,3
Relacionamento com superiores		
Excelente	322	40,8
Bom	408	51,7
Regular	57	7,2
Ruim	2	0,3
Relacionamento com professores		
Excelente	310	39,3
Bom	446	56,5
Regular	32	4,1
Ruim	1	0,1
Relacionamento com alunos		
Excelente	168	21,3
Bom	540	68,4
Regular	77	9,8
Ruim	4	0,5
Relacionamento com pais de alunos		
Excelente	63	8,0
Bom	350	44,4
Regular	91	11,5
Ruim	12	1,5
Nenhum relacionamento	271	34,3
Não respondeu	2	0,3

A violência sofrida fora da escola nos últimos 12 meses foi referida por 92 (11,7%) professores. Ameaça ou assalto com arma branca apresentou frequência de 1,0% (8), e com arma de fogo, 2,4% (19). Violência de natureza psicológica, como

ameaças e xingamentos foi reportada por 2,3% dos entrevistados. Relatos de violência no trânsito, assalto sem uso de armas e roubo do carro apresentaram frequências mais baixas (1,6%, 1,5% e 0,6%, respectivamente).

4.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES

Dos professores entrevistados, 86,4% (682) relataram ter sofrido pelo menos um tipo de violência na escola em toda sua carreira e 71,1% (561) nos 12 meses anteriores à pesquisa (Figura 4). Entre as violências sofridas, observou-se que receber insultos, gozações ou agressão verbal de seus alunos foi a mais frequentemente relatada, seguida de ameaças. Aproximadamente 25% dos professores se sentiram constrangidos ou humilhados por colegas ou superiores durante a carreira. Proporção semelhante de professores relataram que foram sexualmente assediados em algum momento da carreira.

Nos 12 meses anteriores à pesquisa, 7,9% dos professores relataram agressão física (ocorrida ou tentativa), enquanto 0,8% e 0,5%, respectivamente, referiram agressão ou tentativa de agressão com arma branca ou com arma de fogo (Tabela 4).

Aproximadamente 10% dos professores também referiram sofrer outros tipos de violência na escola, além daquelas que foram perguntadas. A resposta “violência psicológica” no sentido mais amplo da expressão, sem especificações, foi citada por 10,1% dos professores. Abuso de autoridade e ingerência da diretoria por 0,8%. A reunião do conselho de classe e o salário recebido também foram apontados, com frequências menores.

Para a análise de fatores associados à violência escolar sofrida por professores nos últimos 12 meses, trabalhou-se com grupos segundo a natureza da violência: psicológica, física ou sexual. A violência psicológica foi a mais referida, por 64,1% (506) professores, seguida da sexual, 14,1% (111). As violências de natureza física foram menos referidas (Figura 5).

Figura 4. Frequência de professores que relataram ter sofrido ao menos um tipo de violência, em toda a carreira e nos 12 meses anteriores à pesquisa.

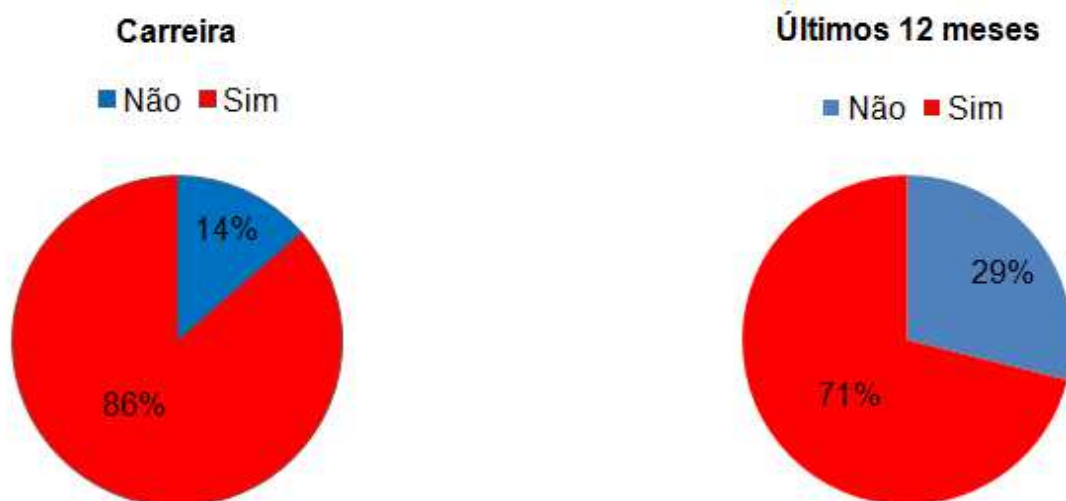
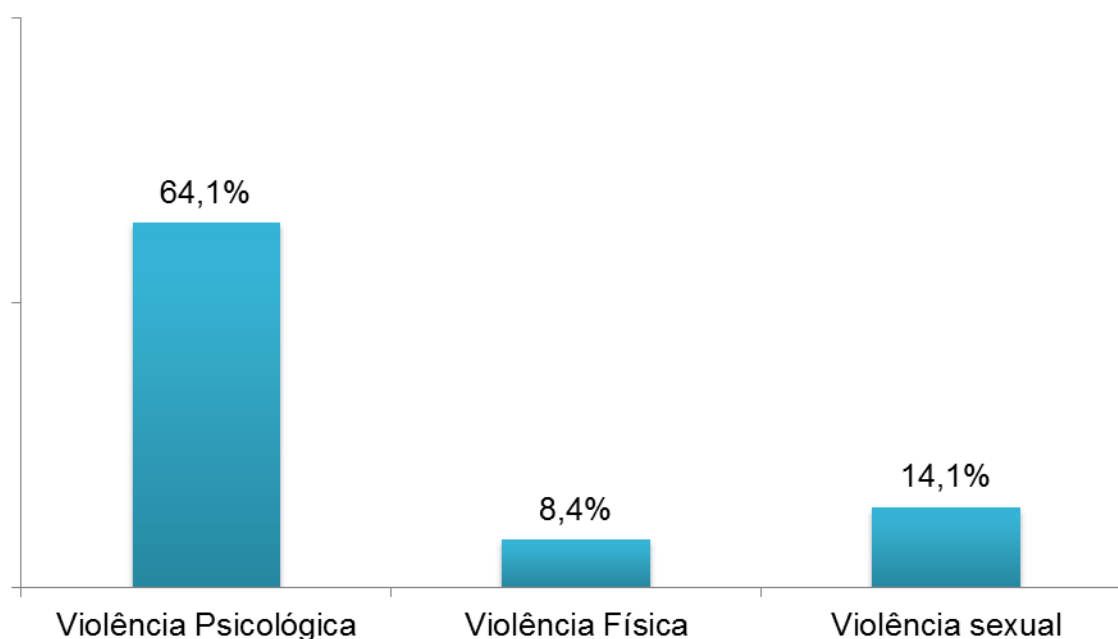


Tabela 4. Frequência de relatos das manifestações de violência escolar contra professores da rede estadual de ensino segundo o tipo de violência e o tempo de sua ocorrência, Londrina (PR), 2012-2013.

Natureza da violência	Último ano		Carreira	
	n	%	n	%
Violência psicológica				
Insultos de alunos	437	55,4	570	72,2
Ameaças recebidas	169	21,4	343	43,5
Exposição a situações humilhantes ou constrangedoras por colegas ou superiores	138	17,5	196	24,8
Violência física				
Agressão física (ocorrida ou tentativa)	62	7,9	143	18,1
Agressão com arma branca (ocorrida ou tentativa)	6	0,8	12	1,5
Agressão com arma de fogo (ocorrida ou tentativa)	4	0,5	12	1,5
Violência sexual				
Assédio sexual	111	14,1	191	24,2

Figura 5. Frequência de relatos de violência escolar contra professores nos 12 meses anteriores à pesquisa, segundo grupos de natureza da violência, Londrina (PR), 2012-2013.



4.3 FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES

4.3.1 FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

As variáveis sociodemográficas associadas ao relato de sofrer violência psicológica por professores foram: ter menos de 35 anos de idade, não ter companheiro, renda familiar menor que R\$ 5.000, tempo de profissão de até 14 anos, lecionar apenas no nível de ensino fundamental, parcial ou total falta de realização profissional, relacionamento regular/ruim com superiores, professores ou alunos (Tabelas 5, 6 e 7).

Professores com maior carga horária com alunos e que trabalham no período da tarde também relataram sofrer mais violência, embora sem significância estatística.

Tabela 5. Análise bivariada da associação das características sociodemográficas dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência psicológica na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Variáveis	PSICOLÓGICA					
	Total	n	%	RP	IC 95%	p
Sexo						
Masculino	265	167	63,0	1		
Feminino	524	339	64,7	1,027	0,918 – 1,148	0,646
Idade						
< 35 anos	265	188	70,9	1,205	1,065 – 1,363	0,003
35 a 44 anos	237	149	62,9	1,068	0,930 – 1,225	0,351
≥ 45 anos	287	169	58,9	1		
Situação conjugal						
Com companheiro	446	273	61,2	1		
Sem companheiro	337	229	68,0	1,110	1,000 – 1,232	0,049
Raça/cor						
Branca	584	376	64,4	1		
Não Branca	198	126	63,6	0,988	0,875 – 1,116	0,850
Grau de instrução						
Pós-graduação	674	437	64,8	1		
Magistério/Graduação	111	66	59,5	0,917	0,779 – 1,080	0,299
Renda Familiar						
≤ R\$ 3.000,00	211	142	67,3	1,148	1,003 – 1,312	0,045
R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00	278	187	67,3	1,147	1,011 – 1,301	0,033
> R\$ 5.000	295	173	58,6	1		

Tabela 6. Análise bivariada da associação das características relacionadas ao trabalho dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência psicológica na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Características do trabalho	PSICOLÓGICA					
	Total	N	%	RP	IC 95%	p
Tempo de profissão						
< 7 anos	257	173	67,3	1,149	1,013 – 1,303	0,031
7 a 14 anos	218	149	68,3	1,166	1,025 – 1,328	0,020
≥15 anos	314	184	58,6	1		
Número de locais em que Trabalha						
Um	190	123	64,7	1		
Dois	348	217	62,4	0,963	0,843 – 1,100	0,581
≥ Três	251	166	66,1	1,022	0,891 – 1,172	0,760
Carga horária com alunos						
< 25 horas	261	159	60,5	1		
25 a 31 horas	218	142	65,1	1,076	0,937 – 1,235	0,298
≥ 32 horas	307	205	66,8	1,103	0,973 – 1,251	0,126
Período do dia em que Trabalha						
Tarde	546	361	66,1	1,108	0,983 – 1,249	0,093
Outros períodos	243	145	59,7	1		
Nível de ensino em que Leciona						
Apenas ensino fundamental	580	385	66,4	1,147	1,007 – 1,305	0,038
Outros níveis de ensino	209	121	57,9	1		
Tipo de contrato						
Estatutário	503	329	65,4	1		
Não Estatutário	286	177	61,9	0,946	0,847 – 1,057	0,329

Tabela 7. Análise bivariada da associação das características de realização profissional, relacionamentos e violência fora da escola dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência psicológica na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Características do trabalho	PSICOLÓGICA					
	Total	n	%	RP	IC 95%	p
Realização profissional						
Sim	347	188	54,2	1		
Parcialmente/Não	442	318	71,9	1,328	1,186 – 1,487	0,000
Relacionamento com Superiores						
Bom/Excelente	730	457	62,6	1		
Ruim/Regular	59	49	83,1	1,327	1,167 – 1,508	0,000
Relacionamento com Professores						
Bom/Excelente	756	479	63,4	1		
Ruim/Regular	33	27	81,8	1,291	1,090 – 1,530	0,003
Relacionamento com alunos						
Bom/Excelente	708	440	62,1	1		
Ruim/Regular	81	66	81,5	1,311	1,164 -1,476	0,000
Racionamento com pais de alunos						
Bom/Excelente	413	259	62,7	1		
Ruim/Regular	103	69	67,0	1,068	0,915 – 1,247	0,403
Nenhum relacionamento	271	177	65,3	1,041	0,929 – 1,168	0,486
Sofrer violência fora da Escola						
Não	697	442	63,4	1		
Sim	92	64	69,6	1,097	0,948 – 1,270	0,215

Depois de ajustadas por regressão de Poisson, somente as variáveis realização profissional, relacionamento com superiores e relacionamento com alunos mantiveram-se associadas ao relato de sofrer violência psicológica (Tabela 8).

Tabela 8. Regressão de Poisson dos fatores associados ao relato de violência psicológica na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Variáveis*	PSICOLÓGICA		
	RP	IC 95%	p
Realização profissional			
Sim	1		
Parcialmente/Não	1,271	1,134 – 1,425	0,000
Relacionamento com superiores			
Bom/Excelente	1		
Ruim/Regular	1,242	1,078 – 1,433	0,003
Relacionamento com alunos			
Bom/Excelente	1		
Ruim/Regular	1,186	1,051 -1,339	0,006

*Demais variáveis incluídas na análise: sexo, idade, situação conjugal, renda, tempo de profissão, carga horária com alunos, período de trabalho, nível de ensino e relacionamento com professores.

4.3.2 FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA FÍSICA

Associaram-se à violência física as seguintes características: não ter companheiro, ter renda familiar de até R\$ 3.000,00, trabalhar em três ou mais locais, lecionar apenas no nível de ensino fundamental, ter tipo de contrato não estatutário e sofrer violência fora da escola (Tabelas 9, 10 e 11).

Observou-se que, apesar de estatisticamente não significativo, quanto menor o tempo de profissão maior a frequência de professores que relataram sofrer algum tipo de violência física. Além disso, as variáveis realização profissional e relacionamento com alunos também não apresentaram significância estatística na associação com violência física, mas observou-se maior proporção de relatos entre aqueles parcial ou totalmente insatisfeitos com a profissão e entre aqueles que consideram seu relacionamento regular ou ruim com as pessoas do convívio escolar.

Tabela 9. Análise bivariada da associação das características sociodemográficas dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência física na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Variáveis	FÍSICA						
	Total	n	%	RP	IC 95%	p	
Sexo							
Masculino	265	19	7,2	1			
Feminino	524	47	9,0	1,251	0,750 – 2,087	0,391	
Idade							
< 35 anos	265	28	10,6	1,444	0,841 – 2,479	0,183	
35 a 44 anos	237	17	7,2	0,980	0,530 – 1,815	0,950	
≥ 45 anos	287	21	7,3	1			
Situação conjugal							
Com companheiro	446	29	6,5	1			
Sem companheiro	337	36	10,7	1,643	1,029 – 2,624	0,038	
Raça/cor							
Branca	584	48	8,2	1			
Não Branca	198	16	8,1	0,983	0,572 – 1,691	0,951	
Grau de instrução							
Pós-graduação	674	59	8,8	1			
Magistério/Graduação	111	6	5,4	0,617	0,273 – 1,396	0,247	
Renda Familiar							
≤ R\$ 3.000,00	211	31	14,7	2,408	1,385 – 4,187	0,002	
R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00	278	16	5,8	0,943	0,491 – 1,813	0,861	
> R\$ 5.000	295	18	6,1	1			

Tabela 10. Análise bivariada da associação das características relacionadas ao trabalho dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência física na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Características do trabalho	FÍSICA					
	Total	N	%	RP	IC 95%	p
Tempo de profissão						
< 7 anos	257	27	10,5	1,649	0,948 – 2,871	0,077
7 a 14 anos	218	19	8,7	1,368	0,748 – 2,502	0,309
≥15 anos	314	20	6,4	1		
Número de locais em que Trabalha						
Um	190	8	4,2	1		
Dois	348	28	8,0	1,911	0,889 – 4,109	0,097
≥ Três	251	30	12,0	2,839	1,332 – 6,050	0,007
Carga horária com alunos						
< 25 horas	261	20	7,7	1		
25 a 31 horas	218	23	10,6	1,377	0,777 – 2,439	0,273
≥ 32 horas	307	23	7,5	0,978	0,550 – 1,739	0,939
Período do dia em que Trabalha						
Tarde	546	47	8,6	1,101	0,660 – 1,835	0,712
Outros períodos	243	19	7,8	1		
Nível de ensino em que Leciona						
Apenas ensino fundamental	580	56	9,7	2,018	1,049 – 3,881	0,035
Outros níveis de ensino	209	10	4,8	1		
Tipo de contrato						
Estatutário	503	26	5,2	1		
Não Estatutário	286	40	14,0	2,706	1,688 – 4,338	0,000

Tabela 11. Análise bivariada da associação das características de realização profissional, relacionamentos e violência fora da escola dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência física na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Características do trabalho	FÍSICA					
	Total	n	%	RP	IC 95%	p
Realização profissional						
Sim	347	23	6,6	1		
Parcialmente/Não	442	43	9,7	1,468	0,902 – 2,387	0,122
Relacionamento com Superiores						
Bom/Excelente	730	61	8,4	1		
Ruim/Regular	59	5	8,5	1,014	0,424 – 2,426	0,975
Relacionamento com Professores						
Bom/Excelente	756	63	8,3	1		
Ruim/Regular	33	3	9,1	1,091	0,361 – 3,292	0,877
Relacionamento com Alunos						
Bom/Excelente	708	55	7,8	1		
Ruim/Regular	81	11	13,6	1,748	0,954 – 3,202	0,070
Relacionamento com pais de alunos						
Bom/Excelente	413	33	8,0	1		
Ruim/Regular	103	9	8,7	1,094	0,540 – 2,213	0,804
Nenhum relacionamento	271	24	8,9	1,108	0,670 – 1,833	0,689
Sofrer violência fora da Escola						
Não	697	53	7,6	1		
Sim	92	13	14,1	1,858	1,055 – 3,274	0,032

Depois de ajustadas, somente as características lecionar apenas no ensino fundamental, ser não estatutário e ter relatado sofrer violência fora da escola mantiveram-se associadas ao relato de sofrer violência física na escola nos últimos 12 meses (Tabela 12).

Tabela 12. Regressão de Poisson dos fatores associados ao relato de violência física na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Variáveis*	FÍSICA		
	RP	IC 95%	p
Nível de ensino em que leciona			
Apenas ensino fundamental	1,924	1,026 – 3,607	0,041
Outros níveis de ensino	1		
Tipo de contrato			
Estatutário	1		
Não Estatutário	2,158	1,100 – 4,233	0,045
Sofrer violência fora da escola			
Não	1		
Sim	1,845	1,031 – 3,301	0,039

*Demais variáveis incluídas na análise: sexo, idade, situação conjugal, renda, tempo de profissão, número de locais em que trabalha, realização profissional, relacionamento com alunos.

4.3.3 FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA SEXUAL

A violência sexual referida foi aproximadamente 60% menor no sexo feminino quando comparada à do sexo masculino. Professores com idade inferior a 35 anos, sem companheiro, com grau de instrução magistério/graduação e com renda familiar de até R\$ 3.0000,00 relataram mais frequentemente sofrer violência sexual (Tabela 13).

Com relação às características do trabalho, tempo de profissão menor do que 14 anos, trabalhar em três ou mais locais, trabalhar no período noturno e tipo de contrato não estatutário estiveram associados à violência sexual. O relato desta natureza de violência foi menor entre aqueles que lecionam para o apenas ensino fundamental (RP=0,615), quando comparados aos que lecionam para outros níveis de ensino (Tabela 14).

Professores que se sentiam parcial ou totalmente não realizados com a profissão, que consideravam seu relacionamento com professores ou pais de alunos ruim/regular, que não tinham qualquer tipo de relacionamento com os pais de

alunos, e que sofreram alguma forma de violência fora da escola, também referiram mais frequentemente sofrer violência sexual na escola (Tabela 15).

Tabela 13. Análise bivariada das características sociodemográficas dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência sexual na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Variáveis	SEXUAL					
	Total	n	%	RP	IC 95%	p
Sexo						
Masculino	265	63	23,8	1		
Feminino	524	48	9,2	0,385	0,273 – 0,544	0,000
Idade						
< 35 anos	265	65	24,5	3,705	2,286 – 6,006	0,000
35 a 44 anos	237	27	11,4	1,721	0,982 – 3,016	0,058
≥ 45 anos	287	19	6,6	1		
Situação conjugal						
Com companheiro	446	44	9,9	1		
Sem companheiro	337	65	19,3	1,955	1,370 – 2,790	0,000
Raça/cor						
Branca	584	83	14,2	1		
Não Branca	198	26	13,1	0,924	0,613 – 1,392	0,705
Grau de instrução						
Pós-graduação	674	85	12,6	1		
Magistério/Graduação	111	25	22,5	1,786	1,199 – 2,659	0,004
Renda Familiar						
≤ R\$ 3.000,00	211	43	20,4	1,939	1,266 – 2,971	0,002
R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00	278	37	13,3	1,267	0,809 – 1,983	0,302
> R\$ 5.000	295	31	10,5	1		

Tabela 14. Análise bivariada das características relacionadas ao trabalho dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência sexual na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Características do trabalho	SEXUAL					
	Total	N	%	RP	IC 95%	p
Tempo de profissão						
< 7 anos	257	62	24,1	3,607	2,262 – 5,752	0,000
7 a 14 anos	218	28	12,8	1,920	1,121 – 3,292	0,018
≥15 anos	314	21	6,7	1		
Número de locais em que trabalha						
Um	190	20	10,5	1		
Dois	348	42	12,1	1,147	0,694 – 1,895	0,594
≥ Três	251	49	19,5	1,855	1,142 – 3,011	0,013
Carga horária com Alunos						
< 25 horas	261	31	11,9	1		
25 a 31 horas	218	32	14,7	1,236	0,780 – 1,958	0,367
≥ 32 horas	307	48	15,6	1,316	0,865 – 2,004	0,200
Período do dia em que Trabalha						
Noite	345	59	17,1	1,460	1,034 – 2,062	0,032
Outros	444	52	11,7	1		
Nível de ensino em que Leciona						
Apenas ensino fundamental	580	70	12,1	0,615	0,433 – 0,874	0,007
Outros níveis de ensino	209	41	19,6	1		
Tipo de contrato						
Estatutário	503	51	10,1	1		
Não Estatutário	286	60	21,0	2,069	1,467 – 2,918	0,000

Tabela 15. Análise bivariada das características de realização profissional, relacionamentos e violência fora da escola dos professores da rede estadual de ensino com o relato de violência sexual na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Características do trabalho	SEXUAL					
	Total	n	%	RP	IC 95%	p
Realização profissional						
Sim	347	39	11,2	1		
Parcialmente/Não	442	72	16,3	1,449	1,008 – 2,085	0,045
Relacionamento com Superiores						
Bom/Excelente	730	101	13,8	1		
Ruim/Regular	59	10	16,9	1,225	0,677 – 2,217	0,502
Relacionamento com Professores						
Bom/Excelente	756	100	13,2	1		
Ruim/Regular	33	11	33,3	2,520	1,504 – 4,221	0,000
Relacionamento com Alunos						
Bom/Excelente	708	99	14,0	1		
Ruim/Regular	81	12	14,8	1,059	0,609 – 1,842	0,838
Relacionamento com pais de alunos						
Bom/Excelente	413	45	10,9	1		
Ruim/Regular	103	19	18,4	1,693	1,036 – 2,766	0,036
Nenhum relacionamento	271	47	17,3	1,592	1,090 – 2,325	0,016
Sofrer violência fora da Escola						
Não	697	90	12,9	1		
Sim	92	21	22,8	1,768	1,159 – 2,697	0,008

Depois de ajustadas, o sexo feminino se manteve associado como fator de proteção, enquanto que ter menos de 35 anos, não ter companheiro e trabalhar 32 horas ou mais por semana associaram-se como fatores de risco (Tabela 16).

Tabela 16. Regressão de Poisson dos fatores associados ao relato de violência sexual na escola nos últimos 12 meses, Londrina (PR), 2012-2013.

Variáveis*	SEXUAL		
	RP	IC 95%	p
Sexo			
Masculino	1		
Feminino	0,446	0,319 – 0,639	0,000
Idade			
< 35 anos	1,965	1,034– 3,736	0,039
35 a 44 anos	1,535	0,856 – 2,753	0,151
≥ 45 anos	1		
Situação conjugal			
Com companheiro	1		
Sem companheiro	1,583	1,107 – 2,263	0,012
Carga horária com alunos			
< 25 horas	1		
25 a 31 horas	1,401	0,884 – 2,220	0,152
≥ 32 horas	1,788	1,146 – 2,789	0,010

*Demais variáveis incluídas na análise: grau de instrução, renda, tempo de profissão, número de locais em que trabalha, período de trabalho, nível de ensino, tipo de contrato, realização profissional, relacionamento com professores, relacionamento com pais de alunos e ter sofrido violência fora da escola.

Uma síntese dos fatores estatisticamente associados aos diferentes grupos de violência, após regressão de Poisson, está apresentada na Figura 6.

Figura 6. Quadro síntese dos fatores associados aos grupos de natureza de violência, Londrina (PR), 2012-2013.

Variáveis	Natureza da violência		
	Psicológica	Física	Sexual
Sociodemográficas			
Sexo feminino (proteção)			X
Idade <35 anos			X
Situação conjugal sem companheiro			X
Relacionadas ao trabalho			
Carga horária com alunos \geq 32 horas			X
Lecionar apenas para o nível de ensino fundamental		X	
Tipo de contrato não estatutário		X	
Parcial ou não totalmente realizado com a profissão	X		
Relacionamento ruim/regular com superiores	X		
Relacionamento ruim/regular com alunos	X		
Violência fora da escola			
Sofrer violência fora da escola		X	

5.1 ASPECTOS GERAIS

Neste estudo, objetivou-se descrever o perfil sociodemográfico e laboral de professores, caracterizar manifestações de violência escolar sofridas por essas pessoas e verificar fatores associados a esses eventos. Os resultados revelaram predominância do sexo feminino na população estudada. A maioria possuía pós-graduação nível especialização, e trabalhava em mais de um local. O sentimento de realização com a profissão, total ou parcial, foi referido por 80% dos entrevistados.

A estratégia de coleta de dados adotada implicou baixo percentual de recusas e de professores não localizados após cinco tentativas de contato. O uso da hora-atividade e de salas reservadas para as entrevistas também colaboraram para o desenvolvimento da pesquisa. O método quantitativo para análise da violência escolar contribuiu na compreensão do perfil das vítimas e da magnitude desse fenômeno entre professores.

Algumas limitações metodológicas do presente estudo devem ser apontadas. A primeira delas diz respeito ao delineamento da pesquisa. O desenho transversal não permite o estabelecimento de relação causa-efeito entre os fatores estudados e o relato de ter sofrido violência na escola, apenas a associação entre eles.

Em segundo, o assunto violência escolar é de difícil abordagem e os eventos raramente são registrados. A resposta para a variável “ter sofrido violência na escola” foi baseada apenas em dados relatados por professores, sujeitos à memória do entrevistado, ao seu desejo de relatar a experiência de violência e até mesmo à percepção do entrevistado do que significa violência. Portanto, deve-se considerar a possibilidade de distorções dessa informação.

A terceira limitação refere-se à ausência de reconhecimento e caracterização do agressor da violência em questão. Com exceção das variáveis “insultos de alunos” e “exposição a situações humilhantes ou constrangedoras por colegas ou superiores”, não foi questionado ao professor, no ato da entrevista, se quem havia cometido a violência eram alunos, professores ou superiores. Trata-se, portanto, de uma abordagem parcial da violência, sem aprofundamento das relações professores-alunos, professores-professores e professores-diretores.

Com relação ao perfil da população estudada, a predominância de professores do sexo feminino encontrada neste (66,4%) e em outros estudos (DELCOR et al., 2004; REIS et al., 2005; SANTOS; MARQUES, 2013; SILVA; SILVA, 2013; VEDOVATO; MONTEIRO, 2008) é reflexo da trajetória da educação no país. A feminização do magistério teve início ainda no século XIX, nos anos finais do Império, quando as mulheres começaram a assumir funções de docência nas escolas primárias e ingressaram como estudantes nas escolas normais, de formação de professores. Nas primeiras décadas do século XX, a presença feminina no magistério ganhou destaque e estendeu-se aos demais níveis da educação, após a progressiva expansão de ofertas de vagas para professoras, principalmente em cidades de grande porte, como São Paulo e Rio de Janeiro. Outro fator importante nesse processo foram as transformações econômicas, sociais, demográficas, culturais e políticas vivenciadas na época, que levaram a um aumento da participação feminina no mercado de trabalho (VIANNA, 2002).

Além disso, ao longo do século XX, os homens foram abandonando a docência. Hahner (2011) acredita que os homens usufruíam de mais opções econômicas do que as que eram oferecidas às mulheres da mesma classe social. Conseqüentemente, essas melhores alternativas e oportunidades masculinas contribuíram para a redução do número de potenciais professores homens no ensino primário. Porém, atualmente, à medida que o nível de ensino aumenta, amplia-se também a participação masculina na categoria. No nível superior, essa proporção entre homens e mulheres docentes tende a ser mais equilibrada (BRASIL, 2012b).

Essa foi uma tendência observada não só no Brasil, mas também em países da Europa, como Inglaterra e País de Gales, Espanha e Portugal (DURÃES, 2012), e outros da América Latina, como Uruguai e Venezuela (VIANNA, 2002). Hoje, no Brasil, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação, 80% dos professores da educação básica são do sexo feminino (BRASIL, 2012c).

Neste estudo, mais de 70% da população de professores possuía pós-graduação, nível especialização. Uma explicação para essa elevada prevalência é que o PDE, programa de educação continuada oferecido pelo Governo do Estado do Paraná em parceria com as universidades estaduais, foi considerado como uma pós-graduação *lato sensu*, superestimando a prevalência desta categoria. Todavia, o aumento no nível de escolaridade dos professores tem sido observado em outros

estudos (SANTOS; MARQUES, 2013; SILVA; SILVA, 2013), provavelmente relacionado com a implantação da LDB em 1996, que passou a exigir nível superior dos professores que atuavam em toda a educação básica (VEDOVATO; MONTEIRO, 2008).

Também foram evidenciadas altas prevalências de algumas condições inadequadas de trabalho. Por exemplo, aproximadamente um terço dos professores trabalhavam em mais de um local, representado por outra escola na grande maioria das vezes, ou outra atividade remunerada além da docência. O deslocamento de uma escola para outra, muitas vezes distantes, faz com que o professor despenda tempo nesses trajetos e provoca maior desgaste. A alta porcentagem de educadores que trabalhava em mais de um local indica, principalmente, a necessidade de complementação de renda familiar decorrente da estagnação salarial, resultando em acúmulo de vínculos e na intensificação do trabalho (DELCOR et al., 2004; GARCIA; ANADON, 2009; VEDOVATO; MONTEIRO, 2008).

Outras condições de trabalho intenso foram verificadas neste estudo. A carga horária com alunos maior que 30 horas semanais foi observada em 53,9% das entrevistas, enquanto que 16,7% dos professores trabalhavam nos três períodos do dia. Sabe-se que a rotina do professor envolve outras atividades que são desenvolvidas em períodos extraclasse, como a hora-atividade. Portanto, soma-se a essa carga horária com alunos o período dedicado a estudos e preparação das aulas, correções de provas, trabalhos e outras atividades, inclusive administrativas e burocráticas inerentes ao sistema escolar (SANTOS; MARQUES, 2013).

Além disso, em uma população predominantemente feminina, deve-se considerar que a carga horária total de trabalho engloba, muitas vezes, uma segunda jornada de trabalho de atividades domésticas. Araújo et al. (2006), observaram que, com relação aos afazeres domésticos, as mulheres apresentaram sobrecarga significativamente maior que os homens. Os autores também ressaltam que as exaustivas jornadas de trabalho têm implicações no tempo para o lazer, descanso, horas de sono e alimentação e que agravos à saúde, como problemas vocais e outros relacionados à saúde mental, foram mais frequentemente relatados por mulheres.

Todas essas características constituem um grupo de condições que são inadequadas ao desenvolvimento do trabalho. A execução da atividade docente é

considerada desgastante e agravada por condições de trabalho como jornadas exaustivas, salários insuficientes e demandas que extrapolam o ambiente profissional (ZIBETTI; PEREIRA, 2010). Para Silva e Silva (2013), essas condições formam um conjunto de fatores que sobrecarregam o professor, com sérias implicações para a qualidade de vida, do trabalho e no aprendizado dos alunos. Dados da literatura apontam associação de más condições de trabalho com absenteísmo (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006), má percepção da saúde (SANTOS; MARQUES, 2013) e surgimento de agravos à saúde dos professores (ARAÚJO et al., 2006; DELCOR et al., 2004; ESTEVE, 1999).

Todavia, as condições negativas coexistem com aspectos positivos do trabalho docente e que parecem refletir no elevado percentual (80%) de professores do presente estudo que se sentem realizados com a profissão, parcial ou totalmente. Outros estudos reforçam esses dados (GOMES et al., 2010; IAOCHITE et al., 2011) e apontam aspectos relacionados à satisfação com o trabalho docente, desde os mais abrangentes, como aspectos legais assegurados por meio do Estatuto do Magistério e a importância social da ação docente (BOTH et al., 2013), até os mais específicos, como o conteúdo trabalhado com os alunos e o relacionamento com outras pessoas (MARQUEZE; MORENO, 2009).

5.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES

Este estudo revelou elevado número de relatos de vitimização de professores na escola, de forma semelhante a outros estudos (DZUKA; DALBERT, 2007; WILSON; DOUGLAS; LYON, 2011). Dentre os desafios enfrentados pelo professor, salienta-se o convívio com grupos de pessoas de comportamentos, valores e cultura diversos. Esse cenário, associado à presença intensa da violência no cotidiano escolar, torna as relações interpessoais conflituosas e aumentam a suscetibilidade do professor a situações de vitimização dessa violência (FERREIRA; LATORRE; GIANNINI, 2011; MADEIRA, 1999).

O padrão das formas de violências mais frequentes que acometem os professores em todo o período profissional é similar ao observado nos 12 meses anteriores à pesquisa. A forma de violência mais referida foram insultos e gozações

de alunos, seguidos de ameaças e exposição a situações humilhantes ou constrangedoras por colegas ou superiores. As formas menos relatadas foram agressões (ocorridas ou tentativas) físicas, e as com armas brancas ou de fogo.

Depois de agrupadas segundo a natureza da violência, a psicológica foi a mais frequentemente relatada. Mais frequentes do que as violências de natureza física (DOMINGUEZ ALONSO; LOPEZ-CASTEDO; PINO JUSTE, 2009; GERBERICH et al., 2011; TIESMAN et al., 2013), as de natureza psicológica são normalmente sutis e naturalizadas no cotidiano e, portanto, mais difíceis de serem percebidas e quantificadas (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009; ESTEVE, 1999; GARBIN; FISCHER, 2012).

As frequências de relatos de insultos e gozações de alunos (55,4%) e ameaças (17,7%) reportadas pelos professores nos 12 meses anteriores à pesquisa foram mais elevadas do que aquelas observadas em outros países, como no Canadá (insultos – 29,5%; ameaças – 6,0%) (WILSON; DOUGLAS; LYON, 2011) e na Alemanha (insultos – 42,6%; ameaças – 4,4%) (BAUER et al., 2007), em estudos que consideraram o mesmo período de tempo para o relato de violência. Isso denota que esse problema é mais frequente no Brasil em comparação aos países desenvolvidos. Em estudo realizado com 102 professores no Paraná, observou-se relato de insultos por alunos, durante a vida profissional, em 76,5% da amostra (LEVANDOSKI; OGG; CARDOSO, 2011). Outros estudos realizados em Belo Horizonte, Minas Gerais, que consideraram agressão de modo geral por alunos, verificaram prevalências que variaram entre 70,8% a 74,0% (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; JARDIM; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2007; MEDEIROS; ASSUNÇÃO; BARRETO, 2012).

Uma dificuldade para se comparar a violência escolar entre diferentes locais é a falta de instrumentos padronizados para coleta de dados. Principalmente quando estudada na perspectiva da abordagem quantitativa, a informação da violência escolar sofre influência da sua definição, dos períodos de tempo e locais considerados para seu cálculo (SOLBERG; OLWEUS, 2003). Essas diferenças apontam para a necessidade de amplos debates da comunidade científica, que permitam reflexões sobre o conceito de violência escolar e o desafio da construção de instrumentos que, de um lado, tenham a capacidade de captar e compreender

esse fenômeno extremamente complexo e, de outro, facilitem a comparação de resultados entre diferentes culturas (NESELLO et al., 2014).

A prevalência de exposições a situações humilhantes ou constrangedoras provocadas por colegas ou superiores foi semelhante aos dados de assédio moral observado em uma pesquisa realizada na Croácia, com 764 professores (RUSSO et al., 2008). Nesse estudo croata, 22,4% referiram assédio moral no trabalho nos 12 meses anteriores à pesquisa, e 14,5% afirmaram que o assédio ocorria raramente, percentual semelhante ao encontrado nessa pesquisa (17%). Destaca-se que o assédio moral caracteriza-se pela agressão de forma repetitiva e por período de tempo prolongado (CAHÚ et al., 2011; CAMPOS et al., 2012). Existe, portanto, uma limitação na maneira como essa variável foi coletada no presente estudo, tendo em vista que a repetitividade do ato não foi investigado. No entanto, pela similaridade dos resultados, entende-se que essa variável pode atuar como indicativo de assédio moral, e que, mesmo tendo ocorrido raras vezes, pode ter consequências importantes sobre a saúde do professor tanto quanto o assédio moral propriamente dito.

Apesar de ser um fenômeno mais estudado em populações de alunos (MALTA et al., 2010a; MARRIEL et al., 2006; RECH et al., 2013), sabe-se que a violência psicológica na escola origina danos reais e potenciais às relações sociais estabelecidas nesse ambiente e à saúde mental dos indivíduos. Pesquisas revelam que fatores como isolamento social, sintomas de estresse (ABRANCHES; ASSIS, 2011; NEWMAN; HOLDEN; DELVILLE, 2005), ansiedade e depressão (CHEN et al., 2012; SEALS; YOUNG, 2003) podem ser resultado de experiências com manifestações de violência dessa natureza. Além disso, o clima de tensão e insegurança gerado entre os professores tem importante efeito sobre o mal-estar docente (ESTEVE, 1999), falta de motivação (DOMINGUEZ ALONSO; LOPEZ-CASTEDO; PINO JUSTE, 2009) e desengajamento profissional (GALAND; LECOCQ; PHILIPPOT, 2007).

Agressões físicas, embora menos frequentes que as psicológicas, representam a forma mais evidente de violência, devido principalmente às marcas que podem causar no corpo (LYRA; CONSTANTINO; FERREIRA, 2010), e pela capacidade de, inclusive, causar a morte. As agressões físicas ou a tentativa delas foram relatadas por 7,9% dos entrevistados, as agressões (ocorridas ou tentativas)

com armas brancas por 0,8% e com armas de fogo por 0,5%. O recurso às armas em brigas e conflitos na escola é uma extensão da violência que ocorre na sociedade (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009). Um estudo realizado em diversas capitais brasileiras destaca que a sensação de insegurança e brigas com arma branca e de fogo ocorrem mais frequentemente entre alunos de escolas públicas. Para esses autores, essas características são reflexos da violência presente no entorno escolar, expressada pelas desigualdades e iniquidades na distribuição de recursos e equipamentos sociais (MALTA et al., 2010b).

Embora a frequência de relatos de agressões ou tentativas de agressões com armas revele sua presença no ambiente escolar e ofereça sérios riscos, estudos apontam que a adoção de leis que limitam a posse e o porte de armas, como o Estatuto do Desarmamento, pode impactar na sua disponibilidade e no acesso a elas. Perez et al. (2011), em uma pesquisa ecológica de série temporal, verificaram correlação significativa entre redução da taxa de homicídios no município de São Paulo e apreensão de armas.

O assédio sexual nos 12 meses anteriores à pesquisa foi relatado por 14,1% dos professores entrevistados, proporção pouco maior do que a verificada para a violência física. Essa variável permitiu uma gama ampla de respostas, devido à maneira como foi perguntada. Além de não fazer reconhecimento de quem havia cometido a violência, também não foi mensurado o nível do assédio, abarcando desde formas mais sutis a abordagens mais incisivas desse tipo de violência, ficando a resposta afirmativa para essa variável muito ligada à percepção individual do que é violência sexual. Há poucos estudos sobre assédio sexual em professores, mas as implicações dessa forma de violência, que podem ser físicas ou psicológicas, são as mesmas encontradas nos demais ambientes laborais (TERRUEL; BERTANI, 2010).

Outras formas de violência foram relatadas pelos professores, a exemplo da violência simbólica, representada pelos relatos de ingerência, abuso de autoridade e reuniões do conselho de classe. Essa é uma forma de violência que permeia relações humanas, por meio de jogo de poder, e que vitimiza o professor pela dominação, como, por exemplo, quando este se submete a regulamentos e exigências burocraticamente estabelecidas, em que aspectos organizacionais e administrativos se sobrepõem aos pedagógicos. Entretanto, também é uma violência

comumente cometida pelos professores, quando assumem o papel de agressor e se fazem representantes do poder ao exercer dominação sobre seus alunos (ASSIS; MARRIEL, 2010).

Os resultados do presente estudo apontam para a ocorrência da violência na escola e necessidade de discussão sobre possíveis maneiras de preveni-la. Espelage et al. (2013) descrevem uma abordagem em vários níveis, com ações voltadas para os alunos, professores, sala de aula, escola e comunidade, como explicação clara das regras da sala de aula e da escola e programas de intervenção sociais/comportamentais como *antibullying* e resolução de conflitos.

É preciso ressaltar que o nível social também deve ser considerado em ações de prevenção da violência. O contexto social é a camada mais exterior e mais distante ao indivíduo. Compreende fatores mais abrangentes, como valores culturais, econômicos, costumes e leis. Nesse sentido, a prevenção da violência está pautada na diminuição das desigualdades sociais e ao acesso igualitário a bens, serviços e oportunidades (KRUG et al., 2002).

5.3 FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA PROFESSORES

O agrupamento referente à violência de natureza psicológica associou-se à total ou parcial falta de realização profissional e ao relacionamento ruim ou regular com diretores e alunos. O grupo da violência de natureza física associou-se aos fatores: lecionar para o nível fundamental, ter contrato do tipo não estatutário com o Estado e já ter sofrido violência fora da escola. Por fim, a violência sexual associou-se às características ser do sexo feminino (proteção), mais jovem (< 35 anos), não ter companheiro e ter carga horária elevada com alunos (≥ 32 horas). Assim, percebe-se que a violência psicológica e a física estão mais relacionadas com características do trabalho, e a sexual mais a características individuais. Esse resultado salienta que, embora todos os grupos sejam compostos por manifestações de violência no ambiente escolar, há peculiaridades referentes aos motivos e forma como estas ocorrem, bem como às vítimas que acometem.

Essas características podem ser expressão das condições concretas de trabalho e de vida dos professores estudados e revelam um perfil de docentes mais

vulneráveis à violência escolar. Entende-se que essas são particularidades de um fenômeno muito mais amplo, marcado por sua complexidade e pluralidade, que é a violência na sociedade (MINAYO; SOUZA, 1997).

Algumas variáveis, como idade, situação conjugal, renda, tempo de profissão, trabalhar em vários locais e ter contrato temporário não permaneceram associadas a todos os três grupos de violência analisados neste estudo, após ajustes. No entanto, essas características revelam um perfil de professores com proporções maiores de relatos de violência: pessoas jovens, provavelmente no início da carreira. Esse resultado aponta para possibilidade de as condições de trabalho dos professores temporários serem piores do que para professores com vínculo profissional estável. Além disso, ao ingressar no mercado de trabalho, o docente pode ter um choque de realidade na escola, e isso reflete na sua percepção do ambiente (BOTH et al., 2013). Com o tempo, as ações violentas se tornam invisíveis em um processo de naturalização apoiado em aspectos culturais. Gomes e Fonseca (2005), Lettiere, Nakano e Bittar (2012) e Amaro, Andrade e Garanhani (2010) revelam esse fenômeno de naturalização da violência em diferentes contextos de violência contra crianças e adolescentes, contra a mulher e de violência cultural que perpassa as relações, como o preconceito, respectivamente.

As violências de natureza psicológica associaram-se aos relacionamentos com superiores e alunos, na categoria ruim ou regular. O modelo ecológico para compreensão da violência, apresentado no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da OMS, evidencia o importante papel das relações sociais mais próximas no risco de perpetração ou vitimização da violência. A convivência ou interação quase diária com pessoas que cometem abusos aumenta a probabilidade de conflitos violentos (KRUG et al., 2002). Estudo transversal realizado com 764 professores da Croácia evidenciou que professores não expostos ao assédio no trabalho avaliaram melhor a qualidade de seu relacionamento com superiores, colegas e alunos (RUSSO et al., 2008). Da mesma forma, Khoury-Kassabri (2012), em estudo realizado em escolas de Israel, com judeus e árabes, verificou que alunos que avaliaram positivamente políticas escolares e os relacionamentos com professores apresentaram menores índices de atos agressivos na escola.

Não se sentir realizado profissionalmente também esteve associado ao relato de violência psicológica, mesmo após ajuste por características sociodemográficas e

do trabalho. Em estudos de corte transversal não é possível estabelecer o nexo causal entre essas variáveis. No entanto, é possível supor que relacionamentos ruins ou regulares e sofrer violência psicológica tenham impactos sobre a percepção de realização com a docência.

A proporção de relatos de violência de natureza física foi maior em professores que lecionam para o apenas ensino fundamental e com contrato do tipo temporário. A primeira, com relação ao nível de ensino fundamental, remete à uma característica própria dos alunos, pois é consenso na literatura que a violência é mais frequente entre os alunos mais jovens (CRAIG et al., 2009; LOPES NETO, 2005; RISTUM, 2010). Com relação ao contrato temporário, é muito provável que professores com essa modalidade de vínculo com o Estado tenham menor poder de decisão, do que os estatutários, na escolha das escolas em que lecionarão. Dessa forma, escolas localizadas em áreas vulneráveis à violência são as que mais freqüentemente se apresentam como alternativas para sua atuação.

Ao contrário do observado nas violências psicológica e física, características predominantemente individuais mantiveram-se associadas ao relato de violência sexual. A proporção de relatos dessa violência em professores do sexo feminino foi 60% menor em comparação aos homens. No nível individual, existe larga variação na percepção do que é assédio sexual (DEKKER et al., 2013) e, frente a isso, é possível que professoras do sexo feminino percebam com menos frequência algumas ações de assédio sexual como violência. DeSouza, Baldwin e Rosa (2000) fizeram uma revisão sobre a construção dos papéis sexuais femininos e relatam que brasileiros tendem a não perceber ou a dar menor importância para o assédio sexual do que pessoas de outras culturas, como, por exemplo, a americana. É possível também que as mulheres do presente estudo tenham tido compreensão diferente dos homens com relação à pergunta, e considerado como assédio apenas as abordagens mais incisivas.

Também estiveram associadas ao relato de assédio sexual, características como ser mais jovem e situação conjugal sem companheiro. Isso pode representar proximidade entre as idades de professores e alunos, e conseqüente maior liberdade no relacionamento professor-aluno. Também colabora com essa hipótese a relação entre lecionar no período noturno e para níveis mais avançados do ensino (médio e técnico) com relatos dessa natureza de violência na análise bivariada,

apesar de perder significância estatística no modelo de regressão de Poisson. Pesquisas com alunos do ensino médio de outros países evidenciam que, com o aumento do nível de ensino, ocorre redução na frequência da violência física e passa a predominar assédio sexual (CHEN; ASTOR, 2009; FELIX; FURLONG; AUSTIN, 2009; SCHEITHAUER et al., 2006).

Embora a variável raça/cor dos professores não tenha se mostrado estatisticamente significativa em nenhuma das análises realizadas, entende-se seu importante papel na violência, principalmente aquelas de natureza psicológica, como discriminação, preconceito e racismo. Invisível, naturalizada e institucionalmente silenciada, a violência relacionada a práticas discriminatórias resultantes de preconceitos quanto à raça mostra-se presente na comunidade escolar e em toda sociedade (ABRAMOVAY; RUA, 2003; FERREIRA; MATTOS, 2007). Ademais, o pequeno número de professores que afirmaram ser negros, pardos, indígenas ou amarelos nessa pesquisa pode ter sido insuficiente para gerar significância estatística nas análises de relatos de violência.

Em conjunto, os resultados deste estudo revelam que, para cada natureza de violência analisada, existem particularidades nas características das vítimas, sejam elas sociodemográficas ou relacionadas ao trabalho. Destaca-se a violência psicológica, que além de ser relatada mais frequentemente, esteve associada com os relacionamentos ruins e regulares com alunos e supervisores. Este é um dado que reforça a necessidade de serem estabelecidas estratégias que fomentem melhores relacionamentos no ambiente escolar.

6 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo central caracterizar manifestações de violência escolar contra professores e verificar fatores associados a esses eventos. A pesquisa do tipo transversal estudou 789 professores da Rede Estadual de Ensino do município de Londrina, que atuavam no ensino fundamental ou médio há pelo menos um ano.

Observou-se elevado percentual de professores (86,4%) que relataram ter sofrido algum tipo de violência na escola durante sua carreira. As violências psicológicas, representadas principalmente por insultos e gozações de alunos foram as mais freqüentes, seguidas da violência sexual. Violências de natureza física foram menos relatadas, como agressões (ocorridas ou tentativas) físicas e com armas, brancas ou de fogo.

Esses resultados são fundamentais na medida em que revelam um lado da violência na escola raramente estudado, a vitimização do professor. No entanto, eles também apontam a necessidade de novos estudos que, além de dimensionar quantitativamente a violência sofrida pelos professores, investiguem também os agentes da violência e as características que permeiam a relação entre perpetrador e vítima. Isso significaria um aprofundamento na compreensão de como esse fenômeno ocorre no ambiente escolar.

Com relação aos fatores associados, as violências psicológica e física estiveram mais relacionadas às características do trabalho, enquanto que a violência sexual, mais às características individuais. A análise dos modelos ajustados pela regressão de Poisson permitiu identificar que, muito embora todos os grupos sejam compostos por manifestações de violência no ambiente escolar, cada um deles apresenta peculiaridades na forma como ocorrem e no perfil das vítimas que acometem.

Retomando o modelo ecológico para compreensão da violência proposto pela OMS (KRUG et al., 2002), destaca-se que os fatores estudados nessa pesquisa concentraram-se nos dois primeiros níveis, individual e relacional. Houve apenas uma pequena aproximação do nível comunitário, por meio da variável “relacionamento com os pais dos alunos”. Entende-se que a incorporação de características relacionadas à escola e ao espaço em que ela está inserida contemplariam uma abordagem mais completa e ampla da violência, auxiliando na compreensão do fenômeno em questão.

Além dos preditores da violência, é importante conhecer melhor o impacto e as consequências na vida e no trabalho dos professores. Embora alguns estudos tenham demonstrado associação da violência com distúrbios físicos e mentais, estudos epidemiológicos com desenhos longitudinais permitiriam análises da relação temporal entre violência e desfechos variados, que significariam avanços teóricos a respeito da relação entre a violência e esses agravos.

Os resultados do presente estudo apresentam relevância não só acadêmica, com contribuição na ampliação do conhecimento sobre a violência no ambiente escolar e características dos professores vitimizados, mas também social, na medida em que servem como subsídio para a criação de políticas protetoras da qualidade do ensino, do trabalho e de vida dos professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBUD, M. L. M. Contribuições da história da formação e atuação de professores para o entendimento da questão da indisciplina e violência na escola. In: HENNING, L. M. P. ; ABBUD, M. L. M. (Ed.). **Violência, indisciplina e educação**. Londrina: EDUEL, 2010. p.53-60.

ABRAMOVAY, M. Victimization en las escuelas: ambiente escolar, robos y agresiones físicas. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, v. 10, n. 26, p. 833-64, jul/sep. 2005.

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal: 496 p. 2009.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. D. G. **Violências nas escolas: versão resumida**. Brasília, DF: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação FORD, CONSED, UNDIME, 2003. 88 p.

ABRANCHES, C. D. D.; ASSIS, S. G. D. A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 843-54, mai. 2011.

ALMEIDA, S. B.; CARDOSO, L. R. D.; COSTAC, V. V. Bullying: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 27, n. 5, p. 201-6, jul./set. 2009.

AMARO, M. C. P.; ANDRADE, S. M. D.; GARANHANI, M. L. A violência sob o olhar de lideranças comunitárias de Londrina, Paraná, Brasil. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 19, p. 302-9, 2010.

ARAÚJO, T. M. D. et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1117-29, dez. 2006.

ASSIS, S. G.; MARRIEL, N. S. M. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: ASSIS, S. G.;CONSTANTINO, P. ; AVANCI, J. Q. (Ed.). **Impactos da**

violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p.41-64.

BAUER, J. et al. Working conditions, adverse events and mental health problems in a sample of 949 German teachers. **International Archives of Occupational and Environmental Health**, Berlin, v. 80, n. 5, p. 442-9, apr. 2007.

BOTH, J. et al. Bem-estar do trabalhador docente em Educação Física ao longo da carreira. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 24, p. 233-46, jun. 2013.

BRASIL. **Decreto nº 7.655, de 23 de dezembro de 2011.** 2011. Regulamenta a Lei nº 12.382, de 25 de fevereiro de 2011, que dispõe sobre o valor do salário mínimo e a sua política de valorização de longo prazo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 dez 2012. Ed extra, p. 1. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7872.htm> Acesso em 02 set. 2013.

_____. **Decreto nº 7.872, de 26 de dezembro de 2012.** 2012a. Regulamenta a Lei nº 12.382, de 25 de fevereiro de 2011, que dispõe sobre o valor do salário mínimo e a sua política de valorização de longo prazo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 dez 2011. Seção 1, p. 5. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7655.htm> Acesso em 02 set. 2013.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez 1996. p. 27833. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em 15 dez. 2013.

_____. Ministério da Educação. **Censo da educação superior – resumo técnico 2010.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012b. 85 p.

_____. Ministério da Educação. **Sinopse Estatística da Educação Básica.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012c. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>> Acesso em 15 dez. 2013.

_____. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo, 2013.

BRUM, L. M. et al. Qualidade de vida dos professores da área de ciências em escola pública no Rio Grande do Sul. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 125-45, mar./jun. 2012.

CAHÚ, G. P. R. et al. Produção científica em periódicos online acerca da prática do assédio moral: uma revisão integrativa. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 32, p. 611-9, set. 2011.

CAMPOS, I. C. et al. Moral harassment of public schools teachers. **Work: A Journal of Prevention, Assessment, and Rehabilitation.**, Amsterdam, v. 41 Suppl 1, p. 2001-7, out. 2012.

CARAN, V. C. S. et al. Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior do Brasil. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 23, p. 737-44, 2010.

CASTRO, M. D. L.; CUNHA, S. S. D.; SOUZA, D. P. O. D. Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças, MT. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, p. 1054-61, dez. 2011.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, p. 432-43, jul./dez. 2002.

CHEN, J.-K.; ASTOR, R. A. Students' Reports of Violence Against Teachers in Taiwanese Schools. **Journal of School Violence**, Binghamton, v. 8, n. 1, p. 2-17, jan. 2009.

CHEN, X. et al. Aggression, peer relationships, and depression in Chinese children: a multiwave longitudinal study. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 53, p. 1233-41, 2012.

CRAIG, W. et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. **International Journal of Public Health**, Pavia, v. 54 Suppl 2, p. 216-24, sep. 2009.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1163-78, 2006.

DEKKER, H. et al. Medical students' and teachers' perceptions of sexual misconduct in the student-teacher relationship. **Perspectives On Medical Education**, Houten, v. 2, n. 5-6, p. 276-89, nov. 2013.

DELCOR, N. S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 187-96, jan/fev. 2004.

DESOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H. D. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, p. 485-96, 2000.

DOMINGUEZ ALONSO, J.; LOPEZ-CASTEDO, A.; PINO JUSTE, M. School violence: evaluation and proposal of teaching staff. **Perceptual and Motor Skills**, Louisville, v. 109, n. 2, p. 401-6, oct. 2009.

DURÃES, S. J. A. Sobre algumas relações entre qualificação, trabalho docente e gênero. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, p. 271-88, jan./mar. 2012.

DZUKA, J.; DALBERT, C. Student violence against teachers: Teachers' well-being and the belief in a just world. **European Psychologist Journal**, Kirkland, v. 12, n. 4, p. 253-60, 2007.

ERVASTI, J. et al. Work-related violence, lifestyle, and health among special education teachers working in Finnish basic education. **Journal of School Health**, Kent, v. 82, n. 7, p. 336-43, jul. 2012.

ESPELAGE, D. et al. Understanding and preventing violence directed against teachers: recommendations for a national research, practice, and policy agenda. **The American Psychologist**, Washington, v. 68, n. 2, p. 75-87, feb/mar. 2013.

ESTEVE, J. M. Z. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. 3. ed. Baurú: Edusc, 1999. 175 p.

FELIX, E. D.; FURLONG, M. J.; AUSTIN, G. A cluster analytic investigation of school violence victimization among diverse students. **Journal of Interpersonal Violence**, Beverly Hills, v. 24, n. 10, p. 1673-95, oct. 2009.

FERRAZ, R. D. C. S. N.; RISTUM, M. A violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem. **Psicologia da Educação**, São Paulo, p. 104-26, 2012.

FERREIRA, L. P.; LATORRE, M. R. D. O.; GIANNINI, S. P. P. A violência na escola e os distúrbios de voz de professores. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 165-72, ago. 2011.

FERREIRA, R. F.; MATTOS, R. M. O afro-brasileiro e o debate sobre o sistema de cotas: um enfoque psicossocial. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 27, p. 46-63, 2007.

GALAND, B.; LECOCQ, C.; PHILIPPOT, P. School violence and teacher professional disengagement. **British Journal of Educational Psychology**, London, v. 77, n. Pt 2, p. 465-77, jun. 2007.

GALVÃO, A. et al. Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 425-42, jul./set. 2010.

GARBIN, A. D. C.; FISCHER, F. M. Assédio moral no trabalho e suas representações na mídia jornalística. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 46, p. 417-24, abr. 2012.

GARCIA, M. M. A.; ANADON, S. B. Reforma educacional, intensificação e autointensificação do trabalho docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, p. 63-85, abr. 2009.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. Á. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 2679-91, dez. 2006.

GERBERICH, S. G. et al. Violence against educators: a population-based study. **Journal of Occupational and Environmental Medicine**, Baltimore, v. 53, n. 3, p. 294-302, mar. 2011.

GOMES, A. R. et al. Stress ocupacional no ensino: um estudo com professores dos 3º ciclo e ensino secundário. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 587-97, set./dez. 2010.

GOMES, V. L. D. O.; FONSECA, A. D. D. Dimensões da violência contra crianças e adolescentes, apreendidas do discurso de professoras e cuidadoras. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 14, p. 32-7, 2005.

GUIMARÃES, J. A. T. L.; VILLELA, W. V. Características da violência física e sexual contra crianças e adolescentes atendidos no IML de Maceió, Alagoas, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 1647-53, ago. 2011.

GUSSO, A. M. et al. **Ensino fundamental de nove anos : orientações pedagógicas para os anos iniciais**. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Educação do Paraná: 176 p. 2010.

HAHNER, J. E. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 467-74, mai./ago. 2011.

HENRY, S. What Is School Violence? An Integrated Definition. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 567, n. 1, p. 16-29, jan. 2000.

IAOCHITE, R. T. et al. Autoeficácia docente, satisfação e disposição para continuar na docência por professores de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 33, p. 825-39, out./dez. 2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades: Londrina**, Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>, 2013. Acesso em: 06 jul 2013.

JARDIM, R.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. Á. Condições de trabalho, qualidade de vida e disfonia entre docentes. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 2439-61, out. 2007.

KHOURY-KASSABRI, M. Perpetration of Aggressive Behaviors Against Peers and Teachers as Predicted by Student and Contextual Factors. **Aggressive Behavior**, New York, v. 38, p. 253–62, jul./ago. 2012.

KRUG, E. G. et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: World Health Organization, 2002.

LETTIERE, A.; NAKANO, A. M. S.; BITTAR, D. B. Violência contra a mulher e suas implicações na saúde materno-infantil. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 25, p. 524-9, 2012.

LEVANDOSKI, G.; OGG, F.; CARDOSO, F. L. Violência contra professores de educação física no ensino público do estado do Paraná. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 17, p. 374-83, jul./set. 2011.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-72, 2005.

LYRA, G. F. D.; CONSTANTINO, P.; FERREIRA, A. L. Quando a violência familiar chega até a escola. In: ASSIS, S. G. D.; CONSTANTINO, P. ; AVANCI, J. Q. (Ed.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p.147-76.

MACEDO, A. C. et al. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, p. 515-22, 2001.

MACEDO, R. M. A.; BOMFIM, M. C. A. Violências na escola. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 605-18, set./dez. 2009.

MADEIRA, F. R. Violência nas escolas: quando a vítima é o processo pedagógico. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, p. 49-61, out./dez. 1999.

MALTA, D. C. et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 3065-76, out. 2010a.

MALTA, D. C. et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 3053-63, out. 2010b.

MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. D. C. Satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho entre docentes universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, p. 75-82, jan./mar. 2009.

MARRIEL, L. C. et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, p. 35-50, jan./abr. 2006.

MARTINS, C. B. G.; JORGE, M. H. P. M. Violência física contra menores de 15 anos: estudo epidemiológico em cidade do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 12, p. 325-37, set. 2009.

MEDEIROS, A. M. D.; ASSUNÇÃO, A. Á.; BARRETO, S. M. Absenteeism due to voice disorders in female teachers: a public health problem. **International Archives of Occupational and Environmental Health**, Berlin, v. 85, n. 8, p. 853-64, nov. 2012.

MINAYO, M. C. D. S.; SOUZA, E. R. D. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 513-31, 1997.

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 7-18, 1994.

MINAYO, M. C. S. A violência dramatiza causas. In: MINAYO, M. C. S. ; SOUZA, E. R. (Ed.). **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p.23-47.

_____. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 132 p.

NESELLO, F. et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. [no prelo]. 2014.

NEWMAN, M. L.; HOLDEN, G. W.; DELVILLE, Y. Isolation and the stress of being bullied. **Journal of Adolescence**, London, v. 28, n. 3, p. 343-57, jun. 2005.

OPAS. **Informe mundial sobre la violencia y la salud: resumen**. Organización Panamericana de la Salud. Washington, D.C. 2002.

PALAZZO, L. D. S. et al. Violência física e fatores associados: estudo de base populacional no sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, p. 622-9, ago. 2008.

PARANÁ. **Decreto nº 8.088, de 01 de maio de 2013**. 2013c. Fixa, a partir de 1º de maio de 2013, valores do piso salarial no Estado do Paraná e sua política de valorização, com fundamento no inciso V, do art. 7º, da Constituição Federal, na Lei Complementar Federal nº 103, de 14 de julho de 2000 e na Lei nº 17.135, de 01 de maio de 2012. Diário Oficial do Executivo do Estado do Paraná n. 8949, Curitiba, PR, 02 mai 2013. p. 3. Disponível em <<https://www.documentos.dioe.pr.gov.br/dioe/consultaPublicaPDF.do?action=pgLocalizar&enviado=true&numero=&dataInicialEntrada=04%2F04%2F2013&dataFinalEntrada=04%2F06%2F203&search=8.088&diarioCodigo=3&submit=Localizar&localizador=>>> Acesso em 02 set. 2013.

_____. **Lei n. 103, de 15 de março de 2004.** Institui e dispõe sobre o Plano de Carreira do Professor da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná e adota outras providências. Diário Oficial 6687, Curitiba, PR, 15 mar 2004. Disponível em <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=7470&codItemAto=120073>> Acesso em 15 dez. 2013.

_____. **Lei n. 130, de 14 de julho de 2010.** Regulamenta o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, instituído pela Lei Complementar nº 103/2004, que tem como objetivo oferecer Formação Continuada para o Professor da Rede Pública de Ensino do Paraná, conforme especifica. Diário Oficial 8262, Curitiba, PR, 14 jul 2010. Disponível em <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=56184&codItemAto=434823#434823>> Acesso em 15 dez. 2013.

_____. **Lei nº 17.135, de 01 de maio de 2012.** 2012. Fixa, a partir de 1º de maio de 2012, valores do piso salarial no Estado do Paraná e sua política de valorização, com fundamento no inciso V, do art. 7º da Constituição Federal e na Lei Complementar Federal nº 103, de 14/07/2000. Diário Oficial do Executivo do Estado do Paraná n. 8704, Curitiba, PR, 02 mai 2012. p. 3. Disponível em <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=67289&codItemAto=501533>> Acesso em 02 set. 2013.

_____. Secretaria Estadual de Educação. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/index.php>. 2013a. Acesso em: 13 julho 2013.

_____. Secretaria Estadual de Educação. Portal do servidor. Disponível em: <http://www.portaldoservidor.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=63>. 2013b. Acesso em: 13 jul 2013.

PERES, M. F. T. et al. Queda dos homicídios no município de São Paulo: uma análise exploratória de possíveis condicionantes. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 14, p. 709-21, dez. 2011.

QUEIROZ, Z. P. V. D.; LEMOS, N. D. F. D.; RAMOS, L. R. Fatores potencialmente associados à negligência doméstica entre idosos atendidos em programa de assistência domiciliar. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 2815-24, set. 2010.

RECH, R. R. et al. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 89, p. 164-70, mar./abr. 2013.

REIS, E. J. F. B. et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 1480-90, set./out. 2005.

RISTUM, M. Bullying Escolar. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. ; AVANCI, J. Q. (Ed.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p.95-120.

ROCHA, V. M. D.; FERNANDES, M. H. Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 57, p. 23-7, 2008.

RUOTTI, C. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, p. 339-55, abr. 2010.

RUSSO, A. et al. Harassment in workplace among school teachers: development of a survey. **Croatian Medical Journal**, Zagreb, v. 49, n. 4, p. 545-52, aug. 2008.

SANTOS, M. N. D.; MARQUES, A. C. Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 837-46, mar. 2013.

SCHEITHAUER, H. et al. Physical, verbal, and relational forms of bullying among German students: age trends, gender differences, and correlates. **Aggressive Behavior**, New York, v. 32, n. 261-75, jun. 2006.

SEALS, D.; YOUNG, J. Bullying and victimization: prevalence and relationship to gender, grade level, ethnicity, self-esteem, and depression. **Adolescence**, Roslyn Heights, v. 38, p. 735-47, 2003.

SILVA, L. G. D.; SILVA, M. C. D. Condições de trabalho e saúde de professores pré-escolares da rede pública de ensino de Pelotas, RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 3137-46, nov. 2013.

SOLBERG, M. E.; OLWEUS, D. Prevalence Estimation of School Bullying With the Olweus Bully/Victim Questionnaire. **Aggressive Behavior**, v. 29, p. 239–68, jun. 2003.

SOUZA, E. R. D. Violência velada e revelada: estudo epidemiológico da mortalidade por causas externas em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 48-64, jan./mar. 1993.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, p. 87-103, jan./jun. 2001.

STACCIARINI, I. C. **A representação da violência nas notícias populares: a construção de uma narrativa dramática**. 2014. 147 fls. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação Social Universidade de Brasília, Brasília, DF.

STELKO-PEREIRA, A. C.; SANTINI, P. M.; WILLIAMS, L. C. D. A. Punição corporal aplicada por funcionários de duas escolas públicas brasileiras: prevalence in two public schools. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, p. 581-91, 2011.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. D. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 18, p. 45-55, 2010.

TERRUEL, S. C.; BERTANI, I. F. Assédio sexual laboral e suas implicações. **Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca**, Franca, v. 7, 2010.

TIESMAN, H. et al. Workplace violence among Pennsylvania education workers: differences among occupations. **Journal of Safety Research**, Chicago, v. 44, p. 65-71, feb. 2013.

VEDOVATO, T. G.; MONTEIRO, M. I. Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 42, p. 291-7, jun. 2008.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 18, n. 81-103, 2002.

WASELFISZ, J. J. Mapa da violência 2013: homicídios e juventude no Brasil. 2013.

WILSON, C. M.; DOUGLAS, K. S.; LYON, D. R. Violence against teachers: prevalence and consequences. **Journal of Interpersonal Violence**, Beverly Hills, v. 26, n. 12, p. 2353-71, aug. 2011.

ZIBETTI, M. L. T.; PEREIRA, S. R. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**, Curitiba, p. 259-76, 2010.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



**SAÚDE, ESTILO DE VIDA E TRABALHO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO
PARANÁ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

DIGITADO 1ª () 2ª ()

INFORMAÇÕES DA COLETA

Número:					Entrevistador:
Data do 1º Contato:	___/___/___	Entrevistado: 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não - Motivo:			
Data do 2º Contato:	___/___/___	Entrevistado: 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não - Motivo:			
Data do 3º Contato:	___/___/___	Entrevistado: 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não - Motivo:			
Data do 4º Contato:	___/___/___	Entrevistado: 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não - Motivo:			
Data do 5º Contato:	___/___/___	Entrevistado: 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não - Motivo:			

INFORMAÇÕES DO INDIVÍDUO

Olá professor(a), desde já, agradecemos sua participação nesta pesquisa.

NOME: _____		
Data de Nascimento: ___/___/___	Sexo: 1 <input type="checkbox"/> Masculino 2 <input type="checkbox"/> Feminino	DN SEXO
Você trabalha em alguma outra escola de ensino básico na REDE ESTADUAL de Londrina ? 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não	Se SIM , quais são elas? <i>(Preencha nas linhas abaixo)</i>	OES
Escola 2:		ES2
Escola 3:		ES3
Escola 4:		ES4

ANOTAÇÕES DA ENTREVISTA

BLOCO 1- VARIÁVEIS RELACIONADAS AO TRABALHO I

Vamos iniciar essa entrevista com algumas perguntas referentes ao seu trabalho como professor(a).

1. Quantos anos da sua vida você trabalhou como professor(a) até hoje? _____ anos _____ meses		TEMPROF (meses)
2. Quando você ingressou nesta profissão, você tinha vontade de ser professor(a)? 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não		VPROF
3. Atualmente você se sente realizado sendo professor(a)? 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Parcialmente 3 <input type="checkbox"/> Não		REAL
3.1 Quais os motivos que o levam a se sentir assim? (Não ler as alternativas) / (Admite mais de uma resposta)		
Motivos POSITIVOS		Motivos NEGATIVOS
1 <input type="checkbox"/> Gostar da profissão	6 <input type="checkbox"/> Salários baixos	1
2 <input type="checkbox"/> Reconhecimento social	7 <input type="checkbox"/> Falta de reconhecimento social	2
3 <input type="checkbox"/> Gostar de trabalhar com crianças e adolescentes	8 <input type="checkbox"/> Dificuldade nas relações com os alunos	3
4 <input type="checkbox"/> Influência familiar	9 <input type="checkbox"/> Relações de trabalho	4
5 <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: _____	10 <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: _____	5
6 <input type="checkbox"/> Salários baixos		6
7 <input type="checkbox"/> Falta de reconhecimento social		7
8 <input type="checkbox"/> Dificuldade nas relações com os alunos		8
9 <input type="checkbox"/> Relações de trabalho		9
10 <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: _____		10
4. Em quantos locais você trabalha atualmente? 1 <input type="checkbox"/> Um 2 <input type="checkbox"/> Dois 3 <input type="checkbox"/> Três 4 <input type="checkbox"/> Acima de três		VINC
5. Local de trabalho I: (Anotar o nome da ESCOLA NA QUAL ESTÁ SENDO REALIZADA A ENTREVISTA): ESCOLA: _____		
5.1 Em quais períodos você leciona? (Admite mais de uma resposta) 1 <input type="checkbox"/> Manhã 2 <input type="checkbox"/> Tarde 3 <input type="checkbox"/> Noite		TIPT11 TIPT12 TIPT13
5.2 Em quais séries leciona? (Admite mais de uma resposta) 1 <input type="checkbox"/> 5ª a 9ª série (ensino fundamental) 2 <input type="checkbox"/> 1ª a 3ª série (ensino médio) 3 <input type="checkbox"/> Outras. Especifique: _____		SER10 SER11 SER12 SER13
5.3 É responsável pelo ensino em quais disciplinas? Disciplina 1: _____ Disciplina 2: _____ Disciplina 3: _____		DIC11 DIC12 DIC13
5.4 Há quanto tempo você trabalha nesta escola? _____ anos _____ meses		TEMPT1 (meses)
5.5 Qual o seu tipo de contrato? 1 <input type="checkbox"/> Estatutário / Concursado (QPM) 2 <input type="checkbox"/> Contrato por tempo determinado (PSS) 3 <input type="checkbox"/> Consolidação das leis do trabalho (CLT) 4 <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: _____		TCON1
5.6 Qual sua carga horária semanal nesta escola? _____ horas por semana		CHS1(horas)
5.7 Você tirou algum tipo de licença (maternidade, paternidade, licença prêmio) nos últimos 12 meses ? 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não		LIC1 Se NÃO , pule para a 6
5.8 Quanto tempo durou essa licença? Especifique: _____ dias.		TLIC1
CARO ENTREVISTADOR, caso o entrevistado trabalhe APENAS EM UMA ESCOLA E TENHA OUTRA ATIVIDADE, pule para a 7. Caso não tenha OUTRA ATIVIDADE ALÉM DESTA ESCOLA, pule para a 8		
6. Local de trabalho II: (Anotar o nome da OUTRA ESCOLA) ESCOLA: _____		
6.1 Em quais períodos você leciona? (Admite mais de uma resposta) 1 <input type="checkbox"/> Manhã 2 <input type="checkbox"/> Tarde 3 <input type="checkbox"/> Noite		TIPT21 TIPT22 TIPT23
6.2 Em quais séries leciona? (Admite mais de uma resposta) 0 <input type="checkbox"/> 1ª a 4ª série 1 <input type="checkbox"/> 5ª a 9ª série (ensino fundamental) 2 <input type="checkbox"/> 1ª a 3ª série (ensino médio) 3 <input type="checkbox"/> Outras. Especifique: _____		SER20 SER21 SER22 SER23
6.3 É responsável pelo ensino em quais disciplinas? Disciplina 1: _____ Disciplina 2: _____ Disciplina 3: _____		DIC21 DIC22 DIC23

Apêndices

6.4 Há quanto tempo você trabalha nesta escola? _____ anos _____ meses	TEMP2 (meses)
6.5 Qual o seu tipo de contrato? 1 <input type="checkbox"/> Estatutário / Concursado (QPM) 2 <input type="checkbox"/> Contrato por tempo determinado (PSS) 3 <input type="checkbox"/> Consolidação das leis do trabalho (CLT) 4 <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: _____	TCON2
6.6 Qual sua carga horária semanal nesta outra escola? _____ horas por semana	CHS2
6.7 Você tirou algum tipo de licença (maternidade, paternidade, licença prêmio) nos últimos 12 meses? 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não Se NÃO , pule para a 7	LIC2
6.8 Quanto tempo durou essa licença? Especifique: _____ dias.	TLIC2
7. Local de trabalho III: (Anotar o nome da <u>OUTRA ESCOLA OU DE QUALQUER OUTRA ATIVIDADE REMUNERADA OU TRABALHO NO QUAL ATUE</u>)	
ESCOLA OU OUTRA ATIVIDADE: _____	
7.1 Descrição da outra atividade/trabalho R: _____	TIPT3
7.2 Qual sua carga horária semanal nessa escola / atividade? _____ horas por semana: _____	CHS3
7.3 Você tirou algum tipo de licença (maternidade, paternidade, licença prêmio) nos últimos 12 meses? 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não Se NÃO , pule para a 8	LIC3
7.4 Quanto tempo durou essa licença? Especifique: _____ dias.	TLIC3

Agora me diga, considerando sua CARGA HORÁRIA TOTAL com anos

8. Em uma semana habitual quantas horas por semana você tem atividades com alunos? _____ horas por semana	HAL
---	-----

CARO ENTREVISTADOR, para as QUESTÕES 10 e 12 o entrevistado deverá considerar, PRIORITARIAMENTE, a escola na qual passa a maior parte do tempo e, secundariamente, a que trabalha há mais tempo. No quadro abaixo, ASSINALE O CRITÉRIO adotado pelo professor para as respostas.

9. Critério adotado para as respostas nas questões 10 e 12.	1 <input type="checkbox"/> Escola em que passa a maior parte do seu tempo 2 <input type="checkbox"/> Escola em que trabalha há mais tempo 3 <input type="checkbox"/> Não se aplica (trabalha em uma escola, apenas)	CRT
---	---	-----

Vamos conversar agora sobre sua percepção em relação ao perfil do ambiente e às condições de trabalho. (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)

10. Perfil do Ambiente e Condições de Trabalho					
Como você avalia ...	Ruim	Regular	Bom / Boa	Excelente	
10.1 Relacionamento com superiores (diretores/supervisores)	0	1	2	3	ACT1
10.2 Relacionamento com colegas (professores)	0	1	2	3	ACT2
10.3 Relacionamento com alunos	0	1	2	3	ACT3
10.4 Relacionamento com pais de alunos	0	1	2	3	ACT4
10.5 Oportunidade para expressar suas opiniões no trabalho	0	1	2	3	ACT5
10.6 Motivação para chegar ao trabalho	0	1	2	3	ACT6
10.7 Remuneração em relação ao trabalho realizado	0	1	2	3	ACT7
10.8 Benefícios de saúde oferecidos	0	1	2	3	ACT8

Apêndices

10.9 Equilíbrio entre sua vida profissional e pessoal	0	1	2	3	ACT9
10.10 Quantidade de alunos por sala de aula	0	1	2	3	ACT10
Como você avalia ...	Ruim	Regular	Bom / Boa	Excelente	
10.11 Manutenção e conservação dos materiais, equipamentos e mobiliários	0	1	2	3	ACT11
10.12 Infra-estrutura da escola disponível para descanso/estudo e preparo de atividades	0	1	2	3	ACT12
10.13 Infra-estrutura predial da escola (iluminação, ventilação, pintura)	0	1	2	3	ACT13

E quanto às outras escolas na(s) qual(is) trabalha

11. Como você avalia as características das demais escolas com relação à esta?	1 <input type="checkbox"/> Igual	2 <input type="checkbox"/> Melhor	3 <input type="checkbox"/> Pior	4 <input type="checkbox"/> Não se aplica	PESC
--	----------------------------------	-----------------------------------	---------------------------------	--	------

As questões que farei agora são referentes às cargas de trabalho. Responda-me, conforme sua percepção, o quanto essas cargas afetam as suas condições de trabalho. (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)

12. Quanto as seguintes exposições o(a) afetam ?				
12.1 Cargas Físicas	Não afeta	Afeta pouco	Afeta muito	
12.1.1 Exposição a ruídos dentro da sala de aula	0	1	2	CF1
12.1.2 Exposição a ruídos na escola	0	1	2	CF2
12.1.3 Exposição a ruídos que vem de fora da escola	0	1	2	CF3
12.2 Cargas Químicas				
12.2.1 Exposição ao pó de giz	0	1	2	CQ1
12.2.2 Exposição a poeiras	0	1	2	CQ2
12.3 Cargas Biológicas				
12.3.1 Condições de higiene do seu local de trabalho	0	1	2	CB1
12.3.2 Exposição a vírus, bactérias, fungos e parasitas	0	1	2	CB2
12.4 Cargas Mecânicas				
12.4.1 Condições para carregar o material didático	0	1	2	CM1
12.4.2 Condições para carregar o material áudio-visual	0	1	2	CM2
12.5 Cargas Fisiológicas				
12.5.1 Tempo em que permanece em pé	0	1	2	CFL1
12.5.2 Condições para escrever no quadro	0	1	2	CFL2
12.5.3 Posição do corpo em relação ao mobiliário e equipamentos	0	1	2	CFL3
12.6 Cargas Psíquicas				
12.6.1 Ritmo e intensidade do seu trabalho	0	1	2	CP1
12.6.2 Autonomia para executar suas tarefas	0	1	2	CP2
12.6.3 Número de tarefas realizadas no seu trabalho e a atenção e responsabilidade que elas exigem	0	1	2	CP3
12.6.4 Tempo disponível para o preparo das atividades	0	1	2	CP4

13. Agora me diga, como você avalia o tempo disponível para desempenhar as seguintes atividades: (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)			
	Insuficiente	Regular	Suficiente

Apêndices

13.1 Trabalho	1	2	3	TD1
13.2 Estudo/Aperfeiçoamento	1	2	3	TD2
13.3 Família e ao lar	1	2	3	TD3
13.4 Alimentação	1	2	3	TD4
13.5 Lazer/cultura	1	2	3	TD5
13.6 Cuidado da saúde física	1	2	3	TD6

Sobre possíveis faltas no trabalho e utilização dos serviços de saúde, responda-me: (EXCETO PARA ROTINA DE PRÉ-NATAL, LICENÇA MATERNIDADE/PATERNIDADE OU LICENÇA PRÊMIO)

14. Você precisou faltar no trabalho por alguma doença, problemas de saúde ou lesões nos últimos 12 meses ?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não	Se NÃO , pular para 18	FAL1
15. Se sim, qual foi o principal motivo? (O motivo que causou maior número de dias afastado(a) nos últimos 12 meses)	Especifique: _____ _____		FALM1
16. Qual foi o maior período de tempo que você ficou afastado(a) do trabalho por esse motivo (motivo citado na questão anterior)?	Especifique: _____ dias		FALM2
17. Quantos DIAS INTEIROS você esteve fora do trabalho devido a um problema de saúde, consulta médica ou para fazer exame nos últimos 12 meses ?	Especifique: _____ dias		ICT5*
18. Consultou um médico nos últimos 12 meses ?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não		USS15
19. Esteve internado(a) nos últimos 12 meses ?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não		USS16

BLOCO 2- VARIÁVEIS ANTROPOMÉTRICAS

1. Qual a sua altura aproximada? _____ m.	ALTURA
2. Qual o seu peso aproximado? _____ Kg	PESO
3. Com relação ao seu peso atual, você considera que está: (Ler as alternativas para o entrevistado)	1 <input type="checkbox"/> Com o peso ideal para a sua altura 2 <input type="checkbox"/> Acima do peso ideal 3 <input type="checkbox"/> Abaixo do peso ideal PERCEPESO

BLOCO 3- VARIÁVEIS RELACIONADAS AOS HÁBITOS DE VIDA

Nas próximas questões, vamos perguntar sobre alguns aspectos do seu estilo de vida.

Atividade Física			
1. Em uma semana normal (típica) você faz algum tipo de atividade física no seu tempo livre pelo menos uma vez na semana:	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não	Se NÃO , pule para 3	ATF1
2. Sobre a(s) atividade(s) física(s) que pratica, indique:			
Nome da atividade (ex. caminhada, natação, ginástica, etc.)	Quantas vezes por semana (em dias)	Quanto tempo por dia (em minutos)	
2.1.1	2.1.2	2.1.3	
2.2.1	2.2.2	2.2.3	
2.3.1	2.3.2	2.3.3	
3. Com relação às atividades que realiza em casa, você diria que o esforço físico destinado a estas atividades é: (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1 <input type="checkbox"/> Muito leve 2 <input type="checkbox"/> Leve 3 <input type="checkbox"/> Moderado	4 <input type="checkbox"/> Intenso 5 <input type="checkbox"/> Muito intenso	ATF3

Apêndices

4. Com relação às atividades que realiza no seu dia-a-dia de trabalho, você diria que o esforço físico destinado a estas atividades é: (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1 <input type="checkbox"/> Muito leve 2 <input type="checkbox"/> Leve 3 <input type="checkbox"/> Moderado	4 <input type="checkbox"/> Intenso 5 <input type="checkbox"/> Muito intenso	ATF4
5. Você costuma se deslocar a pé ou de bicicleta para ir ao trabalho?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não	Se NÃO , pule para 6	ATF5
5.1 Habitualmente quanto tempo por dia você gasta nestes deslocamentos para ir e voltar?	_____ horas _____ min		ATF51 (min.)

Gostaríamos de saber ainda, habitualmente, em uma semana padrão (segunda a sexta-feira) e nos finais de semana e feriados:

	1. Dias da semana	2. Finais de semana e feriados	
6. Quanto tempo por dia você assiste à televisão?	_____ horas _____ min	_____ horas _____ min	ATT61(min.)
			ATT62(min.)
7. Quanto tempo por dia você utiliza o computador?	_____ horas _____ min	_____ horas _____ min	ATT71(min.)
			ATT72(min.)

E DURANTE SEU HORÁRIO DE TRABALHO, me diga:

8. Quanto tempo por dia você fica sentado(a)?	_____ horas _____ min	ATS8 (min.)
9. Quanto tempo por dia você fica em pé?	_____ horas _____ min	ATP9 (min.)

As próximas questões serão sobre tabagismo e consumo de álcool e café

10. Em relação ao tabaco você é: (Ler as alternativas para o entrevistado)	1 <input type="checkbox"/> Fumante 2 <input type="checkbox"/> Ex-fumante 3 <input type="checkbox"/> Não fumante	TABACO
11. Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas você: (Ler as alternativas para o entrevistado)	1 <input type="checkbox"/> Não consome bebida alcoólica 2 <input type="checkbox"/> Consome bebida alcoólica 1 x por semana ou menos 3 <input type="checkbox"/> Consome bebida alcoólica de 2 a 6 x por semana 4 <input type="checkbox"/> Consome bebida alcoólica diariamente	ALCOOL
12 Com que frequência você toma café ? (NÃO LER as alternativas para o entrevistado)	1 <input type="checkbox"/> Não consome 2 <input type="checkbox"/> Consome café de 2 a 3 x por mês ou de 1 a 3 x por semana 3 <input type="checkbox"/> Consumo café de 4 a 6 x por semana 4 <input type="checkbox"/> Consumo café de 1 a 3 x por dia 5 <input type="checkbox"/> Consumo café mais de 3 x por dia	CAFE

Agora eu vou fazer algumas perguntas sobre sua alimentação.

13. Assinale o número correspondente à resposta. (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)						
Me diga, com que frequência você:	Nunca	De 1 a 3 x por mês	De 1 a 2 x por semana	De 3 a 6 vezes por semana	Diariamente	
13.1 Come fora de casa?	1	2	3	4	5	AL1
13.2 Substitui ao menos uma das refeições por lanches (sanduíches, salgados, etc.)?	1	2	3	4	5	AL2
13.3 Consome alimentos pré-preparados (congelados, pré-cozidos, etc.)?	1	2	3	4	5	AL3
13.4 Consome bebidas industrializadas ou refrigerantes?	1	2	3	4	5	AL4

Apêndices

13.5 Consome frutas?	1	2	3	4	5	AL5	
13.6 Consome verduras e/ou legumes?	1	2	3	4	5	AL6	
14. Assinale o número correspondente à resposta. (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)							
Gostaríamos de saber também com que frequência você:	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre	Não se aplica	
14.1 Retira a gordura visível quando come carne vermelha?	1	2	3	4	5	6	AL7
14.2 Retira a pele da carne de frango?	1	2	3	4	5	6	AL8
Com que frequência você:	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre	Não se aplica	
14.3 Elege alimentos light e/ou desnatados para consumir?	1	2	3	4	5	6	AL9
14.4 Utiliza adoçante no lugar de açúcar?	1	2	3	4	5	6	AL10
14.5 Come salgadinhos ou doces entre as refeições principais?	1	2	3	4	5	6	AL11
14.6 Come assistindo televisão ou em frente ao computador?	1	2	3	4	5	6	AL12

Em um dia de semana normal, quanto tempo você:

15. Leva para tomar o café da manhã?	___ minutos	() Não toma café da manhã	TCAFE (min.)
16. Leva para almoçar?	___ minutos	() Não almoça	TALM (min.)
17. Leva para jantar?	___ minutos	() Não janta	TJAN (min.)
18. Suponha que se sua alimentação fosse de excelente qualidade mereceria nota 10 e se fosse de péssima qualidade, nota 0. Em uma escala de 0 a 10, que nota você daria à qualidade de sua alimentação?	Nota: _____		ALNOTA

BLOCO 4 – CONHECIMENTOS EM SAÚDE**Agora vamos conversar sobre informações nutricionais e conhecimentos em saúde.**

1. Nos últimos 12 meses você observou tabelas de informações nutricionais na hora de comprar ou consumir alimentos?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não	Se NÃO , por que? _____ _____ _____ Pule para questão 7				VN1
	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre	
2. Se SIM : Com qual frequência? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1	2	3	4	5	VN2
3. Com qual frequência, nos últimos 12 meses, você evitou consumir algum alimento devido às informações nutricionais? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1	2	3	4	5	VN3
4. Você realiza essa consulta nos seguintes alimentos? (Admite múltiplas respostas) LER AS ALTERNATIVAS						VN4 (Assinalar abaixo)
1 <input type="checkbox"/> Laticínios	4 <input type="checkbox"/> Comidas instantâneas				1	4

Apêndices

2 <input type="checkbox"/> Embutidos	5 <input type="checkbox"/> Refrigerantes / Bebidas industrializadas	2		5	
3 <input type="checkbox"/> Comidas congeladas	6 <input type="checkbox"/> Outro? Especificar: _____	3		6	
Ver as seguintes perguntas e aguardar a resposta do entrevistado (NÃO LER AS ALTERNATIVAS)					
5. Quais itens/ingredientes você costuma observar nessas tabelas? (Admite múltiplas respostas) NÃO LER AS ALTERNATIVAS				VN5 (Assinalar abaixo)	
1 <input type="checkbox"/> Todos os elementos	10 <input type="checkbox"/> Sódio	1		10	
2 <input type="checkbox"/> Cálcio	11 <input type="checkbox"/> Gorduras totais	2		11	
3 <input type="checkbox"/> Calorias (Valor energético)	12 <input type="checkbox"/> Gorduras insaturadas	3		12	
4 <input type="checkbox"/> Carboidratos	13 <input type="checkbox"/> Gorduras saturadas	4		13	
5 <input type="checkbox"/> Colesterol	14 <input type="checkbox"/> Gorduras trans	5		14	
6 <input type="checkbox"/> Ferro	15 <input type="checkbox"/> Lactose	6		15	
7 <input type="checkbox"/> Fibra alimentar	16 <input type="checkbox"/> Minerais	7		16	
8 <input type="checkbox"/> Glúten	17 <input type="checkbox"/> Proteínas	8		17	
9 <input type="checkbox"/> Vitaminas	18 <input type="checkbox"/> Outro. Especificar: _____	9		18	
6. Por qual(is) motivo(s) você realiza essa verificação? (Admite múltiplas respostas) NÃO LER AS ALTERNATIVAS				VN6 (Assinalar abaixo)	
1 <input type="checkbox"/> Curiosidade/Composição dos alimentos				1	
2 <input type="checkbox"/> Escolher alimentos mais saudáveis/prevenção de problemas futuros para si ou para a família				2	
3 <input type="checkbox"/> Recomendação médica/Alteração de saúde PRÓPRIA (hipertensão, diabetes ou colesterol alto, alergia ao glúten ou à lactose)				3	
4 <input type="checkbox"/> Recomendação médica/Alteração de saúde DE ALGUÉM DA FAMÍLIA/QUE MORA JUNTO (hipertensão, diabetes ou colesterol alto, alergia ao glúten ou à lactose)				4	
5 <input type="checkbox"/> Controle de peso PRÓPRIO				5	
6 <input type="checkbox"/> Controle de peso DE ALGUÉM DA FAMÍLIA/QUE MORA JUNTO				6	
7 <input type="checkbox"/> Outro. Especificar: _____				7	

Utilização de Informações Nutricionais			
LER PARA O ENTREVISTADO: Esta informação está contida no verso de um pote de sorvete. (Entregar cartão de apoio contendo o rótulo do sorvete. NAS PERGUNTAS QUE UTILIZAM O RÓTULO NÃO LEIA AS ALTERNATIVAS)			
7. Se você tomar o pote inteiro de sorvete, quantas calorias irá ingerir? (NÃO LER AS ALTERNATIVAS)	1 <input type="checkbox"/> 1000 calorias 2 <input type="checkbox"/> Outra resposta		NVS 1
8. Se você pudesse comer 60 g de carboidratos, que quantidade de sorvete você poderia tomar? (Nota: se o entrevistado responder "2 porções", pergunte "Quanto de sorvete seria isso se você tivesse que medi-lo com uma xícara"? (NÃO LER AS ALTERNATIVAS)	1 <input type="checkbox"/> 1 xícara (ou qualquer quantidade até 1 xícara) 2 <input type="checkbox"/> Metade do pote 3 <input type="checkbox"/> Outra resposta		NVS 2
9. Seu médico o (a) aconselhou a reduzir a quantidade de gordura saturada em sua dieta. Você geralmente come 42 g de gordura saturada por dia, o que inclui uma porção de sorvete. Se você parar de tomar sorvete, quantos gramas de gordura saturada você estaria consumindo por dia? (Caso o entrevistado tenha dúvida, repetir a questão. (NÃO LER AS ALTERNATIVAS)	1 <input type="checkbox"/> 33 gramas 2 <input type="checkbox"/> Outra resposta		NVS 3
10. Se você geralmente come 2500 kcal (calorias) por dia, qual a porcentagem do valor diário de calorias você estaria ingerindo se tomasse uma porção de sorvete? (Caso o entrevistado tenha dúvida, repetir a questão. (NÃO LER AS ALTERNATIVAS)	1 <input type="checkbox"/> 10% 2 <input type="checkbox"/> Outra resposta		NVS 4
INSTRUÇÃO PARA SER LIDA AO ENTREVISTADO: Considerando que você é alérgico(a) às seguintes substâncias: Penicilina, amendoins, luvas de látex e picadas de abelhas.			
11. É seguro para você tomar esse sorvete? (Caso o entrevistado tenha dúvida, repetir as substâncias e a questão).	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não	Se SIM, pular para o bloco 5	NVS 5
12. (Pergunte somente se o paciente respondeu "não" à questão 11: Por que não? (NÃO LER AS ALTERNATIVAS)	1 <input type="checkbox"/> Por causa do óleo de amendoim. 2 <input type="checkbox"/> Outra resposta		NVS 6

BLOCO 5- VARIÁVEIS RELACIONADAS ÀS CONDIÇÕES DE SAÚDE

Agora farei perguntas referentes aos seus hábitos de sono **DURANTE O ÚLTIMO MÊS SOMENTE.**

Apêndices

1. Durante o último mês, quando você geralmente foi para a cama à noite?	Hora usual de deitar: _____				PS1(HH:mm)
2. Durante o último mês, quanto tempo (em minutos) você geralmente levou para dormir à noite?	Número de minutos: _____				PS2 (min.)
3. Durante o último mês, quando você geralmente levantou de manhã?	Hora usual de levantar: _____				PS3 (HH:mm)
4. Durante o último mês, quantas horas de sono você teve por noite? (<i>Anotar o total de horas e minutos se houver</i>)	Horas de sono por noite: _____				PS4 (HH:mm)
5. Com que frequência você costuma dormir ou cochilar durante o dia após o almoço? (<i>Ler as alternativas para o entrevistado</i>)	1 <input type="checkbox"/> Nunca	2 <input type="checkbox"/> Menos de 1 vez/sem	3 <input type="checkbox"/> 1 ou 2 vezes/sem	4 <input type="checkbox"/> 3 ou mais vezes/sem	PS5 Se NUNCA , pular para questão 7
6. Quanto tempo dura o seu sono ou cochilo após o almoço?	_____ minutos				PS6 (min.)
7. Durante o último mês, com que frequência você teve dificuldade de dormir porque você: (<i>MOSTRE O CARTÃO DE APOIO</i>)	Nenhuma no último mês	Menos de 1x semana	1 ou 2x semana	3 ou mais x semana	
a) Não conseguiu adormecer em até 30 minutos	0	1	2	3	PS7A
b) Acordou no meio da noite ou de manhã cedo, (<i>antes do que deveria</i>)	0	1	2	3	PS7B
c) Precisou levantar para ir ao banheiro	0	1	2	3	PS7C
d) Não conseguiu respirar confortavelmente	0	1	2	3	PS7D
e) Tossiu ou roncou forte	0	1	2	3	PS7E
f) Sentiu muito frio	0	1	2	3	PS7F
g) Sentiu muito calor	0	1	2	3	PS7G
h) Teve sonhos ruins	0	1	2	3	PS7H
i) Teve dor	0	1	2	3	PS7I
j) Outra(s) razão(ões), por favor descreva _____					PS7J
l) Com que frequência, durante o último mês, você teve dificuldade para dormir devido a essa razão	0	1	2	3	PS7L
8. Durante o último mês, como você classificaria a qualidade do seu sono de uma maneira geral? (<i>Ler as alternativas para o entrevistado</i>)	1 <input type="checkbox"/> Muito boa	2 <input type="checkbox"/> Boa	3 <input type="checkbox"/> Ruim	4 <input type="checkbox"/> Muito ruim	PS8
9. Durante o último mês, com que frequência você tomou medicamento (prescrito ou por conta própria) para ajudá-lo (a) a dormir? (<i>MOSTRE O CARTÃO DE APOIO</i>)	1 <input type="checkbox"/> Nenhuma no último mês	2 <input type="checkbox"/> Menos de 1 vez/sem	3 <input type="checkbox"/> 1 ou 2 vezes/sem	4 <input type="checkbox"/> 3 ou mais vezes/sem	PS9
10. No último mês, com que frequência você teve dificuldade de ficar acordado enquanto dirigia, comia ou participava de uma atividade social (festa, reunião de amigos, trabalho, estudo): (<i>MOSTRE O CARTÃO DE APOIO</i>)	1 <input type="checkbox"/> Nenhuma no último mês	2 <input type="checkbox"/> Menos de 1 vez/sem	3 <input type="checkbox"/> 1 ou 2 vezes/sem	4 <input type="checkbox"/> 3 ou mais vezes/sem	PS10
11. Durante o último mês, quão problemático foi para você manter o entusiasmo (ânimo) para fazer as coisas (suas atividades habituais): (<i>MOSTRE O CARTÃO DE APOIO</i>)	1 <input type="checkbox"/> Nenhuma dificuldade	2 <input type="checkbox"/> Um problema leve	3 <input type="checkbox"/> Um problema razoável	4 <input type="checkbox"/> Um problema muito grande	PS11

Apêndices

12. Já lhe disseram que você ronca todas ou quase todas as noites:	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não	Se NÃO , pule para 14	PS12
13. Se SIM, isso ocorre pelo menos há 12 meses?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não		PS13

Vamos conversar agora sobre a intensidade e frequência com que tem sentido dores.

14. Você sofre de algum tipo de dor crônica, ou seja, que o (a) incomoda há 6 meses ou mais?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não 3 <input type="checkbox"/> Não sabe/ Não responde	Se NÃO , pule para 33	DOR1
15. Por favor, aponte-me em que parte do corpo você sente essa dor (Admite mais de uma resposta). (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)			DOR2
1 <input type="checkbox"/> Cabeça, face e/ou boca 2 <input type="checkbox"/> Pescoço/nuca 3 <input type="checkbox"/> Ombros e Braços 4 <input type="checkbox"/> Peito 5 <input type="checkbox"/> Abdômen 6 <input type="checkbox"/> Costas (acima da cintura)	7 <input type="checkbox"/> Costas (na cintura e na região lombar) 8 <input type="checkbox"/> Pelve 9 <input type="checkbox"/> Joelhos 10 <input type="checkbox"/> Pernas 11 <input type="checkbox"/> Pés 12 <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: _____	Caso o entrevistado REFIRA DOR EM MAIS DE UM LOCAL , faça a pergunta abaixo, caso contrário, pule para a 18	1 2 3 4 5 6
16. Entre essas dores referidas, qual delas o(a) incomodou mais nos últimos 6 meses? (Anotar o número)	Número _____		DORPIOR
17. Há quanto tempo sente essa dor que mais incomoda? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1 <input type="checkbox"/> 6 meses a 2 anos 2 <input type="checkbox"/> Mais de 2 anos até 5 anos 3 <input type="checkbox"/> Mais de 5 anos até 10 anos 4 <input type="checkbox"/> Mais de 10 anos		DORPIOR1
18. Pensando na última vez em que sentiu essa dor (ou a dor que mais incomoda, caso haja mais de uma), diga-me um número de 1 a 10 para a intensidade dessa dor, sendo 1 para "quase sem dor" e 10 para "a pior dor que se pode imaginar"	Número _____		DOR3
19. Quando foi a última vez que sentiu essa dor (ou a dor que mais incomoda, caso haja mais de uma)? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1 <input type="checkbox"/> Hoje 2 <input type="checkbox"/> Hoje não, mas esta semana 3 <input type="checkbox"/> Não esta semana, mas a menos de um mês	4 <input type="checkbox"/> De 1 a menos de 3 meses 5 <input type="checkbox"/> De 3 a 6 meses 6 <input type="checkbox"/> Há mais de 6 meses 7 <input type="checkbox"/> Não respondeu	DOR4
20. Com que frequência sente essa dor (ou a dor que mais incomoda, caso haja mais de uma)? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1 <input type="checkbox"/> Todas as horas do dia 2 <input type="checkbox"/> Todos os dias, em algum momento 3 <input type="checkbox"/> Duas ou mais vezes na semana	4 <input type="checkbox"/> Uma vez na semana 5 <input type="checkbox"/> De uma a três vezes ao mês 6 <input type="checkbox"/> Menos de uma vez ao mês 7 <input type="checkbox"/> Não respondeu	DOR5
21. Com que intensidade essa dor interfere em seu trabalho? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1 <input type="checkbox"/> Completamente 2 <input type="checkbox"/> Muito 3 <input type="checkbox"/> Moderadamente	4 <input type="checkbox"/> Pouco 5 <input type="checkbox"/> Nada 6 <input type="checkbox"/> Não respondeu	DOR6
22. E no lazer? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1 <input type="checkbox"/> Completamente 2 <input type="checkbox"/> Muito 3 <input type="checkbox"/> Moderadamente	4 <input type="checkbox"/> Pouco 5 <input type="checkbox"/> Nada 6 <input type="checkbox"/> Não respondeu	DOR61
23. Nos últimos 12 meses você procurou um médico para o tratamento dessa dor?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não 3 <input type="checkbox"/> Não lembra	Se NÃO , pule para 28	DOR7
24. Foi prescrito algum medicamento ou outro tipo de tratamento?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não 3 <input type="checkbox"/> Não lembra	Se NÃO , pule para 28	DOR71
25. Se sim, Qual? (<i>anotar o nome comercial do medicamento ou o tipo de tratamento</i>). (Admite mais de uma resposta).	1 <input type="checkbox"/> Medicamento _____ 2 <input type="checkbox"/> Outro tratamento _____ 3 <input type="checkbox"/> Não lembra		DOR721 DOR722 DOR723
26. Alguma(s) dessas condutas ajudou (aram) a aliviar sua dor? Se sim, qual(is) delas ?	1 <input type="checkbox"/> Medicamento 2 <input type="checkbox"/> Tratamento não medicamentoso	3 <input type="checkbox"/> Ambos 4 <input type="checkbox"/> Nenhum	DOR724

Apêndices

27. Quanto você considera que ajudou (aram) a aliviar a dor? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1 <input type="checkbox"/> Completamente 2 <input type="checkbox"/> Muito 3 <input type="checkbox"/> Moderadamente	4 <input type="checkbox"/> Pouco 5 <input type="checkbox"/> Nada	DOR725
28. Você toma algum medicamento ou faz alguma outra coisa para controlar a sua dor que não tenha sido indicado por um médico?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não 3 <input type="checkbox"/> Não lembra	Se NÃO, pule para 32	DOR8
29. Se sim, o que? (anotar o nome comercial do medicamento ou o tipo de tratamento)	1 <input type="checkbox"/> Medicamento sem prescrição: _____		DOR811
	2 <input type="checkbox"/> Outro tratamento sem prescrição: _____		DOR812
	3 <input type="checkbox"/> Não lembra		DOR813
30. Alguma(s) dessas condutas ajudou(aram) a aliviar sua dor? Se sim, qual(is) dela(s)? (Admite mais de uma resposta).	1 <input type="checkbox"/> Medicamento 2 <input type="checkbox"/> Tratamento não medicamentoso	3 <input type="checkbox"/> Ambos 4 <input type="checkbox"/> Nenhum	
31. Quanto você considera que esse(s) tratamento(s) aliviou(aram) a sua dor? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	1 <input type="checkbox"/> Completamente 2 <input type="checkbox"/> Muito 3 <input type="checkbox"/> Moderadamente	4 <input type="checkbox"/> Pouco 5 <input type="checkbox"/> Nada	DOR82
32. Você utilizou medicamentos para dor ou desconforto nos últimos 15 dias? (<i>analgésicos, anti-inflamatórios, relaxantes musculares, antigripais, etc., mesmo que não tenha sido prescrito</i>)		1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não 3 <input type="checkbox"/> Não lembra	DOR9

Sobre sua voz, me diga

33. Com que frequência você tem problemas relacionados a ela (sua voz)? (Ler as alternativas para o entrevistado)	1 <input type="checkbox"/> Sempre 2 <input type="checkbox"/> Frequentemente	3 <input type="checkbox"/> Às vezes 4 <input type="checkbox"/> Raramente	5 <input type="checkbox"/> Nunca	VOZ1
--	--	---	----------------------------------	------

BLOCO 6- VARIÁVEIS RELACIONADAS AO TRABALHO II

As próximas perguntas serão sobre a sua capacidade para o trabalho.

1. Suponha que a sua melhor capacidade para o trabalho tem um valor igual a 10 pontos. Responda em uma escala de zero a dez, quantos pontos você daria para sua capacidade de trabalho atual. (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)				Pontos: _____	ICT1
0 = Estou incapaz para o trabalho	←	→	10 = Estou em minha melhor capacidade para o trabalho		
2. Como você classificaria sua capacidade atual para o trabalho em relação às exigências físicas do mesmo? (Por exemplo, fazer esforço físico com partes do corpo). (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	5 <input type="checkbox"/> Muito Boa 4 <input type="checkbox"/> Boa 3 <input type="checkbox"/> Moderada	2 <input type="checkbox"/> Baixa 1 <input type="checkbox"/> Muito Baixa			ICT2
3. Como você classificaria sua capacidade atual para o trabalho em relação às exigências mentais do seu trabalho? (Por exemplo, interpretar fatos, resolver problemas, decidir a melhor forma de fazer) (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	5 <input type="checkbox"/> Muito Boa 4 <input type="checkbox"/> Boa 3 <input type="checkbox"/> Moderada	2 <input type="checkbox"/> Baixa 1 <input type="checkbox"/> Muito Baixa			ICT3
4. Dentre as condições de saúde que vou ler à seguir, diga-me a(s) em sua opinião, qual(is) você tem, se foram diagnosticadas por um médico e se faz TRATAMENTO MEDICAMENTOSO ATUALMENTE para ela(s)					
CIRCULAR o n.2, se opinião do entrevistado (O.E) ou o n.1, se diagnóstico médico (DM)					
Condições de saúde	O.E	D.M	TRATAMENTO		Preencher para variável Tratamento
4.1 Hipertensão arterial (pressão alta)	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT1
4.2 Diabetes	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT2

Apêndices

4.3 Hiperlipidemia (colesterol/triglicerídeos alto)	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT3		
4.4 Histórico de infarto do miocárdio	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT4		
4.5 Histórico de acidente vascular cerebral (derrame)	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT5		
4.6 Depressão severa	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT6		
4.7 Depressão leve	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT7		
4.8 Ansiedade	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT8		
4.9 Enxaqueca	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT9		
4.10 Insônia	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT10		
4.11 Sinusite	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT11		
4.12 Artrite / Artrose / Reumatismo	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT12		
4.13 Osteoporose	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT13		
4.14 Asma / Bronquite / Enfisema	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT14		
4.15 Tumor benigno	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT15		
4.16 Tumor maligno (câncer) Onde? Especifique _____	2	1	1 <input type="checkbox"/> Sim	2 <input type="checkbox"/> Não	ICTT16		
5. Ainda sobre lesões por acidentes ou doenças que vou ler à seguir, responda-me, em sua opinião qual(is) você possui atualmente e qual(is) dela(s) foram confirmadas pelo médico .							
<i>(Ler o agravos e CIRCULAR o n.2, se opinião do entrevistado (O.E) ou o n.1, se diagnóstico médico (DM))</i>							
	O.E	D.M			O.E	D.M	
5.1 Lesão nas costas	2	1			5.21 Pedra ou doença da vesícula biliar	2	1
5.2 Lesão nos braços/mãos	2	1			5.22 Doença do pâncreas ou do fígado	2	1
5.3 Lesão nas pernas/pés	2	1			5.23 Úlcera gástrica ou duodenal	2	1
5.4 Lesão em outras partes do corpo. Onde? Que tipo de lesão? _____	2	1			5.24 Gastrite ou irritação duodenal	2	1
5.5 Doença da parte superior das costas ou região do pescoço com dores frequentes	2	1			5.25 Colite ou irritação do cólon	2	1
5.6 Doença da parte inferior das costas com dores frequentes	2	1			5.26 Outra doença digestiva? Qual ?	2	1
5.7 Dor nas costas que se irradia para a perna (ciática)	2	1			5.27 Infecção das vias urinárias	2	1
5.8 Doença músculo-esquelética que afeta membros (braços e pernas) com dores frequentes	2	1			5.28 Doença dos rins	2	1
5.9 Outra doença músculo-esquelética. Qual? _____	2	1			5.29 Doença nos genitais e aparelho reprodutor (ex. problema nas trompas ou na próstata)	2	1
5.10 Doença coronariana, dor no peito durante exercício (angina pectoris)	2	1			5.30 Outra doença geniturinária. Qual? _____	2	1

Apêndices

5.11 Trombose coronariana	2	1	5.31 Alergia, eczema	2	1
5.12 Insuficiência cardíaca	2	1	5.32 Outra erupção. Qual?	2	1
5.13 Outra doença cardiovascular. Qual?	2	1	5.33 Outra doença de pele. Qual?	2	1
5.14 Infecções repetidas do trato respiratório (inclusive amigdalite, sinusite aguda, bronquite aguda)	2	1	5.34 Obesidade	2	1
5.15 Tuberculose pulmonar	2	1	5.35 Bócio ou outra doença da tireóide	2	1
5.16 Outra doença respiratória. Qual?	2	1	5.36 Outra doença endócrina ou metabólica. Qual? _____	2	1
5.17 Problema ou diminuição da audição	2	1	5.37 Anemia	2	1
5.18 Doença ou lesão da visão (não assinale se apenas usa óculos e/ou lentes de contato de grau)	2	1	5.38 Outra doença do sangue. Qual?	2	1
5.19 Doença neurológica (neuralgia, epilepsia)	2	1	5.39 Defeito de nascimento. Qual?	2	1
5.20 Outra doença neurológica ou dos órgãos dos sentidos. Qual?	2	1	5.40 Outro problema ou doença. Qual?	2	1
6. Sua lesão ou doença é um impedimento para seu trabalho atual? (Pode ser marcada mais de uma resposta nessa pergunta) (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)					
6 <input type="checkbox"/> Não há impedimento / eu não tenho doenças				6	
5 <input type="checkbox"/> Eu sou capaz de fazer meu trabalho, mas ele me causa alguns sintomas				5	
4 <input type="checkbox"/> Algumas vezes preciso diminuir meu ritmo de trabalho ou mudar meus métodos de trabalho				4	
3 <input type="checkbox"/> Frequentemente preciso diminuir meu ritmo de trabalho ou mudar meus métodos de trabalho				3	
2 <input type="checkbox"/> Por causa de minha doença sinto-me capaz de trabalhar apenas em tempo parcial				2	
1 <input type="checkbox"/> Em minha opinião, estou totalmente incapacitado para trabalhar				1	
7. Considerando sua saúde, você acha que será capaz de, daqui a 2 anos , fazer seu trabalho atual? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)			1 <input type="checkbox"/> É improvável 4 <input type="checkbox"/> Não estou muito certo 7 <input type="checkbox"/> Bastante provável	ICT7	
8. MOSTRE O CARTÃO DE APOIO	Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca
8.1 Recentemente você tem conseguido apreciar suas atividades diárias?	4	3	2	1	0
8.2 Recentemente você tem se sentido ativo e alerta?	4	3	2	1	0
(Ler as alternativas para o entrevistado)	Continua mente	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca
8.3 Recentemente você tem se sentido cheio de esperança para o futuro?	4	3	2	1	0

BLOCO 7 – VARIÁVEIS RELACIONADAS À VIOLÊNCIA

Agora vamos conversar sobre situações de violência que você vivenciou ou que soube que ocorreram em sua atividade profissional.

1. Em sua atividade profissional, qual destas OCORRERAM NA ESCOLA nos últimos 12 meses? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)

Apêndices

ATENÇÃO: CONSIDERE <u>VIOLÊNCIA</u> OCORRIDA NOS <u>ÚLTIMOS 12 MESES</u>	Não/ Ne nhuma	1 caso	2 casos	3 ou mais casos	
1.1 Depredações, vandalismo, pichações ou quebra de móveis/equipamento	0	1	2	3	V11
1.2 Roubo ou furto de material, equipamentos ou móveis da(s) da(s) escola(s)	0	1	2	3	V12
1.3 Roubo ou furto de objetos pessoais ou dinheiro dos alunos ou de seus colegas ou funcionários	0	1	2	3	V13
1.4 Agressão física ou tentativa de agressão física contra professores, funcionários ou alunos	0	1	2	3	V14
1.5 Agressão ou tentativa de agressão com faca ou objeto cortante contra professores, funcionários ou alunos	0	1	2	3	V15
1.6 Agressão ou tentativa de agressão com arma de fogo contra professores, funcionários ou alunos	0	1	2	3	V16
1.7 Exposição à situações humilhantes e constrangedoras, como insultos ou gozações, entre professores, funcionários ou superiores? (<i>quantos colegas nos últimos 12 meses?</i>)	0	1	2	3	V17
1.8 <i>Bullying</i> (atitudes agressivas, intencionais e repetidas adotadas por um aluno ou mais contra outro(s) - (<i>quantos casos nos últimos 12 meses?</i>))	0	1	2	3	V18
1.9 Aconteceu outro tipo de violência física ou psicológica na escola que chamou sua atenção? Se sim, qual? _____	0	1	2	3	V19

Agora falaremos sobre situações de violência que ocorreram contra você na(s) escola(s) em que atua ou atuou:

2. Violência sofrida pelo professor <u>EM SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL</u> (Admite mais de uma possibilidade) (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)	Não	Sim, há menos de 12 meses	Sim, há 12 meses ou mais	
2.1 Você já teve seus pertences ou dinheiro roubados, furtados ou danificados?	0	1	2	V21
2.2 Você já recebeu insultos ou gozações de seus alunos?	0	1	2	V22
2.3 Você já se sentiu exposto à situações humilhantes e constrangedoras, como insultos ou gozações de outros professores, funcionários ou superiores?	0	1	2	V23
2.4 Você já se sentiu assediado sexualmente na sua atividade profissional?	0	1	2	V24
2.5 Você já foi ameaçado durante o seu trabalho de professor(a)? (<i>ameaças à integridade física, a familiares, etc</i>)	0	1	2	V25
2.6 Você já sofreu agressão física ou tentativa de agressão física no seu trabalho como professor(a)? (<i>corporal ou com objetos/mobília</i>)	0	1	2	V26
2.7 Você já sofreu agressão ou tentativa de agressão com faca ou outro objeto cortante no seu trabalho como professor(a)? (<i>canivete, tesoura, etc</i>)	0	1	2	V27

Apêndices

2.8 Você já sofreu agressão ou tentativa de agressão com arma de fogo no seu trabalho como professor(a)?	0	1	2	V28
2.9 Você já sofreu outro tipo de violência física ou psicológica na escola? Se sim, qual? _____	0	1	2	V29
3. Violência sofrida pelo professor <u>FORA DA ESCOLA</u> (Admite mais de uma possibilidade) (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)				
	Não	Sim, há menos de 12 meses	Sim, há mais de 12 meses	
3.1 Você já foi ameaçado ou assaltado mediante uso de arma branca (faca ou outro objeto cortante) em outros locais fora da escola?	0	1	2	V31
3.2 Você já foi ameaçado ou assaltado mediante uso de arma de fogo em outros locais fora da escola?	0	1	2	V32
3.3 Você já sofreu outro tipo de violência física ou psicológica fora da escola? Se sim, qual? _____	0	1	2	V33

E quanto ao seu vínculo com a comunidade e com os pais dos alunos da(s) escola(s) em que trabalha, me diga:

4. Como você classificaria esse(s) vínculo(s)? (MOSTRE O CARTÃO DE APOIO)						
	Ótimo / Bom	Regular	Ruim	Inexistente	Não se aplica	
4.1 Local de trabalho I	1	2	3	4	-	VEP1
4.2 Local de trabalho II	1	2	3	4	5	VEP2
4.3 Local de trabalho III	1	2	3	4	5	VEP3

PERGUNTA FINAL

8. Dada a importância da sua participação neste estudo, poderíamos contar com a sua colaboração novamente dentro de alguns meses ou dentro de alguns anos?	1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não	Se SIM , preencha o quadro abaixo	PFINAL
---	--	--	---------------

INFORMAÇÕES PARA CONTATO

Endereço residencial:		
Telefone (s):	Residencial:	Celular:
E-mail 1:		
E-mail 2:		
Contato 1:	Parentesco:	Telefone:
Contato 2:	Parentesco:	Telefone:
Contato 3:	Parentesco:	Telefone:

MUITO OBRIGADO(A) PELA PARTICIPAÇÃO!



SAÚDE, ESTILO DE VIDA E TRABALHO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO PARANÁ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

DIGITADO 1ª () 2ª ()

QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

Número:					Entrevistador:
---------	--	--	--	--	----------------

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO

Você está recebendo um questionário com perguntas referentes **aos seus sentimentos em relação ao seu trabalho.**
Em cada uma das questões, assinale o número correspondente a alternativa que mais se aproxima dos seus sentimentos.

Por favor, responda **TODAS AS QUESTÕES** no campo "GABARITO", na margem direita das folhas.

ESCALA 1

			GABARITO
Questão 1.1 Em geral você diria que sua saúde é:	1 <input type="checkbox"/> Excelente	4 <input type="checkbox"/> Ruim	SF1
	2 <input type="checkbox"/> Muito boa	5 <input type="checkbox"/> Muito ruim	
	3 <input type="checkbox"/> Boa		

Questão 1.2 Os seguintes itens são sobre atividades que você poderia fazer atualmente durante um dia comum. Devido a sua saúde, você teria dificuldade para fazer estas atividades? Neste caso, quanto?	Sim. Dificulta muito	Sim. Dificulta um pouco	Não. Não dificulta de modo algum	GABARITO
1.2.1 Atividades moderadas, tais como mover uma mesa, passar aspirador de pó, jogar bola, varrer a casa.	1	2	3	SF2A
1.2.2 Subir vários lances de escada	1	2	3	SF2B

Questão 1.3 Durante as últimas 4 semanas, você teve algum dos seguintes problemas com seu trabalho ou com alguma atividade diária regular, como consequência de sua saúde física?	Sim	Não	GABARITO
1.3.1 Realizou menos tarefas do que você gostaria?	1	2	SF3A
1.3.2 Esteve limitado no seu tipo de trabalho ou em outras atividades?	1	2	SF3B

Questão 1.4 Durante as últimas 4 semanas, você teve algum dos seguintes problemas com seu trabalho ou com alguma atividade diária regular, como consequência de algum problema emocional (como sentir-se deprimido ou ansioso).	Sim	Não	GABARITO
1.4.1 Realizou menos tarefas do que você gostaria?	1	2	SF4A
1.4.2 Não trabalhou ou não fez qualquer das atividades com tanto cuidado como geralmente faz.	1	2	SF4B

Apêndices

			GABARITO	
Questão 1.5 Durante as últimas 4 semanas, quanto a presença de dor interferiu com seu trabalho normal (incluindo tanto o trabalho fora de casa e dentro de casa)?	1 <input type="checkbox"/> De maneira alguma		4 <input type="checkbox"/> Bastante	
	2 <input type="checkbox"/> Um pouco		5 <input type="checkbox"/> Extremamente	
	3 <input type="checkbox"/> Moderadamente			
			SF5	

Questão 1.6 Estas questões são sobre como você se sente e como tudo tem acontecido com você durante as últimas 4 semanas. Para cada questão, por favor, dê uma resposta que mais se aproxime de maneira como você se sente. Em relação às últimas 4 semanas.	Todo Tempo	A maior parte do tempo	Uma boa parte do tempo	Algu ma parte do tempo	Uma peque na parte do tempo	Nunca	GABARITO	
	1	2	3	4	5	6		SF6A
	1	2	3	4	5	6		SF6B
	1	2	3	4	5	6		SF6C
	1	2	3	4	5	6		

			GABARITO	
Questão 1.7 Durante as últimas 4 semanas, quanto do seu tempo a sua saúde física ou problemas emocionais interferiram nas suas atividades sociais (como visitar amigos, parentes, etc)?	1 <input type="checkbox"/> Todo tempo		4 <input type="checkbox"/> Uma pequena parte do tempo	
	2 <input type="checkbox"/> A maior parte do tempo		5 <input type="checkbox"/> Nenhuma parte do tempo	
	3 <input type="checkbox"/> Alguma parte do tempo			
			SF7	

ESCALA 2					GABARITO
Assinale o número correspondente a sua resposta no quadro abaixo:					
	Frequen temente	Às vezes	Raramente	Nunca ou quase nunca	
2.1 Com que frequência você tem que fazer suas tarefas de trabalho com muita rapidez?	4	3	2	1	E1
2.2 Com que frequência você tem que trabalhar intensamente (isto é, produzir muito em pouco tempo)?	4	3	2	1	E2
2.3 Seu trabalho exige demais de você?	4	3	2	1	E3
2.4 Você tem tempo suficiente para cumprir todas as tarefas de seu trabalho?	4	3	2	1	E4
2.5 O seu trabalho costuma apresentar exigências contraditórias ou discordantes?	4	3	2	1	E5
2.6 Você tem possibilidade de aprender coisas novas em seu trabalho?	4	3	2	1	E6
2.7 Seu trabalho exige muita habilidade ou conhecimentos especializados?	4	3	2	1	E7
2.8 Seu trabalho exige que você tome iniciativas?	4	3	2	1	E8

Apêndices

2.9 No seu trabalho, você tem que repetir muitas vezes as mesmas tarefas?	4	3	2	1	E9
	Frequen- temente	Às vezes	Raramente	Nunca ou quase nunca	GABARITO
2.10 Você pode escolher COMO fazer o seu trabalho?	4	3	2	1	E10
2.11 Você pode escolher O QUE fazer no seu trabalho?	4	3	2	1	E11
Atenção, agora as opções de resposta mudaram, conforme tabela a seguir:					
Afirmações:	Concordo totalmente	Concordo mais que discordo	Discordo mais que concordo	Discordo totalmente	GABARITO
2.12 Existe um ambiente calmo e agradável onde trabalho	4	3	2	1	E12
2.13 No trabalho, nos relacionamos bem uns com os outros	4	3	2	1	E13
2.14 Eu posso contar com o apoio dos meus colegas de trabalho	4	3	2	1	E14
2.15 Se eu não estiver num bom dia, meus colegas compreendem	4	3	2	1	E15
2.16 No trabalho eu me relaciono bem com os meus chefes	4	3	2	1	E16
2.17 Eu gosto de trabalhar com os meus colegas	4	3	2	1	E17

ESCALA 3						GABARITO
	Nunca	Algumas vezes ao ano	Algumas vezes ao mês	Algumas vezes na semana	Diaria- mente	
3.1 Sinto-me emocionalmente decepcionado com meu trabalho.	1	2	3	4	5	B1
3.2 Quando termino minha jornada de trabalho sinto-me esgotado.	1	2	3	4	5	B2
3.3 Quando me levanto pela manhã e me deparo com outra jornada de trabalho, já me sinto esgotado.	1	2	3	4	5	B3
3.4 Sinto que posso entender facilmente as pessoas que tenho que atender	1	2	3	4	5	B4
3.5 Sinto que estou tratando algumas pessoas com as quais me relaciono no meu trabalho como se fossem objetos impessoais.	1	2	3	4	5	B5
3.6 Sinto que trabalhar todo o dia com pessoas me cansa.	1	2	3	4	5	B6
3.7 Sinto que trato com muita eficiência os problemas das pessoas as quais tenho que atender.	1	2	3	4	5	B7
3.8 Sinto que meu trabalho está me desgastando.	1	2	3	4	5	B8
3.9 Sinto que estou exercendo influência positiva na vida das pessoas, através de meu trabalho.	1	2	3	4	5	B9

Apêndices

3.10 Sinto que me tornei mais duro com as pessoas, desde que comecei este trabalho.	1	2	3	4	5	B10
3.11 Fico preocupado que este trabalho esteja me enrijecendo emocionalmente.	1	2	3	4	5	B11
	Nunca	Algumas vezes ao ano	Algumas vezes ao mês	Algumas vezes na semana	Diariamente	GABARITO
3.12 Sinto-me muito vigoroso no meu trabalho.	1	2	3	4	5	B12
3.13 Sinto-me frustrado com meu trabalho.	1	2	3	4	5	B13
3.14 Sinto que estou trabalhando demais.	1	2	3	4	5	B14
3.15 Sinto que realmente não me importa o que ocorra com as pessoas as quais tenho que atender profissionalmente.	1	2	3	4	5	B15
3.16 Sinto que trabalhar em contato direto com as pessoas me estressa.	1	2	3	4	5	B16
3.17 Sinto que posso criar, com facilidade, um clima agradável em meu trabalho.	1	2	3	4	5	B17
3.18 Sinto-me estimulado depois de haver trabalhado diretamente com quem tenho que atender.	1	2	3	4	5	B18
3.19 Creio que consigo muitas coisas valiosas nesse trabalho.	1	2	3	4	5	B19
3.20 Sinto-me como se estivesse no limite de minhas possibilidades.	1	2	3	4	5	B20
3.21 No meu trabalho eu manejo com os problemas emocionais com muita calma.	1	2	3	4	5	B21
3.22 Parece-me que as pessoas que atendo culpam-me por alguns de seus problemas.	1	2	3	4	5	B22

ESCALA 4							GABARITO
	Enorme Satisfação	Muita Satisfação	Alguma Satisfação	Alguma Insatisfação	Muita Insatisfação	Enorme insatisfação	
4.1 Comunicação e forma de fluxo de informações na instituição em que você trabalha	6	5	4	3	2	1	ST1
4.2 Seu relacionamento com outras pessoas na instituição em que trabalha	6	5	4	3	2	1	ST2
4.3 O sentimento que você tem a respeito de como seus esforços são avaliados	6	5	4	3	2	1	ST3
4.4 O conteúdo do trabalho que você faz	6	5	4	3	2	1	ST4
4.5 O grau em que você se sente motivado por seu trabalho	6	5	4	3	2	1	ST5
4.6 Oportunidades pessoais em sua carreira atual	6	5	4	3	2	1	ST6

Apêndices

4.7 O grau de segurança no seu emprego atual	6	5	4	3	2	1	ST7
4.8 O quanto você se identifica com a imagem externa ou realizações da instituição em que trabalha	6	5	4	3	2	1	ST8
4.9 O estilo de supervisão que seus superiores usam	6	5	4	3	2	1	ST9
	Enorme Satisfação	Muita Satisfação	Alguma Satisfação	Alguma Insatisfação	Muita Insatisfação	Enorme insatisfação	GABARITO
4.10 A forma pela qual mudanças e inovações são implementadas	6	5	4	3	2	1	ST10
4.11 O tipo de tarefa e o trabalho em que você é cobrado	6	5	4	3	2	1	ST11
4.12 O grau em que você sente que você pode crescer e se desenvolver em seu trabalho	6	5	4	3	2	1	ST12
4.13 A forma pela qual os conflitos são resolvidos	6	5	4	3	2	1	ST13
4.14 As oportunidades que seu trabalho lhe oferece no sentido de você atingir suas aspirações e ambições	6	5	4	3	2	1	ST14
4.15 O seu grau de participação em decisões importantes	6	5	4	3	2	1	ST15
4.16 O grau em que a instituição absorve as potencialidades que você julga ter	6	5	4	3	2	1	ST16
4.17 O grau de flexibilidade e de liberdade que você julga ter em seu trabalho	6	5	4	3	2	1	ST17
4.18 O clima psicológico que predomina na instituição em que você trabalha	6	5	4	3	2	1	ST18
4.19 Seu salário em relação à sua experiência e à responsabilidade que tem	6	5	4	3	2	1	ST19
4.20 A estrutura organizacional da instituição em que você trabalha	6	5	4	3	2	1	ST20
4.21 O volume de trabalho que você tem para desenvolver	6	5	4	3	2	1	ST21
4.22 O grau em que você julga estar desenvolvendo suas potencialidades na instituição em que trabalha	6	5	4	3	2	1	ST22

Apêndices

O questionário está terminando! As perguntas a seguir são para a caracterização social e demográfica.

Por favor, **COLOQUE O NÚMERO CORRESPONDENTE A SUA RESPOSTA NO GABARITO**, na margem direita da folha.

5. CARACTERIZAÇÃO SOCIAL E DEMOGRÁFICA		GABARITO
5.1 Qual é a sua situação conjugal? 1 <input type="checkbox"/> Solteiro 2 <input type="checkbox"/> União Consensual 3 <input type="checkbox"/> Casado 4 <input type="checkbox"/> Separado/Divorciado 5 <input type="checkbox"/> Viúvo		CONJ
5.2 Você se considera da cor ou raça: 1 <input type="checkbox"/> Amarela 2 <input type="checkbox"/> Branca 3 <input type="checkbox"/> Indígena 4 <input type="checkbox"/> Parda 5 <input type="checkbox"/> Preta		COR
5.3 Você segue alguma religião? 1 <input type="checkbox"/> Sim 2 <input type="checkbox"/> Não		RELIG
5.4 Qual o seu grau de instrução? 1 <input type="checkbox"/> Magistério 2 <input type="checkbox"/> Bacharel e Licenciatura 3 <input type="checkbox"/> Pós-Graduação (Especialização) 4 <input type="checkbox"/> Pós-Graduação (Mestrado) 5 <input type="checkbox"/> Pós-Graduação (Doutorado) 6 <input type="checkbox"/> Outro. Especifique: _____		GRAINST
5.5 Qual o número de pessoas que moram com você? (EXCETO VOCÊ)		FAMIL R: _____
5.6 Qual a renda mensal familiar aproximada (<i>Soma dos salários e de outros tipos de renda recebidos pelas pessoas que convivem na sua residência</i>)? 1 <input type="checkbox"/> De R\$ 600,00 até R\$1.500,00 2 <input type="checkbox"/> De R\$ 1.501,00 até R\$ 2.000,00 3 <input type="checkbox"/> De R\$ 2.001,00 até R\$ 3.000,00 4 <input type="checkbox"/> De R\$ 3.001,00 até R\$ 4.000,00 5 <input type="checkbox"/> De R\$ 5.001,00 até R\$ 7.000,00 6 <input type="checkbox"/> Acima de R\$ 7.000,00		REND
5.7 Você mora: 1 <input type="checkbox"/> Casa/Apartamento próprio quitado 2 <input type="checkbox"/> Casa/Apartamento próprio financiado 3 <input type="checkbox"/> Casa/Apartamento alugado 4 <input type="checkbox"/> Outra. Especificar: _____		MORA

MUITO OBRIGADO(A) PELA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE B – MANUAL DO ENTREVISTADOR

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**



**Saúde, estilo de vida e trabalho de professores da
rede estadual de Londrina**

Manual do Entrevistador

Caro (a) Entrevistador (a),

O Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina está desenvolvendo o projeto "Saúde, estilo de vida e trabalho de professores da Rede Pública do Paraná (PRÓ-MESTRE)".

A motivação para o estudo surgiu diante da percepção de que os professores desempenham um papel imprescindível para a sociedade, mas pouca atenção tem sido dada para a sua condição de saúde e qualidade de vida. Assim, uma equipe de professores e estudantes de pós-graduação da UEL elaborou um projeto cujo objetivo principal será o de identificar as condições de saúde e de estilo de vida dos professores, além de outros aspectos que poderiam estar relacionados com o seu processo de trabalho.

Com isso, entende-se que será possível identificar meios para melhorar a qualidade de vida e a satisfação com o trabalho, tanto em orientações aos professores como na produção de informações que possam subsidiar políticas públicas direcionadas a esses profissionais.

O trabalho do(a) entrevistador(a) é fundamental para que esta pesquisa se realize. Por isso, o presente manual contém informações básicas sobre a pesquisa, seus objetivos, bem como responsabilidades do entrevistador e instruções para aplicação e preenchimento do questionário.

Desde já, agradecemos sua importante participação nessa pesquisa.

Bom trabalho!

Equipe do PRÓ-MESTRE

EQUIPE EXECUTORA DO PRÓ-MESTRE

Prof. Dr. Arthur Eumann Mesas – Coordenador do projeto – Cirurgião-Dentista/UNESP, Mestre em Saúde Coletiva/UEL, Mestre em Métodos Quantitativos de Pesquisa em Epidemiologia/UAM/Madri/Espanha, Doutor em Medicina Preventiva e Saúde Pública/UAM/Madri, Espanha. Docente do Departamento de Saúde Coletiva/UEL.

Prof^a. Dr^a. Selma Maffei de Andrade – Colaboradora – Enfermeira/UEL, Doutora em Saúde Pública/FSP-USP, Docente do Departamento de Saúde Coletiva/UEL.

Prof. Dr. Marcos Aparecido Sarria Cabrera – Colaborador – Médico Geriatra, Doutor em Ciências da Saúde/USP, Docente do Departamento de Clínica Médica/UEL.

Prof^a. Dr^a. Elisabete de Fátima Polo de Almeida Nunes – Colaboradora – Enfermeira/UEL, Doutora em Saúde Coletiva/UNICAMP, Docente do Departamento de Saúde Coletiva/UEL.

Prof. Dr. Alberto Durán González – Colaborador – Farmacêutico e Bioquímico/UEL, Doutor em Saúde Coletiva/UEL, Docente do Departamento de Saúde Coletiva/UEL.

Prof. Ms. Edmarlon Giroto – Colaborador – Farmacêutico e Bioquímico/UEL, Mestre em Saúde Coletiva/UEL, Doutorando em Saúde Coletiva/UEL, Docente do Departamento de Ciências Farmacêuticas/UEL.

Prof^a. Dr^a. Mara Solange Gomes Dellaroza – Colaboradora – Enfermeira/UEL, Doutora em Enfermagem na Saúde do Adulto/USP, Docente do Departamento de Enfermagem/UEL.

Ms. Marcela Maria Birolim – Colaboradora – Enfermeira/UEL, Mestre em Saúde Coletiva/UEL, Doutoranda em Saúde Coletiva/UEL.

Alessandra Domingos Silva – Colaboradora – Farmacêutica e Bioquímica/UEL, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva/UEL.

Ana Luisa Dias – Colaboradora – Enfermeira/UEL, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Participação na concepção do projeto, na elaboração do instrumento de coleta de dados.

Francine Nesello – Colaboradora – Biomédica/UEL, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

Natalia Paludeto Guerreiro – Colaboradora – Enfermeira/UEL, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

Renne Rodrigues – Colaborador – Farmacêutico e Bioquímico/UEL, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

ATRIBUIÇÕES MEMBROS PRÓ-MESTRE

EQUIPE COORDENADORA

- Apoiar as coordenadoras de escolas nas ações de sensibilização e apresentação do projeto com os diretores e professores.
- Coordenar o processo de divulgação e sensibilização.
- Apoiar as equipes nas ações que se fizerem necessárias.
- Agendar reuniões periódicas de acompanhamento da coleta.

COORDENADORAS DE ESCOLAS

- Primeira abordagem na escola com os diretores.
- Solicitar lista dos professores com identificação das horas atividades.
- Sensibilizar os professores para a pesquisa.
- Agendar as entrevistas de acordo com a disponibilidade dos professores e dos entrevistadores.
- Realizar entrevistas sem que haja prejuízo às atividades de agendamento.
- Apoiar os coordenadores de equipes e os entrevistadores em suas atividades, especialmente em casos não previstos no manual do entrevistador.
- Receber, checar e encaminhar para a equipe coordenadora os instrumentos preenchidos semanalmente.

COORDENADORES DE EQUIPES

- Solicitar a disponibilidade de horário dos estudantes de suas equipes.
- Enviar à coordenadora de escola os horários disponíveis para agendamento de acordo com a sua própria disponibilidade e com a de sua equipe de estudantes.
- Realizar entrevistas quando estas forem agendadas.
- Apoiar e supervisionar o trabalho dos estudantes de sua equipe.
- Fornecer os instrumentos/TCLE para os estudantes de sua equipe.
- Verificar o preenchimento correto dos instrumentos/TCLE e preencher o gabarito dos formulários for seus estudantes.
- Encaminhar para a coordenadora de escola, semanalmente, os instrumentos/TCLE preenchidos e checados.
- Apoiar os coordenadores de escola e os entrevistadores em suas atividades, especialmente em casos não previstos no manual do entrevistador.

ENTREVISTADORES

- Enviar ao coordenador de equipe os horários disponíveis para agendamento de acordo com a sua disponibilidade de forma sistemática e sempre que houver alguma alteração do informe anterior.
- Realizar as entrevistas agendadas.
- Checar o bom preenchimento das informações dos instrumentos antes de entregar os instrumentos/TCLE.
- Entregar os instrumentos/TCLE preenchidos e checados, preferencialmente para os coordenadores de equipes, com possibilidade de entrega para o coordenador da escola.
- Apoiar os coordenadores de escola e os coordenadores de equipe em suas atividades quando solicitado, especialmente em casos não previstos no manual do entrevistador.

1. INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

1. Caracterizar os professores quanto às atividades profissionais, situação sócio econômica e demográfica, condições de saúde física e mental, hábitos do estilo de vida, capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse ocupacional.
2. Relacionar o ambiente e as condições de trabalho com a capacidade para o trabalho, estresse ocupacional e absenteísmo.
3. Analisar a associação da qualidade de vida relacionada com a saúde com a capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse laboral.
4. Analisar a associação entre distúrbios na duração e na qualidade do sono com a capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse laboral.
5. Analisar a associação entre depressão, ansiedade e síndrome de Burnout com a capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse laboral.
6. Examinar a relação entre dor crônica e condição vocal com a capacidade para o trabalho.
7. Investigar a relação da atividade física, dos hábitos alimentares e do consumo de tabaco e álcool com a capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse laboral.
8. Descrever o perfil dos professores quanto à sua alfabetização funcional em saúde, e investigar sua possível relação com o estado de saúde e com o processo de trabalho docente.

2. ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A ENTREVISTA

A seguir seguem orientações gerais sobre como abordar os sujeitos e proceder na entrevista. Estas orientações são muito importantes por representarem um código de conduta do entrevistador. Informações específicas serão apresentadas mais adiante.

2.1 RECOMENDAÇÕES AO ENTREVISTADOR:

- Cumpra o horário estabelecido para a realização da entrevista. Atrasar é desrespeitar o candidato.
- Tenha bom senso no vestir;
- Se usar óculos escuros, retire-os ao abordar um entrevistado;
- Desligue seu celular ou mantenha o mesmo no modo silencioso. Atender a uma chamada durante a entrevista é sinal de menosprezo.
- Procure apresentar-se de forma simples e sem exageros, evitando constrangimentos ou recusas;
- Mantenha discrição, falando baixo. Não há sentido em dizer que a pesquisa é sigilosa e fazer as perguntas em voz alta;
- Tenha paciência;
- Não demonstre preconceito, mantenha sempre o mesmo tom para as diferentes questões, e evitando manifestação de opiniões próprias através de risos, comentários, olhares de censura, etc;
- A postura do entrevistador deve ser sempre neutra em relação às respostas;
- Seja sempre gentil e educado, pois as pessoas não têm obrigação de recebê-lo, e a primeira impressão causada na pessoa que o recebe é muito importante.

USE SEMPRE SEU CRACHÁ DE IDENTIFICAÇÃO E JALECO
--

2.2 ORIENTAÇÕES PRÉVIAS À ENTREVISTA:

- A.** Verifique se está com todo o material necessário para a correta aplicação do instrumento:
- Caneta;
 - Crachá de identificação;
 - Jaleco;
 - Carteira de identidade;
 - Instrumento (formulário e questionário);
 - Termos de consentimento livre e esclarecido;
 - Manual de instruções;

- Água mineral

B. Ao chegar à escola, apresente-se dizendo, por exemplo: “Boa tarde! Sou aluno da Universidade Estadual de Londrina e faço parte de uma pesquisa sobre “Saúde, estilo de vida e trabalho de professores da Rede Pública do Paraná (PRÓ-MESTRE)”, e em seguida peça para falar com o diretor ou responsável imediato para o contato com os entrevistados.

C. Ao ser atendido pelo diretor ou responsável imediato, apresente-se novamente e identifique-se mostrando o crachá (carteirinha). Apresente-se em seguida ao professor e inicie a entrevista no local indicado pelo diretor ou responsável.

D. Ao final da entrevista verifique se todas as perguntas da página foram respondidas. Lembre-se que, no caso de uma pergunta sem resposta, você terá que voltar ao local da entrevista para obtê-la

NUNCA DEIXE NENHUMA RESPOSTA EM BRANCO

E. Os termos e formulários devem ser mantidos juntos e entregues no NESCO até prazo estipulado, para posterior digitação.

2.3 ORIENTAÇÕES DURANTE A ENTREVISTA:

- Informe, de forma clara e breve, os objetivos da pesquisa e esteja preparado para responder perguntas relativas aos mesmos;
- Procure despertar o interesse em fornecer os dados requeridos, esclarecendo a importância das informações para a pesquisa;
- Deixe bem claro que a entrevista é de caráter sigiloso e que as informações são absolutamente confidenciais (isto significa que nomes e endereços não serão identificados na análise e divulgação dos resultados);
- Evite fazer qualquer comentário a respeito de outras entrevistas já realizadas;

- Apresente ao entrevistado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e informe que isto é apenas um requisito da pesquisa, garantindo a ela o sigilo de todas as informações colhidas. Se necessário ou solicitado, leia-o ao entrevistado;
- Lembre à pessoa que ela tem o telefone do responsável pela Pesquisa no (TCLE) e poderá ligar para esclarecer qualquer dúvida;
- Trate os entrevistados por “Senhor (a)”, e sempre com respeito. Só mude este tratamento se a própria pessoa pedir para ser tratada de outra forma.
- Chame o entrevistado sempre pelo nome (por ex. Senhora Maria). Durante a entrevista, de vez em quando, faça referência ao nome do entrevistado, pois é uma forma de ganhar a atenção e manter o interesse do mesmo;
- Procure estabelecer um clima de cordialidade durante a entrevista, mas evite que a pessoa se desvie do roteiro com assuntos controvertidos ou alheios ao questionário.
- Demonstre segurança no manuseio do formulário e dos assuntos que nele constam, o que implica em estudo prévio do mesmo, eliminando quaisquer dúvidas;
- Comentários a respeito das entrevistas não devem ser realizados em qualquer lugar público, mesmo com um colega de pesquisa;
- Comentários sobre dúvidas e problemas que surgiram durante a aplicação dos instrumentos devem ser feitos apenas com os responsáveis pela pesquisa, em local reservado e em tom de voz baixo;
- Tente conduzir a entrevista distante de outras pessoas, possibilitando que o entrevistado responda às questões livremente;
- Ao final da entrevista, antes de liberar o entrevistado, revisar rapidamente os instrumentos. Isto dura alguns segundos e melhora muito a qualidade da informação;
- Após a conferência dos instrumentos, agradeça ao entrevistado pela sua participação e coloque-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida.

<p style="text-align: center;">ENTRE EM CONTATO COM OS RESPONSÁVEIS PELA PESQUISA SEMPRE QUE TIVER DÚVIDAS</p>

2.4 PREENCHIMENTO DO FORMULÁRIO:

- Cuide bem de seus formulários. Use sempre uma base fixa na hora de preencher as respostas.
- Posicione-se de preferência frente a frente com a pessoa entrevistada, evitando que ela procure ler as questões durante a entrevista;
- **Os formulários devem ser preenchidos à caneta;**
- **Não esquecer de colocar o seu nome no campo 'entrevistador', presente na primeira página do instrumento, mas ATENÇÃO este campo só deverá ser preenchido quando a entrevista for realizada.**
- Faça as perguntas, conforme apresentadas no formulário;
- Evite omissões, improvisações e alterações das perguntas. O êxito de uma pesquisa depende em grande parte da forma como as questões foram formuladas;
- Se o professor não entender a pergunta, explique o conteúdo da questão do modo que você achar mais adequado para o entrevistado entender sem, contudo, mudar o sentido da mesma ou induzir a alguma resposta;
- Não faça comentários sobre o que se pretende obter através das respostas;
- A ordem das questões deverá ser sempre respeitada para evitar distorções. Não a altere;
- **Jamais sugira, induza ou antecipe respostas a qualquer questão,** por mais tempo que o entrevistado requeira para entender ou respondê-la. São as causas mais freqüentes de erros;
- Mantenha a mão o seu manual de instruções e consulte-o, se necessário, durante a entrevista. Caso o manual não tenha esclarecido a dúvida, entrar em contato com seu supervisor de campo.
- As letras e os números devem ser escritos de maneira absolutamente legível, sem deixar dúvidas. Lembre-se: tudo isto vai ser relido e digitado;

- De preferência, use letra de forma;
- Não use abreviaturas ou siglas, a não ser que tenham sido orientadas no manual;
- Nunca passe para a próxima pergunta se tiver alguma dúvida sobre a questão que acabou de ser respondida. Se necessário, peça para que se repita a resposta;
- Não registre a resposta se não estiver absolutamente seguro de ter entendido o que foi dito pelo entrevistado;
- Nunca confie em sua memória e não deixe para registrar nenhuma informação depois da entrevista;
- Use o campo observação (página 1) do formulário para escrever tudo o que considerar importante, para discutir posteriormente com o coordenador da equipe.
- Caso a entrevista não possa ser realizada por algum motivo, o instrumento deverá ser entregue ao coordenador de equipe para o reagendamento, **NÃO ESQUECER QUE NESTE CASO VOCÊ NÃO DEVERÁ COLOCAR SEU NOME NO CAMPO 'ENTREVISTADOR'**

2.5 PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO:

- Entregue o questionário ao professor;
- Oriente o preenchimento à caneta e de preferência com letra de forma;
- Se o professor não entender alguma questão, explique o conteúdo da mesma do modo que você achar mais adequado para que ele possa entender sem, contudo, mudar o sentido ou induzir a alguma resposta;
- Não faça comentários sobre o que se pretende obter através das respostas;
- Reforçar que o questionário é de caráter sigiloso e que as informações são absolutamente confidenciais.

2.6 CASOS ESPECIAIS:

Casos de perda, recusa ou exclusão **CONTABILIZAM** a cota de entrevistados.

2.6.1 Recusa:

- A recusa ocorre quando a pessoa não aceita participar da entrevista;
- Ela pode acontecer por vários motivos, porém, mesmo que ela ocorra, mantenha sempre uma atitude cortês;
- Pode acontecer uma recusa circunstancial, como por exemplo, a pessoa não pode atender naquele momento específico, mas aceita agendar outra visita para a entrevista. Neste caso, deixe a visita agendada, agradeça e retorne no outro dia. **OBS: esse caso não contará como recusa.**
- Para aqueles que recusarem participar da pesquisa, o entrevistador deverá registrar na página inicial a data da visita e o motivo correspondente. Anexe o questionário junto a esse formulário (para diminuir a possibilidade de erros, os instrumentos serão entregues aos entrevistadores com o cabeçalho do formulário e com a numeração identificadora do questionário preenchidas previamente).
- Mesmo diante de uma recusa, agradeça a atenção, anote corretamente na planilha a situação e siga para a próxima entrevista.
- O entrevistado pode ainda se negar a responder perguntas específicas do formulário e questionário. Nesses casos, anote quais foram às questões na página inicial no campo “observações”.

**QUANTO MAIS CLARAS E COMPLETAS AS
INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA, MENORES AS
CHANCES DE RECUSA.**

2.6.2 Perdas:

- É considerado perda quando o professor não for encontrado após **cinco** tentativas de entrevista em dias, horários e locais distintos.

3. INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DO FORMULÁRIO

3.1 BLOCO 1 – VARIÁVEIS RELACIONADAS AO TRABALHO I

Este bloco está subdividido em perguntas relacionadas ao trabalho, vínculos de trabalho, perfil do ambiente e condições de trabalho, percepção de cargas de trabalho, absenteísmo e utilização dos serviços de saúde.

OBS: Para as questões 10 e 12, caso o professor possua dois vínculos com escolas estaduais diferentes, deverá ser considerada, prioritariamente, a escola que passa a maior parte do tempo e secundariamente, no caso de possuir dois vínculos com cargas horárias iguais, considerar a escola que o professor trabalha há mais tempo. Anotar na questão 9 qual o critério utilizado.

Questão 10: para cada item, mostrar o cartão de apoio correspondente à questão e solicitar que o entrevistado escolha uma dentre as seguintes respostas: ruim, regular, bom (boa), excelente, e em seguida assinale a resposta de acordo com o número correspondente na legenda.

Questão 12: Ao iniciar a questão, diga o seguinte: “agora vou fazer perguntas sobre o quanto que as cargas de trabalho em que o senhor é exposto diariamente, afeta a sua saúde física e/ou mental. Para cada item de cada tipo de carga, mostrar o cartão de apoio e solicitar que o entrevistado escolha uma dentre as seguintes respostas: não afeta, afeta pouco e afeta muito, e em seguida assinale a resposta de acordo com o número correspondente na legenda.

Cargas de trabalho são exigências ou demandas psicobiológicas do processo de trabalho que podem gerar, ao longo do tempo, desgaste do trabalhador. Elas são divididas em: cargas físicas, químicas, biológicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas (FACCHINI, 1993).

Questão 12.4: tanto as condições para carregar o material didático, quanto as condições para carregar o material áudio-visual, se referem ao peso dos materiais, esforço necessário para carregá-los, ou até mesmo alguns professores não tem nem mesmo condições de carregá-los, e com isso ele vai responder o quanto esses esforços afetam a sua saúde.

Questão 12.6: nesta questão, avaliaremos o quanto as cargas psíquicas (geralmente fonte de estresse), afetam a saúde mental e até mesmo física dos professores. Por ex: se o ritmo e a intensidade do trabalho para ele for grande, provavelmente ele responderá que afeta muito “sua saúde”, por outro lado, se não for tão intenso assim, poderá não afetar ou afetar pouco. Esse raciocínio deverá ser feito para as demais alternativas dessa questão. **Atenção: não induzir respostas!!**

OBS: caso ele não tenha que carregar o material, não utiliza giz e sim pincel atômico, ou qualquer outra alternativa que ele não esteja exposto a esse tipo de carga, a resposta será não afeta.

Questões 14 a 17: não considerar rotinas de pré-natal, licença maternidade/paternidade ou licença prêmio.

Questão 17: considerar apenas dias inteiros de trabalho para as faltas. Por exemplo: professor que trabalha apenas no período da manhã, se o mesmo faltar neste período será considerado um dia inteiro, porém se ele trabalha nos períodos da manhã e tarde e faltar apenas em um dos dois períodos, não considerar dia inteiro.

3.2 BLOCO 3 – VARIÁVEIS RELACIONADAS AOS HÁBITOS DE VIDA

Este bloco está subdividido em perguntas relacionadas a atividades físicas, tabagismo, consumo de álcool, consumo de café e condutas alimentares.

Questão 2: Sobre as atividades físicas que o entrevistado pratica, primeiramente perguntar o nome da atividade, em seguida quantas vezes por semana realiza (assinalar em dias) e após quanto tempo por dia (a duração deve ser preenchida sempre em minutos, por exemplo, caso o sujeito responda uma (1) hora e meia, deve-se assinalar 90 minutos). Em seguida pergunte se realiza outra atividade, se sim siga o modo explicado para quantas atividades realizar, se não realizar mais nenhuma atividade passe para a próxima questão.

Questão 5.1: nesta questão, pedir para o entrevistado calcular aproximadamente os minutos gastos com ida e volta, e somar. Caso utilize os dois meios para se locomover, some o total, não é necessário descrever que meio utiliza.

Questão 6: sobre o tempo que assiste televisão, primeiramente pergunte quantas horas e/ou minutos assiste nos dias de semana e depois quantas horas e/ou minutos assiste no final de semana.

Questão 7: sobre o tempo que utiliza o computador, primeiramente pergunte quantas horas e/ou minutos utiliza nos dias de semana e depois quantas horas e/ou minutos utiliza no final de semana.

Questão 8: solicitar ao entrevistado para calcular aproximadamente as horas que permanece sentado. Caso ele responda o tempo todo e trabalha 8h por dia, anotar 8h. Caso ele responda, por exemplo, que fica metade do tempo sentado, e metade do tempo em pé e trabalha 8h horas por dia, anotar 4h para cada questão.

Questão 9: pedir para o entrevistado calcular aproximadamente as horas que fica em pé. Caso ele responda o tempo todo e trabalha 8h por dia, anotar 8h.

Questão 10: considerar fumante = Independente se fuma um cigarro ou um maço de cigarros; considerar ex-fumante = Independente de quando parou de fumar.

Questão 11: não levar em consideração a medida consumida.

Questão 12: sobre o consumo de café, fazer a pergunta e não ler as alternativas, conforme a resposta do entrevistado assinalar a alternativa referente. Caso ele não saiba como responder, pergunte quantas vezes por mês, ou por semana ou por dia. Não levar em consideração a medida consumida.

Questão 13: Para cada item, mostrar o cartão de apoio correspondente a questão e solicitar que o entrevistado escolha uma dentre as alternativas apresentadas.

Questão 13.1: para esta questão, comer na casa de outros ou comer marmitta em outro local, mesmo que levadas de casa ainda são consideradas comer fora de casa.

Questão 13.4: considerar bebidas industrializadas como “sucos de saquinho”, sucos de caixa, sucos de lata, água com gás, água com sabor, chás industrializados, isotônicos dentre outros.

Questão 14: Para cada item, mostrar o cartão de apoio correspondente à questão e solicitar que o entrevistado escolha uma dentre as alternativas apresentadas. Na alternativa “Não se aplica” assinalar na ocorrência de entrevistado vegetariano, ou que não coma carne de frango ou carne vermelha.

Questão 15: considerar como café da manhã o desjejum que realiza em casa antes de sair para o trabalho/compromissos ou aquele que o entrevistado realiza assim que chega ao local de trabalho antes de iniciar suas atividades. Caso o entrevistado só tome café na hora do lanche da manhã, não contar como café da manhã.

Questão 17: considerar como jantar a refeição principal que realiza no período após o anoitecer (por volta das 18h), mesmo que seja um lanche.

3.3 BLOCO 4 – CONHECIMENTOS EM SAÚDE

Este bloco está subdividido em hábito de consulta a informações nutricionais, e alfabetização em saúde com base na ferramenta Newest Vital Sign (NVS).

Questão 1: Caso o entrevistado responda que ele **NÃO** observa as tabelas de informações nutricionais, perguntar o por que e anotar no campo correspondente.

Questão 4: Para esta questão serão listado exemplos de alimentos que compõem as classes alimentícias em estudo:

- **Laticínios:** leite, margarina, manteiga, requeijão, queijos, iogurtes, bebidas fermentadas a base de leite (Yakult®), creme de leite, leite condensado, doce de leite, dentre outros;

- **Embutidos:** presunto, salame, mortadela, linguiça, chouriço, paio, salsicha, dentre outros;
- **Comidas congeladas:** Alimentos como lasanha, pão de queijo, pizza, batata frita, quibe, Hot Pocket®, mini-chicken®, hambúrguer e etc, que sejam comprados congelados;
- **Comidas instantâneas:** Miojo®, Vono®, sopão, dentre outros;
- Refrigerantes/ bebidas industrializadas: Coca-cola®, Ades®, Tampico®, Tang®, H2OH®, Kapo®, Kero Coco®, Gatorade®, cerveja, vinho dentre outras;
- **Outros:** especificar quando o entrevistado responder outra classe de alimentos.

Questões 7 a 12: Entregar ao professor o cartão de apoio com o rótulo do sorvete (ferramenta NVS) e em seguida realize as perguntas, tomando o cuidado para que o entrevistado não leia as alternativas. Caso o entrevistado tenha dúvidas, leia o enunciado novamente, da mesma forma como está escrito no formulário.

3.4 BLOCO 5 - VARIÁVEIS RELACIONADAS ÀS CONDIÇÕES DE SAÚDE

Este bloco está subdividido em questões sobre a percepção do entrevistado em relação à qualidade do sono, avaliação da dor e da voz.

A qualidade do sono será avaliada por meio do Índice de Qualidade do Sono de Pittsburg (PSQI), o qual envolve avalia além da qualidade, a latência, a duração, a eficiência habitual e às alterações do sono, bem como o uso de medicações para o sono e disfunção diurna, os quais apresentam pesos distribuídos numa escala de 0 a 3. Os escores para os setes componentes perfazem uma pontuação que varia de 0 a 21 pontos e, quanto maior a pontuação, pior a qualidade do sono. (BERTOLAZI, 2011):

No formulário, às questões relativas ao sono estão enumeradas do um ao treze.

<p>Atenção: As questões referentes dessa escala são referentes às alterações na qualidade do sono <u>OCORRIDAS NO ÚLTIMO MÊS.</u></p>
--

Questão 2: Anotar o número de minutos referido pelo entrevistado. Se o entrevistado informar que varia muito, peça para o mesmo indicar uma média em minutos que ele demorou a dormir no último mês.

Questão 4: Anotar o número de horas referido pelo entrevistado. Caso haja variação na quantidade de horas de sono por noite, peça para o mesmo indicar uma média de horas que dorme cada noite, considerando o último mês.

Nas questões **7,9,10 e 11 – MOSTRAR CARTÃO DE APOIO** ao entrevistado.

Questão 7: Mostrar o cartão-resposta ao entrevistado com as opções de respostas (nenhuma no último mês; menos de 1 vez/mês; 1 ou 2 vezes/semana; 3 ou mais vezes/semana) para os itens de (a) a (l). No item (j) caso o entrevistado refira uma outra razão em relação à dificuldade de dormir, anotar qual é essa razão e no item (l) assinalar a frequência com que tem dificuldade de dormir por essa razão.

Questão 12: Caso o entrevistado responda negativamente a essa questão pular para a questão 14.

Questão 14: nesta questão deverá ser apresentada a figura do corpo humano e solicitar que o entrevistado assinale quais são as partes do corpo em que sente dor. Feito isso, sem ler as alternativas presentes no formulário, você deverá interpretar os locais apontados e fazer um X na alternativa correspondente, lembrando que admite mais de uma resposta.

- | | |
|--|---|
| 1 <input type="checkbox"/> Cabeça, face e/ou boca | 7 <input type="checkbox"/> Costas (na cintura e na região lombar) |
| 2 <input type="checkbox"/> Pescoço/nuca | 8 <input type="checkbox"/> Pelve |
| 3 <input type="checkbox"/> Ombros e Braços | 9 <input type="checkbox"/> Joelhos |
| 4 <input type="checkbox"/> Peito | 10 <input type="checkbox"/> Pernas |
| 5 <input type="checkbox"/> Abdômen | 11 <input type="checkbox"/> Pés |
| 6 <input type="checkbox"/> Costas (acima da cintura) | 12 <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: _____ |

Questão 16: Caso o entrevistado refira mais de um local que tenha dor, perguntar qual delas mais o incomoda, anotar apenas o número correspondente conforme o quadro acima.

Questões 25, 26, 29, 30:

Tratamentos: correspondem a terapias não medicamentosas, como fisioterapia, acupuntura, massagens, chá, tratamento religioso/espiritual, compressas e etc.

Medicamentos: produto farmacêutico, tecnicamente obtido ou elaborado, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico ex: medicamentos alopáticos, homeopáticos, fitoterápicos, florais.

3.5 BLOCO 6 - VARIÁVEIS RELACIONADAS AO TRABALHO II

Este bloco está relacionado a questões que avaliam a capacidade para o trabalho.

ÍNDICE DE CAPACIDADE PARA O TRABALHO

O Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) busca indicar quão bem está, ou estará, um trabalhador no presente ou num futuro próximo, e com qual capacidade ele poderá executar o seu trabalho em função das exigências de seu estado de saúde e capacidades física e mental (ZWART, FRINGS-DRESE, DUIVENBOODEN, 2002).

No formulário de coleta dessa pesquisa às questões relativas à capacidade para o trabalho estão enumeradas do 1 ao 8.

Questão 1: Fazer a pergunta, deixando claro que o entrevistado poderá escolher qualquer valor, desde que de “0” a “10”, sendo “0” aquele que se considera totalmente incapaz ao trabalho e “10” aquele com a melhor capacidade possível para o trabalho – Mostrar cartão de apoio correspondente à questão.

Questão 4: Ler às condições de saúde para o entrevistado e assinalar (2) se “*opinião do entrevistado (O.E)*” e (1) se “*diagnóstico médico (D.M)*” e ainda

assinalar se faz **TRATAMENTO MEDICAMENTOSO ATUALMENTE** para alguma das condições de saúde referidas ou diagnosticadas.

Questão 5: Ler as lesões ou doenças e assinalar (2) se “***opinião do entrevistado (O.E)***” e (1) se “***diagnóstico médico (D.M)***”. Caso o paciente refira uma condição clínica que o entrevistador não saiba em qual grupo de doenças encaixar, anotar no final da pág.12 e levar ao conhecimento do respectivo coordenador de equipe.

Para as questões 4 e 5, lembre-se de utilizar termos mais leigos para questionar os entrevistados sobre alguns agravos. Assim, tente substituir alguns termos, conforme exemplos a seguir:

HIPERTENSÃO ARTERIAL = PRESSÃO ALTA

HIPERLIPIDEMIA = COLESTEROL / TRIGLICERÍDEOS ALTO

ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL = DERRAME

ARTRITE REUMATÓIDE = ARTRITE OU REUMATISMO

Nas questões **1,2,3,6,7e 8** – **MOSTRAR CARTÃO DE APOIO** ao entrevistado.

3.6 BLOCO 7 – VARIÁVEIS RELACIONADAS À VIOLÊNCIA

Este bloco está subdividido em questões sobre violências que foram vivenciadas ou observadas pelos professores, em ambiente escolar e fora dele, além do vínculo que o professor tem com a comunidade e pais de alunos em cada local de trabalho.

Questão 1. Para esta questão considerar as situações de violência que ocorreram na escola (qualquer escola que o professor atue), e com outros professores, funcionários e alunos, e não diretamente com ele. O professor deverá relatar quantos casos ocorreram nos últimos 12 meses. Mostrar cartão de apoio correspondente.

Questão 1.7 Essa questão caracteriza o assédio moral. Esse tipo de violência ocorre normalmente em relações de trabalho (entre superiores e subalternos e colegas de trabalho) e pode ser definido como “*uma conduta abusiva, intencional, frequente e repetida, que ocorre no ambiente de trabalho e que visa diminuir, humilhar, vexar, constranger, desqualificar e demolir psicologicamente um indivíduo ou*

um grupo, degradando as suas condições de trabalho, atingindo sua dignidade e colocando em risco a sua integridade pessoal e profissional (Freita, Heloni, Barreto, 2008).

Questão 1.8 Essa questão caracteriza o bullying, que pode ser definido como: *“Situações em que um aluno, ou um grupo de alunos, causa intencionalmente e repetidamente danos a outro(s) com menor poder físico ou psicológico. As ações abrangem formas diversas, como colocar apelidos, humilhar, discriminar, bater, roubar, aterrorizar, excluir, divulgar comentários maldosos, excluir socialmente, dentre outras”* (Assis, Constantino, Avanci, 2010).

Atenção: não confundir, ou deixar que o entrevistado confunda Assédio Moral com *Bullying*. Apesar de definições muito próximas, o assédio moral ocorre entre os professores, ou entre diretores e professores, enquanto o *bullying* é característico das atitudes dos alunos.

Questão 1.9 Questione outra violência física ou psicológica que tenha ocorrido e não tenha sido citada anteriormente. Anote toda e qualquer resposta do professor, como brigas sem agressão física, precarização da profissão, etc... Anote também quantos casos dessa violência ocorreram nos últimos 12 meses.

Questão 2. Esta questão se refere a situações de violência que ocorreram contra o professor entrevistado, dentro da escola (independente da escola em que atua), em toda a sua atividade profissional. O professor deve considerar se essa violência ocorreu há menos de 12 meses ou há mais de 12 meses. Em caso de ter ocorrido mais de uma vez, e em períodos diferentes, admita as duas possibilidades. Mostrar cartão de apoio correspondente.

Questão 2.4 Essa questão caracteriza o assédio moral. Esse tipo de violência ocorre normalmente em relações de trabalho (entre superiores e subalternos e colegas de trabalho) e pode ser definido como *“uma conduta abusiva, intencional, frequente e repetida, que ocorre no ambiente de trabalho e que visa diminuir, humilhar, vexar, constranger, desqualificar e demolir psicologicamente um indivíduo ou um grupo, degradando as suas condições de trabalho, atingindo sua dignidade e colocando em risco a sua integridade pessoal e profissional”* (Freita, Heloni, Barreto, 2008).

Questão 2.10 Questione outra violência física ou psicológica que tenha ocorrido e não tenha sido citada anteriormente. Anote toda e qualquer resposta do professor e em qual período ocorreu.

Questão 3. Essa questão se refere à situações de violência que ocorreram contra o professor entrevistado, fora da escola. O professor deve considerar se essa violência ocorreu há menos de 12 meses ou há mais de 12 meses. Em caso de ter ocorrido mais de uma vez, e em períodos diferentes, admite as duas possibilidades. Mostrar cartão de apoio correspondente.

Questão 3.3 Questione outra violência física ou psicológica que tenha ocorrido fora da escola e não tenha sido citada anteriormente. Anote toda e qualquer resposta do professor e em qual período ocorreu.

Questão 4. Nesta questão o entrevistado deverá classificar seu vínculo com a comunidade e com os pais dos alunos para cada escola em que trabalha. Caso o professor trabalhe em apenas uma escola, as respostas para o Local de trabalho II e Local de trabalho III é “Não se aplica”. Mostrar cartão de apoio correspondente.

4 INFORMAÇÕES RELACIONADAS AO QUESTIONÁRIO

Atenção: para todas as questões do questionário, orientar o entrevistado que as respostas deverão ser colocadas diretamente no campo “GABARITO”, na margem direita da folha.

O questionário é composto por quatro escalas de avaliação em saúde e um bloco com variáveis para a caracterização social e demográfica.

Dentre as escalas estão: a Medical Outcomes Study Short Form 12 - SF-12 (escala para avaliação da Qualidade de Vida), a Job Stress Scale (escala de Estresse no Trabalho), a Maslach Burnout Inventory (escala para avaliação da Síndrome de Burnout) e a escala de Satisfação no Trabalho. Todas essas escalas foram validadas para utilização no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. **Impactos da Violência na Escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2010. 96 p.

BERTOLAZI, A. N. et al. Validation of the brazilian portuguese version of the Pittsburgh Sleep Quality Index. **Sleep medicine**, Amsterdam, v.12, n.1, p.70-75, jan. 2011.

FACCHINI, L. A. Uma contribuição da epidemiologia: o modelo da determinação social aplicado à saúde do trabalhador in: BUSCHINELLI, J. T. P.; ROCHA, L. E. R.; RIGOTTO, R. M. (org). **Isto é trabalho de gente?: vida, doença e trabalho no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1993. p. 178-186.

FREITAS, M. E.; HELONI, R.; BARRETO, M. **Assédio Moral no Trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 37 p.

TUOMI, K. et al. **Índice de capacidade para o trabalho**. São Carlos: EduFSCar, 2005.

ZWART, B. C.H.; FRINGS-DRESEN, M. H. W.; *DUIVENBOODEN, J. C.* Test-retest reliability of the work ability index questionnaire. **Occupational Medicine**, v.52, supl.4, p. 177-181, 2002.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	Número				
---	---------------	--	--	--	--

Título da pesquisa:

“SAÚDE, ESTILO DE VIDA E TRABALHO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO
PARANÁ”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa “SAÚDE, ESTILO DE VIDA E TRABALHO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO PARANÁ”, realizada nas escolas estaduais de Londrina. O objetivo da pesquisa é analisar as relações entre o estado de saúde e o estilo de vida com o processo de trabalho em professores. A sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: entrevista para preenchimento de um formulário com perguntas referentes à sua saúde, ao estilo e hábitos de vida e sobre aspectos referentes ao trabalho, além do preenchimento de um questionário com escalas para avaliação de sua saúde.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Entre os benefícios esperados do estudo, destacam-se as possíveis repercussões dos resultados nas condições de trabalho e na atenção à saúde do trabalhador, com vistas à melhoria na qualidade de vida e no estado de saúde dos professores. Além disso, caso haja identificação de problemas de saúde, os professores afetados serão orientados a buscar atenção profissional apropriada a cada caso.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode entrar em contato com o Professor Arthur Eumann Mesas (coordenador da pesquisa), que poderá ser encontrado na Rua Robert Koch, nº 60 – Vila Operária – CEP: 86038-440 – Londrina – PR, nos telefones (43) 3371-2398 ou (43) 9908-3910, ou ainda no e-mail: aemesas@hotmail.com. O(a) Sr.(a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Avenida Robert Koch, nº 60, ou no telefone 3371-2490. Este termo deverá ser

preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Entrevistador Responsável

Nome: _____

RG.: _____

_____ (*nome do entrevistado*), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Data: ____/____/____

Assinatura do entrevistado: _____

ANEXO A- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UUEL

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Universidade Estadual de Londrina - UEL/ Hospital Regional do Norte do Paraná

PROJETO DE PESQUISA

Título: SAÚDE, ESTILO DE VIDA E TRABALHO DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO

Pesquisador: ARTHUR EUMANN MESAS

Versão: 1

Instituição: Universidade Estadual de Londrina - UEL/
Hospital Regional do Norte do Paraná

CAAE: 01817412.9.0000.5231

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 22562

Data da Relatoria: 16/05/2012

Apresentação do Projeto:

O projeto aponta a necessidade de se conhecer as condições do processo de trabalho de professores do ensino fundamental e médio por considerar que a atividade docente implica em assumir responsabilidades de grande relevância social, embora muitas vezes as condições do processo de trabalho do professor não sejam suficientemente adequadas e possam, inclusive, associar-se a problemas de saúde nesses trabalhadores

Objetivo da Pesquisa:

1. Caracterizar os professores quanto às atividades profissionais, situação sócio-econômica e demográfica, condições de saúde física e mental, hábitos do estilo de vida, capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse ocupacional.
2. Relacionar o ambiente e as condições de trabalho com a capacidade para o trabalho, estresse ocupacional e absenteísmo.
3. Analisar a associação da qualidade de vida relacionada com a saúde com a capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse laboral.
4. Analisar a associação entre distúrbios na duração e na qualidade do sono e sonolência diurna excessiva com a capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse laboral.
5. Analisar a associação entre depressão, ansiedade e síndrome de Burnout com a capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse laboral.
6. Examinar a relação entre dor crônica e condição vocal com a capacidade para o trabalho.
7. Investigar a relação da atividade física, dos hábitos alimentares e do consumo de tabaco e álcool com a capacidade para o trabalho, satisfação com o trabalho e estresse laboral.
8. Descrever o perfil dos professores quanto à sua alfabetização funcional em saúde, e investigar sua possível relação com o estado de saúde e com o processo de trabalho docente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos. Entre os benefícios do estudo, destacam-se as possíveis repercussões dos resultados encontrados nas condições de trabalho e na atenção à saúde do trabalhador, com vistas à melhoria na qualidade de vida e no estado de saúde dos professores.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os resultados obtidos poderão auxiliar na orientação da organização do ambiente escolar e das condições de trabalho de modo a favorecer o processo de trabalho dos professores, além de possibilitar a identificação dos principais problemas de saúde a serem abordados para a manutenção ou potencialização da capacidade e da satisfação com o trabalho desses profissionais, bem como contribuir para planejamento estratégico de ações que abarquem o sistema de ensino com um todo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Toda a documentação está correta e adequada.

Recomendações:

Recomenda-se envio de relatório final de cada subprojeto ao CEP/UUEL.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado.

LONDRINA, 16 de Maio de 2012

Assinado por:

Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DO NÚCLEO REGIONAL DE ENSINO DE LONDRINA/ SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Of. CHEFIA/NRE n.º 87/2012

Londrina, 04 de abril de 2012

Prezada Senhora
Prezado Senhor

A Chefia do Núcleo Regional de Educação de Londrina, em conformidade com orientações da SEED - Secretaria de Estado da Educação do Paraná, autoriza a realização da pesquisa intitulada, "Saúde, Estilo de Vida e Trabalho de Professores da Rede Pública do Paraná", junto às instituições de ensino da rede estadual de ensino de Londrina.

Informamos que deverá ser comunicado a este NRE, por escrito, qualquer modificação que ocorrer no desenvolvimento da pesquisa e que deverá também ser providenciado o preenchimento do formulário de Cadastro de Pesquisador, bem como a devolutiva dos resultados e dos diagnósticos os quais deverão ser enviados à SEED, via Núcleo Regional de Educação de Londrina.

Atenciosamente

Lucia Aparecida Cortez Martins
CHEFE DO NRE/LONDRINA
DECRETO Nº 788/2011

Ilmos Srs
Profª Drª Selma Maffei de Andrade - Coord. do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva
Prof. Dr. Arthur Eumann Mesas - Coordenador do Projeto de Pesquisas
UEL - Londrina/PR

ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE LONDRINA



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE LONDRINA
ESTADO DO PARANÁ

Of. 609/2012 - GABINETE DA SECRETÁRIA -S.M.E.

Londrina, 20 de abril de 2012

Ilustríssimos Senhores
Profª Drª Selma Maffei de Andrade
Prof. Dr. Arthur Eumann Mesas
Coordenadores do Programa de Pós Graduação
UEL

Somos sabedores de que a realização da pesquisa intitulada "Saúde, Estilo de Vida e Trabalho de Professores da Rede Pública do Paraná", apresentada a esta secretaria, com o objetivo de ampliar o debate e a reflexão acerca de problemáticas sociais relacionadas à Saúde Coletiva no contexto das escolas estaduais de Londrina constitui-se como ferramenta de extrema relevância para a educação do município.

Informamos que deverá ser encaminhada a devolutiva dos resultados e dos diagnósticos os quais deverão ser enviados à SME, aos cuidados de Artemis Torres Nascimento.

Atenciosamente,


Virginia Pelisson Laço

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Secretaria Municipal de Educação
Dec. 390/12 - Mat. 22625-4